

LUCIANA SAVIOLI LUJAN

A MELANCOLIA ROMÂNTICA EM FREUD E NERVAL

CAMPINAS

2001

LUCIANA SAVIOLI LUJAN

A MELANCOLIA ROMÂNTICA EM FREUD E NERVAL

*Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação,
da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade
Estadual de Campinas, para obtenção do título de Mestre
em Ciências Médicas, Área de Saúde Mental.*

Orientador: PROF. DR. MÁRIO EDUARDO DA COSTA PEREIRA

CAMPINAS

2001

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
UNICAMP**

L968a Lujan, Luciana Savioli
Do amor à sombra : a melancolia romântica em Freud e
Nerval / Luciana Savioli Lujan. Campinas, SP : [s.n.], 2000.

Orientador : Mário Eduardo Costa Pereira
Tese (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Ciências Médicas.

1. Psicopatologia. 2. Psicanálise e Literatura. 3. Loucura na
literatura. 4. Narcisismo. I. Mário Eduardo Costa Pereira.. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências
Médicas. III. Título.

Àqueles que, de modo particularmente especial,

integram parte de minha vida:

*aos meus pais, por todo carinho e apoio em meu
percurso,*

e à memória de Guilherme Martins Silveira,

*pelas marcas indeléveis de minha própria
melancolia..*

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente ao meu orientador Mário pelo apoio, pelo carinho tantas vezes confortador e, sobretudo, pela coragem ao confiar em uma jovem entusiasmada, em início de carreira na psicanálise. Minha admiração por seu profissionalismo e meu reconhecimento pelo imenso esforço e risco assumidos, bem como pelo arrojado empreendimento de orientar pessoas de outras áreas no intercâmbio com a psicanálise. A ele, minha eterna gratidão pela paciência a que tantas vezes foi obrigado a dispensar em diversos momentos de nossa trajetória comum. Admiro sua bondade, suas ações humanitárias e sua paixão pela psicanálise, bem como seu trabalho por uma academia mais humana, intelectual e produtiva.

Aos membros da banca, Luis Carlos Tarelho e Paulo Dalgarrondo, agradeço a receptividade, a prontidão e a solicitude com que se dispuseram, em tão ínfimo tempo, à leitura deste texto e, da maneira mais generosa possível, a imensa contribuição intelectual ao desenvolvimento e aperfeiçoamento desta pesquisa.

À Faep, intermediada por meu orientador, pela bolsa-auxílio inicial de três meses. À Capes, pelo apoio financeiro concedido nos últimos seis meses do período institucional de meus estudos.

Agradeço muito ainda à Letícia, responsável pelas conversas sobre filosofia tão esclarecedoras que me encaminharam a uma disciplina crítica na constituição de minhas pesquisas acadêmicas.

À Gisele, amiga admirável, sou grata pela amizade sempre renovada e a quem devo algumas observações pela revisão deste texto, dentre muitas outras bem mais especiais...

Ao meu recente e muito querido amigo Francisco Mariutti, pela revisão posterior da tese, pelo apoio emocional, pelas conversas agradabilíssimas e enriquecedoras, pelo incentivo à escrita e pela amizade que durará infinitamente.

À estimada Alicia Lisondo, a quem agradeço muito pela confiança, pelo carinho e apoio pessoal e, principalmente, pelo exemplo de sua dedicação à psicanálise, de seu altruísmo e firmeza nos valores mais importantes.

Aos meus amigos Edi, Carla e Maria Angélica, pela maior prova de amizade e solidariedade, pela companhia e especialmente pelo apartamento cedido para que eu pudesse terminar esta minha pesquisa.

À amiga Elaine, meu grande agradecimento pela revisão final deste texto, pelo seu acurado e minucioso trabalho.

Sou grata, com especial carinho, à minha irmã Cris e à minha mãe pela ajuda diversas vezes solicitada em relação a aspectos pontuais, dentre inúmeros outros, às minhas amigas Gabi, Lu Dias, Fátima, Sônia, Carmem, Ireô, enfim, a todos aqueles que me apoiaram em vários momentos ao participarem, ainda que de forma indireta, de meu sofrimento pelas vicissitudes desta fase, às vezes tão melancólica quanto o tema ao qual me dediquei. Aos responsáveis pelo conforto e orientação durante as hesitações nestes últimos cinco anos de percurso acadêmico e de minha própria vida, minha imensurável gratidão.

Podemos dizer que a tarefa do poeta (...) é com sua língua, primeiro para preservá-la, segundo para distendê-la e aperfeiçoá-la. Ao exprimir o que as outras pessoas sentem, também ele está modificando seu sentimento ao torná-lo mais consciente; ele está tornando as pessoas mais conscientes daquilo que já sentem e, por conseguinte, ensinando-lhes algo sobre si próprias. Mas o poeta não é apenas uma pessoa mais consciente do que as outras; é também individualmente distinto de outra pessoa, assim como de outros poetas, e pode fazer com que seus leitores partilhem conscientemente de novos sentimentos que ainda não haviam experimentado. Essa é a diferença entre o escritor que é apenas excêntrico ou louco e o autêntico poeta. Aquele primeiro pode ter sentimentos que são únicos, mas que não podem ser partilhados, e que por isso são inúteis; o último descobre novas variantes da sensibilidade das quais os outros podem se apropriar. E, ao expressá-las, desenvolve e enriquece a língua que fala.

T. S. ELIOT

	<i>PÁG.</i>
RESUMO	<i>xxi</i>
ABSTRACT	<i>xxv</i>
INTRODUÇÃO	29
CAPÍTULO I DA. PSICANÁLISE – BREVE PANORAMA HISTÓRICO DA MELANCOLIA: DA MEDICINA ANTIGA À PSICOPATOLOGIA PSICANALÍTICA	41
1.1. DISTINTAS MELANCOLIAS.....	43
1.1.1. Da medicina antiga à psiquiatria no final do século XIX.....	45
1.1.2. Notas sobre a evolução da abordagem e classificação dos transtornos mentais desde Kraepelin: a herança positivista para o século XXI.....	53
1.2. DA PSICANÁLISE DE FREUD.....	56
1.2.1. O processo econômico: a melancolia da primeira fase.....	59
1.2.2. A abordagem psicológica: “Luto e Melancolia”.....	66
1.2.2.1. Narcisismo: auto-erotismo, narcisismo primário e secundário, o equilíbrio vital e salutar.....	69
1.2.2.2 O processo de identificação.....	73
1.2.2.3. A base das relações amorosas: dois modelos da eleição de objeto por meio da identificação.....	74
1.2.2.4. Repressão e ideal do ego.....	76
1.2.2.5. Superego.....	77
1.2.2.6. A auto-estima: perturbação própria da melancolia.....	78
1.2.2.7. Sublimação e idealização.....	79
1.2.2.8. Em direção às idéias freudianas do amor.....	79
1.2.3. Uma leitura contemporânea da melancolia.....	81
CAPÍTULO II – DA LITERATURA – A MELANCOLIA ROMÂNTICA DOS TEMPOS DE NERVAL	87
2.1. O ROMANTISMO.....	89

2.1.1. Uma invadora visão de mundo.....	89
2.1.2. Uma estética romântica do “pépetuo esforço para apreender aquilo que desvanece”: temas, tendências e estilos.....	96
2.1.3. A revolução do estatuto da arte e da literatura.....	101
2.1.4. O melancólico romantismo francês.....	104
2.1.5. Amor e solidão: as experiências das relações intersubjetivas.....	108
2.1.6. Tempos românticos: gênese e sobrevivência de uma mentalidade revolucionária.....	113
A MELANCOLIA ROMÂNTICA DOS TEMPOS DE FREUD.....	118
2.2. UMA PSICANÁLISE ROMÂNTICA.....	118
2.2.1. Uma leitura genealógica da psicanálise.....	118
2.2.2. “Luto e melancolia”na esteira das idéias românticas.....	123
CAPÍTULO III – DA LITERATURA À PSICANÁLISE – GERARD DE NERVAL E SUA AURÉLIA.....	131
3.1. O ROMÂNTICO NERVAL.....	133
3.2. AURÉLIA.....	140
3.2.1. Uma certa concepção da melancolia.....	140
3.2.2. Texto literário como aporte clínico: relação com a psicanálise.....	141
3.2.3. Unidade versus assimetria textual: movimento da escrita como processo de auto-conhecimento.....	145
3.2.4. Unidade pela noção de desejo e sua relação com a escrita.....	147
3.2.5. Descrição da melancolia. Lucidez e recurso literário.....	150
3.2.6. Para uma teoria dos sonhos.....	155
CONCLUSÃO.....	157
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	171
OBRAS CONSULTADAS.....	177



RESUMO

O objetivo deste estudo é compreender o processo subjetivo da *melancolia*, tomando por referência a obra literária *Aurélia*, de Gérard de Nerval. O narrador descreve sua paixão intensa e não correspondida pela musa inspiradora que dá título à obra, no contexto da visão romântica do século XIX, e, através de uma poética “*viagem ao mundo dos Espíritos*”, persegue uma busca transcendental de si mesmo entre sonhos e visões de uma “*doce melancolia*”.

Uma leitura do percurso do sujeito narrador permitirá compreender em que medida ele sucumbe ao processo melancólico por um efeito reativo ante a perda do ser amado, cuja natureza é idealizada e remete a uma perda anterior, arcaica, narcísica. Este processo encontra-se na descrição psicopatológica de Freud em “Luto e Melancolia”, artigo de 1917. Da apreciação de temas psicanalíticos como o narcisismo ou as relações objetais concernentes às relações amorosas do sujeito, compreende-se um universo melancólico dado pelo conjunto simbólico de elementos como a perda, a ausência, o duplo, a morte - simbólica ou não -, inspiradores dos ricos devaneios.

Aurélia, como obra romântica e, sobretudo, nervaliana, fornece exclusivamente distintas dimensões da melancolia. Para a apreensão de algumas delas - como a relativa a uma estética romântica espiritualizada, da história da cultura ocidental, ou a do pensador que escreve, própria de sua experiência subjetiva - bem como da melancolia pertencente à dinâmica psicopatológica de Freud, fundamenta-se a pesquisa por meio de um levantamento de dados sobre a história do fenômeno melancólico de acordo com os discursos, de um lado, estético/literário da primeira metade do século XIX, quando Nerval escreve esta última obra antes de seu suicídio e, de outro, médico/psicopatológico e psicanalítico freudiano do início do século XX. Tal cuidado permite pontuar o que há de comum entre estes diferentes discursos, os quais seguem caminhos paralelos em direção às profundezas da alma humana, para, então, proceder ao que é novo da melancolia à área da Psicopatologia Fundamental a que se aplica esta pesquisa. Mais especificamente, para a compreensão dos mecanismos subjetivos desta psicopatologia clássica, acompanha-se a abordagem freudiana da obra literária como recurso heurístico, cujo ponto de encontro entre os diferentes campos do saber foi realizado segundo os pressupostos de que a intuição do poeta determinaria o caminho para captar a essência da alma humana, logo formulado

como um marco teórico explicativo pertinente ao campo científico em que Freud quis inscrever a psicanálise.

Finaliza-se o trabalho com a referência à atualidade clínica da melancolia e sua intrincada relação com a depressão. Ainda se contempla, à luz da psicanálise, cujas origens podem ser encontradas na reação romântica contra a realidade moderna, uma espécie de atualidade para o resgate desta antiga crítica, renovada nos tempos da ultratecnologia aplicada à ciência que, ainda profundamente empírica e pragmática, carente de olhares críticos e do saber que contempla a subjetividade humana, é capaz, por exemplo, de tornar o medicamento psiquiátrico, sob o discurso da efetividade palpável a partir da supressão ou alívio de sintomas, o amuleto simbólico, amparo aos sujeitos desejanter que sofrem das “doenças da alma” contemporâneas.



ABSTRACT

The objective of this research is to understand the subjective process of melancholy, giving as reference the literary work *Aurelia*, from Gérard de Nerval. The narrator describes his intense and unrequited passion for the poetic muse, who gives title to the work, in the context of nineteenth century romanticism. Through his “journey to the Spirit world” he pursues a transcendental self-discovery while encompassing dreams and visions of a “sweet melancholy”.

A reading of the narrator’s subjective exploration will elucidate to which degree he succumbs to the melancholic process in his reaction to losing the loved one, whose nature is idealized and refers to a previous loss - archaic, narcissistic. This process can be found in Freud’s psychopathological description in “Mourning and Melancholy”, an essay from 1917. With an appreciation of psychoanalytic themes such as Narcissism or object relations concerning the subject’s love life, it is possible to comprehend a melancholic universe formed by a symbolic ensemble of elements such as loss, absence, double, death - symbolic or not - which give inspiration for the richest reveries and daydreams.

In *Aurelia* Nerval explores different dimensions of melancholy. For an understanding of some of them, such as the one related to a spiritualized romantic aesthetic from the history of occidental culture, or that of the philosopher specific to his subjective experience, as well as the melancholy pertaining to the Freudian psychopathological dynamic, this research is established by a survey of the history of melancholy’s phenomena. It proceeds according to the literary discourses from the first half of the XIX century on the one hand, when Nerval writes his last work before committing suicide and, on the other hand, psychoanalysis from beginning of XX century, which contemplates a romantic view of melancholy in the referred essay. Such a method allows a definition of what is common between the different discourses following parallel paths towards the profundity of the human soul, and shifts towards what is new in Melancholy in Fundamental Psychopathology. More specifically, for the comprehension of the subjective mechanisms of this classical psychopathology, it follows the Freudian’s approach of literary works as an heuristic resource, whose points of encounter between these different areas of knowledge rely on his presupposition that the poet’s intuition would determine the way to apprehend the essence of human soul. This presupposition is later formulated into a theory pertaining to scientific fields on which Freud wanted to inscribe Psychoanalysis.

The research ends with a reference to the present clinical understanding of melancholy and its concern about depression. A kind of contemporary rescue of the romantic point of view with regard to psychoanalysis, whose origins can be found in the reaction against modern Rationalism, is thus contemplated. This controversy can be reinvigorated in the light of Ultra scientism which though deeply empirical is destitute of experience that contemplates human subjectivity and is capable, for example, of formulating psychiatric medicine under the concept of concreteness, promising the suppression or alleviation of symptoms but not of the illness. So this medicine becomes the symbolic amulet - a prop for subjects who suffer contemporary "soul diseases".



INTRODUÇÃO

Este estudo pretende trazer à luz o processo subjetivo da *melancolia*, especialmente por meio do que pode oferecer a obra literária *Aurélia*, uma novela do século XIX, de 1854-55, escrita por Gérard de Nerval. O autor suicidou-se antes de terminar a revisão da segunda parte desta obra, escrita em seus últimos cinco anos de vida, entre algumas crises intermitentes de mania e melancolia e em alguns períodos, inclusive, sob internação em clínica psiquiátrica. Trata-se de uma obra considerada autobiográfica ¹.

O narrador relata, em 1^a pessoa, seu percurso após uma estranha doença que afetou sua vida, embora revele nunca se ter sentido tão bem em toda sua existência, e empreende a busca da compreensão do que o toma tão completa e profundamente. Uma questão central em *Aurélia*, à qual são atribuídas as causas aparentes desse novo estado, é uma intensa paixão, não correspondida, pela mulher a quem dedica o título da obra.

Nos relatos de sonhos e visões dessa estranha perturbação, a intenção do narrador é, em palavras textuais, considerando os “modelos poéticos desses estudos da alma humana”– como as obras de Dante, de Apuleio e Swedenborg, por ele citados –, “transcrever as impressões de uma longa doença que se passou inteiramente nos mistérios de meu espírito”, mas que ele próprio prefere não chamar de doença, pela dimensão que esse novo estado alcança, passando então a relatar a experiência nomeada *Vita nuova* (NERVAL, 1986, p. 15).

Há em *Aurélia* um movimento constante de busca e reflexão, em que a melancolia adquire um universo divinizado e um caráter de revelação mística, que

¹ Deve-se ressaltar, entretanto, que não se pretende tomar *Aurélia* por uma psicobiografia, inserindo dados da vida do autor à análise da obra para corroborar hipóteses, mas por uma obra independente que, no aspecto transcendental de acordo com o Romantismo, supera a materialidade do real, pois é capaz de sintetizar, na linguagem da arte, certos elementos que irão proporcionar material abundante para compreender a melancolia. Porém, não se pode deixar de mencionar que, paradoxalmente, segundo o que se aprecia da história pessoal de Nerval, ele se afirmou no que dele suas obras revelam, no que elas significaram de sua busca interior pessoal. Sendo assim, essas informações subsistem nesta pesquisa a título de complementação ao todo deste estudo, à compreensão da obra em sua contextualização.

podereferenciar-se no Transcendentalismo², movimento próprio do período romântico; nesta visão, reflete-se na narrativa *uma nova abordagem da realidade melancólica subjetiva*, apoiada em uma outra referência de valores, como pretendia o Romantismo, que opera com a idéia do simbolismo das palavras e da criação artística, esta que deveria representar o que é verdadeiramente característico de uma essência humana espiritual, de caráter universal.

É possível entender esse novo estado como representante – a partir de uma experiência melancólica singular – de uma estrutura revelada tanto na obra literária como nos estudos freudianos, geradores da conceitualização psicanalítica do fenômeno. Além das expressões alusivas como “derramamento do sonho na vida real”, “entusiasmo artificial”, “superexcitação febril”, “embriaguez vulgar”, “corri o mundo insanamente”, “fervor repentino”, “pensamentos melancólicos”, “doce melancolia”, a obra *Aurélia* concentra diversos temas que podem ser relacionados a essa clássica enfermidade: a perda, a ausência, a morte, o duplo. O interesse estende-se do conteúdo à forma como este é descrito, reveladora também dos significados da obra.

Uma leitura do *percurso* do sujeito narrador permite compreender em que medida ele sucumbe ao processo melancólico como reação ante a perda de sua amada, cuja natureza é idealizada e remete a uma perda anterior, arcaica, original, narcísica. Assim, torna-se esta obra fundamental para melhor compreender e ilustrar o eixo da questão melancólica: com a perda do objeto amado, um objeto idealizado, desencadeia-se a perda narcísica, latente no sujeito. Aqui a leitura direciona-se ao olhar da psicanálise.

Aurélia é tecida por relatos memorialísticos que se amalgamam entre devaneios, reflexões, fatos passados e presentes – em relação ao momento do registro das memórias, ou seja, da escrita propriamente dita – da vida de quem narra. O que se parece diluir sob a aparência da fragmentação revela, no fundo, uma estrutura maior, condutora da

² Conforme o verbete do *MERRIAM-WEBSTER's Encyclopedia of Literature*, o Transcendentalismo foi um movimento de escritores e filósofos do século XIX, especialmente na Inglaterra, que se caracterizou pela aderência a um sistema de pensamento idealista, baseado na crença da unidade essencial de toda criação, na bondade inata da humanidade, na supremacia do *insight* sobre a lógica e na experiência para a revelação das mais profundas verdades (1995, p. 1128). Trata-se ainda, conforme se aprecia na história sobre o Romantismo (segundo capítulo deste trabalho), de uma crença romântica no transcendentalismo da linguagem tornada simbólica e, conseqüentemente, da estética que, unida à religião e à filosofia, poderia alcançar a transmissão de verdades profundas sobre o homem e o universo, irredutíveis à linguagem da razão.

busca infinita por uma unidade essencial. Episódios, gestos, ações, sensações, sonhos, visões, todos se estabelecem em um mesmo plano, têm um mesmo valor significativo, operam um mesmo sentido para a busca de compreensão que pretende o narrador. Não importa aqui uma distinção entre a realidade, o sonho, o pensamento e a imaginação. Estes, em torno de um eixo, refletem questões profundas de uma perda ligada aparentemente a uma paixão intensa e não correspondida por Aurélia, a musa inspiradora. Pela leitura e comparação dos sonhos noturnos ou diurnos do narrador-personagem, constata-se que os elementos reais, oníricos ou imaginários participam de um mesmo movimento. Há uma unidade textual representativa da questão fundamental que envolve o narrador e da forma que toma seu desejo.

Embora esta obra apresente de modo privilegiado a questão aqui abordada, não é possível ignorar que a melancolia necessita de referenciais muito bem definidos para a sua compreensão em cada contexto. A idéia de que se pode falar de muitas melancolias deve ser preservada, em função de sua particularidade relativa ao indivíduo e ao mundo concreto, emocional, cultural e histórico do qual ele faz parte.

A melancolia se apresenta, desde a Antigüidade, polissêmica e polimórfica e, hoje mais do que nunca, pode ser interpretada como reflexo deste tempo cultural, vastamente amplo, multiplicado ao extremo e, igual e paradoxalmente, dividido e fragmentado. Ao abordá-la, inicialmente é preciso definir a que campo pertence para, então, buscar sua especificidade. Como *entidade psicopatológica* por excelência em tempos atuais, a melancolia demanda neste trabalho a observação de seu registro histórico médico, psiquiátrico e, principalmente, psicanalítico, para definir-se à *Psicopatologia Psicanalítica*. Será necessário, ainda, partir para um maior alcance de certos conceitos psicopatológicos e melhores definições da clínica³ dos estados depressivos e melancólicos, que não encontram até o momento evidências claras tanto em suas causas quanto em sua sintomatologia,

³ Convém salientar a referência à clínica psicanalítica. Em sua fonte teórica esclarecem-se alguns conceitos sobre depressão e melancolia, embora não haja correspondência direta entre a classificação de ambas as psicopatologias para as clínicas psicanalítica e psiquiátrica. Esta última, inclusive, desconsidera a melancolia como categoria psicopatológica; um livro de referência psiquiátrica obrigatória, *Classificação psiquiátrica dos transtornos mentais e de comportamento da CID 10* (1993), não apresenta menção ao termo; ou, ainda, na atualizada edição do *Compêndio de Psiquiatria Dinâmica* (1997), encontra-se a melancolia como um estado de humor pertencente à categoria de transtorno afetivo bipolar, classificado anteriormente como psicose maníaco-depressiva.

buscando uma maior amplitude de significados dentre sua inevitável confusão terminológica.

Uma pesquisa de ordem psicanalítica da melancolia não pode ter senão como marco teórico o artigo de Freud intitulado “Luto e melancolia”, escrito em 1915 e publicado em 1917. O artigo versa sobre o estudo da inscrição psicanalítica do sujeito no mundo, as bases de formação de uma possível contingência narcísica patológica – dadas pelo estudo genético – e o aparecimento da crise desencadeada por fatores exógenos como, por exemplo, a perda de um grande amor, idealizado pelo sujeito, relativa em verdade, segundo Freud, a uma perda narcísica, de parte de si mesmo. O descaminho na fixação do desejo pode ser identificado na gênese da vida psíquica do indivíduo narcisista.

Estando na função de auxiliar a compreender melhor a melancolia do campo clínico psicanalítico, segue-se o método da *Interpretação dos sonhos*⁴. A questão fundamental a permear a leitura revelaria o desejo em realização na obra literária. Nesta proposta, orienta este trabalho o modelo freudiano de análise dos sonhos, observando-se os próprios sonhos da obra. Assim como o sintoma, a criação artística e literária, o lapso, o chiste, o sonho, etc. podem revelar, em diferentes linguagens, um mesmo desejo, a questão fundamental do sujeito narrador de *Aurélia* está submersa em todos os níveis de forma e conteúdo – em situações oníricas ou de vigília – do relato.

Para a confluência do discurso literário e do discurso psicopatológico/psicanalítico freudiano, ambos com suas próprias concepções de mundo⁵, constitui-se *Aurélia* o centro da reflexão. Do discurso literário, apreende-se uma determinada concepção da melancolia, embasada pelo arcabouço literário e filosófico de meados do século XIX, no período cultural determinado romântico. Do discurso psicanalítico, torna-se possível compreender os mecanismos de desenvolvimento da

⁴ O método freudiano de abordagem da literatura dá-se pelo estabelecimento do modelo da *Interpretação dos sonhos* para a análise das representações psíquicas inconscientes, tanto para os sonhos, os sintomas neuróticos, os lapsos, os atos falhos como para os chistes, os provérbios, os mitos populares e o folclore, a literatura e representações do campo artístico em geral (pintura, escultura, etc.). Freud encontrou permissão a este método na comparação entre sonho e arte; ambos apresentam um enigma figurativo, embora haja uma diferença fundamental: o sonho não se destina à compreensão, à comunicabilidade, enquanto o faz uma obra artística, principalmente a literária, conforme aponta KOFMAN (1996).

⁵ Uma palavra mais adequada para ilustrar tal idéia seria a *Weltanschauung*, um conceito alemão que compreende um conjunto de valores unido ao conjunto das experiências e das circunstâncias próprias à realidade, constituindo um todo que sintetiza uma determinada visão ou concepção de mundo.

melancolia como um estruturado complexo sintomático – este redimensionado na idéia do *pathos*, relativo às paixões da alma – que reflete a inacessibilidade daquele que é tornado objeto de desejo, ligado inconscientemente ao ideal narcísico do sujeito.

Do referencial teórico freudiano como recurso heurístico para a análise da obra literária, subtrai-se um impasse: para extraírem-se os significados à compreensão da melancolia subjetiva, encontra-se implícita uma questão epistemológica e, portanto, de especial importância, referente ao método de análise. Se não é permitido falar da mesma melancolia para a Antigüidade como para o Romantismo, por exemplo, também a melancolia literária pertence a um estatuto diferente do da melancolia clínica. Assim, uma analogia contrapondo ambas as obras que pretenda um ponto de encontro entre campos diferentes do saber, sejam eles o estético, da literatura, e o científico, racional, da psicopatologia psicanalítica, deve ter em consideração a produção dos diversos significados de cada discurso. A intenção é provar a possibilidade fecunda da aproximação entre os dois tipos de discurso abordados, atribuindo à literatura uma função de aporte ao conhecimento construído na psicopatologia psicanalítica, e não o contrário.

Essa abordagem interdisciplinar era realizada por Sigmund Freud em seus estudos psicanalíticos⁶, quando imaginava que o recurso literário pudesse preencher as lacunas do discurso científico. Para ele, a intuição do poeta determina o caminho que permite captar a essência da alma humana e que poderia ser logo transformada e formulada em um marco teórico explicativo próprio da ciência.

⁶ A abordagem psicanalítica da obra de arte começa com o próprio Freud, em um trabalho pioneiro que estabelece paralelos da psicanálise com o campo da arte, da estética, especialmente com a literatura. Ao identificarem-se as leituras psicanalíticas de Freud a partir de obras artísticas, observa-se que, logo após a primeira tópica, as análises literárias que contribuem para sua teoria do Complexo de Édipo realizam-se pela leitura da própria tragédia edípica e de *Hamlet*. Outras análises fecundas são dadas pelas leituras de *A juíza*, de Meyer, e de *A Gradiva*, de Jensen.

Para Freud, era óbvia a idéia da descrição da vida psicológica dos homens como domínio próprio dos artistas antes de tê-lo sido da ciência, da psiquiatria e da psicologia científica, os quais podem beber da fonte da literatura para enriquecer o seu saber. A literatura, com a função – romântica – de proporcionar o conhecimento do psíquico, de transformar a visão do homem que ele tem de si mesmo, combinada ao método psicanalítico, teria muito a acrescentá-lo. O artista tem a capacidade de, por meio de sua obra, contribuir para esta visão; mas não o faz de modo explícito, pois nem ele próprio teria essa consciência de si mesmo e de seus desejos inconscientes, só tornados compreensíveis à luz do trabalho de um psicanalista. Segundo Freud, o artista, para compor, disfarça o conteúdo latente de seu inconsciente com elaborações pré-conscientes que dissimulam o recalque. Este estará presente em qualquer manifestação artística, embora disfaçado, em forma de conteúdo latente, assim como nos sonhos (Cf. FREUD, “Escritores criativos e devaneios” (1907)).

Não se trata então apenas de dois discursos paralelos, à consideração de que o próprio Freud acreditava constituir a psicanálise um intento de tradução de uma realidade transfísica para uma linguagem científica. Há um ponto de intersecção em que a dimensão artística da melancolia deve apresentar contribuições à teoria científica e no qual se baseia a questão epistemológica para justificar a interdisciplinaridade desta pesquisa. Para além de uma leitura psicanalítica da literatura – e longe de reduzir as possibilidades de análise da obra literária –, busca-se a possibilidade de que o poeta renove ou acrescente questões à teoria analítica. Para tanto, deve-se acentuar a diferença fundamental entre as leituras que intervêm na confissão do poeta e no diálogo terapêutico; na primeira, a transferência psicanalítica realiza-se a partir de texto escrito e, portanto, imutável; já na relação a dois estabelecida por meio da clínica, a transferência marca a permanente e, até certo ponto – relativo ao alcance da ciência atual –, irreduzível produção e reprodução de significados, alimentando-se e ampliando-se, em um desdobramento diverso daquele que provém da literatura.

Novos elementos emergem do encontro de ambos os discursos para a compreensão do fenômeno melancólico nos termos da *psicopatologia*. Esta palavra resgata hoje um dos sentidos etimológicos – e romântico do século XIX – para a ciência à qual dá nome: *pathos*, do grego παθός, representa “um atributo da afetividade do ser, o que se sofre ou que afeta a alma; em retórica, expressão apaixonada”; século XIX, *patológico*, do grego παθολογιχός, “que trata das paixões, das afeições; relativo a doenças” (MACHADO, 1959).

As paixões da alma reconstruídas pela obra literária apresentam-se à cultura científica de forma que esta, isoladamente, não pode captá-las em profundidade. Viabilizar relações com o estudo das psicopatologias promoveria, em certo sentido, a compreensão dos caminhos pelos quais percorre o *desejo* individual do homem, buscando um meio para realizar-se e satisfazer-se, movimentos infinitos ao longo da existência humana. Ao trazer novos olhares sobre o homem e para o homem, da literatura pode-se apreender significados muito além daquilo a que se refere DELEUZE (1997) ao situar o que se oculta no delírio quando este recai no estado clínico, visão reduzida à patologia no que ela representa negativamente. A literatura, reveladora das *paixões* que conduzem o homem em seus atos e

movimentos, pode ser calada pelo discurso clínico se determinada por tal visão “patologicista”.

Em diferente abordagem para uma nova e ampla compreensão do fenômeno como entidade psicanalítica, tão fantasticamente apresentada na linguagem literária de Nerval, não se pretende a melancolia como enfermidade e tampouco seu julgamento como benéfica ou maléfica. *Aurélia*, em outra escala de valores nesta otimista empreitada nervaliana, pode fornecer uma nova dimensão da melancolia para além das apresentadas até agora, enriquecendo o estudo tão bem colocado por Freud que ainda hoje consta como uma das principais referências para a clínica.

Este estudo divide-se em três capítulos. O primeiro, responsável por dois domínios epistemológicos, médico/psiquiátrico e psicanalítico, traz inicialmente um levantamento de dados sobre a história da melancolia para ampliar o universo cultural e entender melhor a obra de Nerval em função do que ela representa segundo os aportes da época. O final deste panorama inclui alguns comentários sobre o estatuto da melancolia do ponto de vista da clínica médica atual, no sentido de estabelecer uma ponte entre o que representava esta entidade nos tempos da escritura de *Aurélia* e o que haveria de comum com o fenômeno melancólico que hoje se traduz aos tempos da ultratecnologia e de uma infinidade de recursos científicos e epistemológicos. Desse modo, busca-se um panorama histórico das principais referências na medicina sobre esta psicopatologia. Sob uma primeira perspectiva médica, justificam-se definições do conceito que compreendam: dados sobre a etiologia e a nosografia da melancolia – causas/origens e manifestações, formas como se apresenta e desenvolve-se – por meio das principais teorias; semelhanças e divergências quanto às mesmas, conforme diferentes autores ou épocas, procurando caracterizar de forma um pouco abrangente os distintos pressupostos semânticos, epistemológicos e metodológicos que compuseram cada escola ou período principal. Para tanto, com base em critérios de abrangência e importância, foram selecionados os períodos ou textos mais representativos dos enfoques psicopatológicos da melancolia. O segundo momento deste capítulo dedica-se à abordagem psicanalítica, tendo como ponto central a definição freudiana desta psicopatologia e como conceitos principais o *narcisismo*, a *identificação*, a *regressão da libido ao ego*, a *idealização*, o *superego*, entre outros. No que concerne às discussões psicanalíticas mais avançadas e atualizadas da melancolia,

apresentam-se algumas hipóteses defendidas por Marie-Claude Lambotte, que podem apresentar intercâmbio com muito do que *Aurélia* traz de revelador, mesmo em uma linguagem diferente.

Torna-se fundamental ainda, para o ponto de encontro que aqui se propõe entre os campos epistemológicos da literatura e da psicanálise, ilustrar a existência de uma melancolia romântica como reflexo do período literário, histórico, social e cultural de meados do século XIX. Assim, no segundo capítulo, são abordados alguns marcos literários para este tema, com enfoque para a concepção da melancolia que traga à luz o universo da época de produção do texto literário de Nerval. Nesta ilustração, que contém ainda uma segunda parte, incluem-se os antecedentes românticos da psicanálise que permitem efetuar uma aproximação dos diferentes discursos por meio de um estudo genealógico, especificando-se certos elementos da herança romântica em Freud.

A seqüência correspondente ao último capítulo mostra aspectos relevantes da vida de Nerval, fundamentada em certos valores românticos de sua época, justificando-se um momento em que o relato de *Aurélia* coincide com a vida de seu autor. Por um cuidado epistemológico, porém, tal material não se volta à confirmação da questão clínica, não obtendo estatuto de referência para a análise, uma vez que teoricamente a vida do autor não se coloca como recurso necessário para comprovar a veracidade das idéias, segundo já exposto.

O mais importante movimento é demonstrar como *Aurélia* pode elucidar sua questão principal no que ela traz de revelador sobre o percurso melancólico do sujeito lírico, com ênfase às análises da forma e do conteúdo da obra. Este capítulo procura desenvolver aspectos da relação do texto de Nerval com o discurso médico do período e com a linguagem freudiana, praticamente contemporânea a essa época, já balizada pela referência anterior aos elementos românticos do fenômeno melancólico na teoria psicanalítica. Nessa direção, se *Aurélia* se enquadra no mesmo estatuto de *A Gradiva* para a teoria psicanalítica, é preciso demonstrar como a obra ilustra de forma privilegiada a questão melancólica, ao considerá-la como uma vivência muito particular que reflete a perda narcísica e trata de uma solidão profunda, revelada no momento da perda de um objeto – um ser – idealizado, o impossível objeto de desejo do sujeito.

Finalmente, tendo partido de um estudo histórico mais genérico sobre a melancolia, cujos eixos costumam abarcar a concepção de médicos, filósofos, literatos e outros como representantes de uma mesma entidade, e visando posteriormente à divisão mais criteriosa entre o campo médico e o campo literário, é possível esclarecer que antigas concepções sobre o tema e sobre uma pesquisa interdisciplinar de risco, que pode incorrer na redução psicanalítica da obra literária, foram melhor elaboradas neste sentido: nem sempre se fala de um mesmo objeto e assim não se deve apreciar uma entidade histórica tal qual a melancolia como um fenômeno de existência delimitada, definida e invariável. O estudo histórico-genealógico mostra que se pode tratar de diferentes categorias, confundidas porque se referem a um mesmo nome. Esse cuidado permitiu ainda demarcar melhor a comparação entre os discursos sobre a melancolia em meados do século XIX, quando Nerval escreve *Aurélia*, e o discurso psicanalítico freudiano, de início do século seguinte. Por ser esta uma pesquisa de interface, cujas possibilidades são examinadas a partir do modelo interpretativo da abordagem freudiana das obras literárias, é possível constatar que a análise de um mesmo tema – a melancolia – em diferentes campos de conhecimento – médico, literário, psicanalítico – pressupõe sua efetividade por meio de analogias, conforme já colocado, e que tal processo deve tornar-se explícito durante sua trajetória.

A conclusão inclina-se a uma nova perspectiva da melancolia tanto do texto de Nerval quanto da literatura freudiana até os tempos atuais. Essa melancolia que, no período romântico, transcendeu o universo subjetivo para denunciar sobretudo a crise moderna das idéias e dos valores, pode ser resgatada em certo sentido pela psicanálise e, com ela, significar ainda muito dos problemas contemporâneos com relação ao estatuto da psicopatologia e suas teorias, suas práticas e sua dimensão tanto científica quanto social. A imagem da melancolia que trata de um vazio constitutivo do ser humano, potencializado ou não como patologia, nesta última observação pode ser ainda estendida a uma correlata ausência nas bases da cultura – e não apenas do sujeito – que, outrora situada no período romântico, atualiza-se ao ser reavaliada como significante dessa profunda falta: a do

Conhecimento subjetivo – “espiritual”⁷ – do ser humano na presente realidade, diluída e fragmentada em um processo contínuo de alienação.

⁷ Esta palavra é usada no Romantismo em um amplo sentido referindo-se ao que é próprio da subjetividade e concernente aos pensamentos e crenças mais profundos do ser humano.



***CAPÍTULO I
DA PSICANÁLISE***

*... todos os melancólicos são portanto seres de exceção,
e isso não por doença, mas por natureza.*

ARISTÓTELES

BREVE PANORAMA HISTÓRICO DA MELANCOLIA: DA MEDICINA ANTIGA À PSICOPATOLOGIA PSICANALÍTICA

1.1. DISTINTAS MELANCOLIAS

Um breve panorama histórico sobre a melancolia revelará algumas distintas concepções que conduzem a uma vasta imprecisão do termo em seu desenvolvimento ao longo dos tempos. Verifica-se, em uma observação mais aprofundada, que diferentes fenômenos foram atribuídos a uma determinada nomenclatura segundo um desejo de manter um termo tradicional através dos séculos, o que assegura o rumo do desenvolvimento de uma ciência como a medicina, por exemplo, conforme expõe brilhantemente STAROBINSKI (1962) em sua história do tratamento ocidental da melancolia até o final do século XIX.

A melancolia pode ser reportada inicialmente como uma forma clássica da loucura⁸, paralela à mania, e seu primeiro registro literário aparece em Homero, na *Ilíada*, vindo a sofrer várias modificações em cada época da cultura ocidental conforme o pensamento filosófico ou científico dominante. A título de ilustração, serão brevemente apresentadas algumas teorias em torno deste clássico fenômeno que, indistintamente, trata de um sofrimento imobilizante, de uma tristeza profunda do ser.

⁸ Em vez de constantes definições particulares da melancolia, será utilizado algumas vezes o termo loucura, dada a abrangência teórica de cada período em relação ao principal objeto de estudo desta pesquisa.

O livro de PESSOTTI (1994), *A loucura e as épocas*, é, entre outros textos (STAROBINSKI, 1962; PIGEAUD, 1998), um dos pontos de apoio para explorar a melancolia, destacada em tempos que imprimem transformação significativa de sua abordagem: a Antigüidade clássica, cujo recorte contempla as obras de Homero, Ésquilo, Sófocles (497 - 406 a.C.), Eurípedes (485 - 407 a.C.), Hipócrates (460 - 361 a.C.), Platão (429 - 348 a.C.), Aristóteles (385 - 322 a.C.) e Galeno (218 - 268 d.C.); séculos XV e XVI medievais com uma visão demonologista da loucura; séculos XVII e XVIII, que promovem um enfoque médico da alienação, até o final do século XIX, com o estabelecimento definitivo da psiquiatria como especialidade médica, quando a melancolia orienta-se como categoria psicopatológica.

Posteriormente, a psicanálise de Freud constituirá a principal abordagem para a melancolia, avaliada especialmente como processo psicológico. É ainda a Psicopatologia Fundamental que retoma o vértice freudiano para proceder às suas pesquisas, cujo campo permanece aberto a novos e inúmeros estudos.

Já na psiquiatria contemporânea, o termo foi excluído de compêndios e manuais devido à sua polissemia, embora o que se refira aos presentes complexos ou grupos psicopatológicos relativos ao fenômeno venha, de forma paradoxal, a sofrer ampla difusão das classificações derivadas, de acordo com o jargão técnico bastante hermético e com base no procedimento científico de orientação empírica e pragmática. Observa-se contemporaneamente o sucesso de sistemas operacionais como a nosografia dos transtornos mentais apresentada pelos manuais americanos de diagnósticos na segunda metade do século XX – DSM-III e DSM-IV –, guiados por ideais de uniformização de linguagem contra a corolária proliferação terminológica das classificações das doenças mentais. Essa postura positivista permanece corroborada pelas novas descobertas com o avanço de ciências como a farmacologia e a neurobiologia, especialmente em função dos resultados diagnósticos obtidos com o uso dos psicotrópicos a partir da década de 1950.

1.1.1. Da medicina antiga à psiquiatria do final do século XIX

Na Antigüidade, *ainda não existia uma concepção estruturada da natureza humana* em torno de categorias ou definições para certas atitudes ou reações propriamente emocionais, pertencentes hoje ao campo da psicologia. As alterações de comportamento eram atribuídas em parte aos deuses, que raptavam a razão ao homem e devolviam-lhe imprevisivelmente. Tais reações eram pensadas com o conceito de *thymos* em grego, relativo à alma, para explicar aspectos funcionais e psicológicos do ser humano; tratava-se de uma espécie de intermediação entre seu mundo interno e externo, regendo, por exemplo, as motivações, a aprendizagem, as sensações, a memória etc. Pelo *thymos*, o homem desejava, sentia e atuava.

A melancolia, como um entre tantos estados de sofrimento da condição humana, teve seu registro assegurado pela literatura antes que os médicos se pusessem a estudá-la, encontrando-se o que se considera por uma primeira menção em Homero. O canto VI da *Ilíada* (versos 200 a 203) expressa o sofrimento de Belerofonte em uma espécie de imagem melancólica, quando o herói, devido à cólera dos deuses, fora condenado à solidão e caminhava errante, atormentado pelo sentimento de desamparo e isolamento. Para recobrar-se, Belerofonte depende da benevolência divina. Na *Odisséia*, por sua vez, descreve-se o *pharmakon*, uma secreta fusão de ervas egípcias destinada a acalmar as aflições, a ansiedade e induzir à aceitação do próprio destino, traçado pelos deuses. Encontra-se ainda em Homero o termo mania que, distintamente da melancolia, era em sua origem utilizado para designar o furor do guerreiro possuído por uma força sobrenatural e que ilustra a loucura, o desvario, o descontrole emocional.

As narrativas épicas cedem espaço para as tragédias gregas, que inserem o universo da ética e da moral às ações humanas, estas conduzidas a irrevogáveis conflitos pelo golpe de um destino inequívoco. A apreensão do universo humano é redimensionada quando a loucura trágica, principalmente dos textos de Ésquilo, Sófocles e Eurípedes, começa a revelar algo sobre o descontrole ou a exacerbação a partir de erros cometidos ou de um amor vivido com exagero, particularmente no último deles⁹. Tal concepção

⁹ “A consciência da natureza contraditória do homem e do entrechoque inconciliável entre uma ética baseada na razão e as paixões e apetites humanos conduzirá Eurípedes a compor grandes personagens desatinados” (PESSOTTI, 1994, p. 28).

abandona o fatalismo da mitologia no momento em que as paixões humanas invadem a cena; agora também são causadoras da loucura, gerada pelo impasse de uma conduta irresistível e proibida e a norma social. Há, nos textos, o que se pode considerar como mostras *caracterizáveis* de melancolia, mania, paranóia e esquizofrenia; distingue-se que, em algumas, não há perda da realidade, mas um desequilíbrio emocional, que pode ser reconhecido pela racionalidade e, então, engendrar a consciência, o auto-conhecimento. A loucura passa a pertencer à ordem da psique.

Nos textos hipocráticos, encontra-se um primeiro enfoque organicista da melancolia que, de natureza biológica, torna-se conseqüência das disfunções humorais. O conflito interno e externo resulta, portanto, físico, cuja reação, dado o prolongamento da fisiologia do organismo ao ambiente externo, ocorre a partir da ruptura do equilíbrio harmônico que garantiria o estado saudável. A influência de tal teoria é herdada de Empédocles (444 a.C.), que via o ambiente natural regido por quatro elementos essenciais: calor, frio, secura e umidade. É irrelevante nesta concepção o caráter psicológico e emocional como fonte do problema¹⁰.

Hipócrates desenvolve a teoria dos quatro humores corporais: sangue, bílis amarela e bílis verde, escura (negra/atrabílis) e fleuma (pituíta), combinados aos quatro elementos naturais – água, ar, terra e fogo – ou às quatro qualidades da atmosfera, podem produzir os temperamentos correspondentes: sangüíneo, fleumático, colérico e melancólico. A esta teoria cosmológica pode-se ainda acrescentar as quatro estações, as quatro direções do espaço, as quatro etapas da vida, etc. O delírio e os distúrbios de comportamento são importantes como sintomas e revelam um desequilíbrio no estado humoral do organismo.

Platão apresenta uma nova teoria para a loucura, que resultaria do desequilíbrio entre as três almas formadoras da *psyqué*: uma localizada na cabeça, cuja função é racional, outra no coração, afetiva e espiritual, e uma terceira no abdômen, da parte “apetitiva” do corpo, sexual. No *Timeu*, Platão afirma que a perda da razão é uma doença da alma, esta dada por prazeres e dores em excesso.

¹⁰ Convém lembrar que as teorias médico-filosóficas, se assim puderem ser consideradas como discussões sobre a loucura, não se superam umas às outras numa linha histórica linear, mas coexistem, desaparecem e retornam conforme as tendências e preferências de cada autor no decorrer dos tempos até o século XIX.

É de Aristóteles, entretanto, o tratado sobre a melancolia que maior influência exerceu na cultura ocidental antiga: *Problemata XXX*. As causas determinantes daquela pairavam sob a influência da teoria hipocrática dos fatores somáticos e humorais, mas acrescentou-se o problema da relação entre a fisiologia e o comportamento. A mente não participava das sensações, e as duas partes da alma, a racional e a irracional, situavam-se no coração. A teoria aristotélica considerava ainda o calor vital; a mudança de temperatura provocaria a loucura: o frio, a dor, a depressão; o calor, o prazer, a excitação. A melancolia era entendida ainda como uma disposição de caráter e não apenas como acometimento patógeno, ou seja, potencialmente um sujeito poderia ser melancólico estando submetido às produções instáveis da bÍlis negra as quais, então, tomariam abundantes formas e características; nesta concepção da natureza melancólica existe saúde (PIGEAUD, 1998). É assim que o tratado pode discorrer sobre a criatividade melancólica estabelecendo uma interessante relação entre genialidade e loucura e utilizando exemplos de homens ilustres como Empédocles, Sócrates e Platão.

Celsus, físico e filósofo romano influenciado por Hipócrates, distingue três tipos de loucura: a mania, a melancolia e a loucura crônica; a loucura acompanhada da alegria seria menos perigosa do que a associada à tristeza, que parecia dever-se à atrábilis.

A ele segue-se Areteu de Capadócia, com descrições mais detalhadas sobre as formas da loucura, introduzindo temas comportamentais para definir idéias de ilusão e alucinação. Este faz distinções entre mania e melancolia e profere uma concepção “pneumatista” das enfermidades: se o *pneuma* for rarefeito e seco, produz desvario e vertigens, se quente e seco, mania ou melancolia. Em suas terapias, contempla caracteres de ordem emocional. Relativo à melancolia, há uma associação à carência afetiva e emocional, que poderia ser curada através do amor. A importância terapêutica estaria na satisfação do desejo, embora apenas na cura da falsa melancolia; a verdadeira continuava sendo definida pela teoria dos humores. Nesse sentido, a prática sexual teria função terapêutica, não apenas no que concerne ao efeito emocional, mas também à eliminação de fluidos do corpo, pois o desajuste do sistema humoral poderia causar sintomas tanto orgânicos – problemas digestivos, circulatórios, motores – quanto de comportamento, como tristeza, medo, furor, etc.

Outro nome importante do período é Soranus de Éfeso. Sua contribuição está nas idéias psicoterápicas: conviria encorajar os melancólicos a escreverem e fazerem discursos, inclusive os iletrados, com o devido reconhecimento por parte de quem os incentiva. Aos músicos melancólicos, por exemplo, sugeria incentivos e elogios. Dá-se extrema importância ao sucesso pessoal e ao apoio social. É importante notar ainda que toda forma de loucura continua sendo somática, corporal, e apenas secundariamente seus sintomas são mentais, como o delírio.

Galeno, no século I, retoma as idéias platônicas. Sua teoria evolui no sentido de que, embora o processo continue com sua origem humoral, no abdômen, passa a afetar o cérebro, lesando a razão, a imaginação e a memória. Aqui a teoria chega claramente dividida entre fatores somáticos, orgânicos e “psicológicos”, estes como sintomas de distúrbios das faculdades mentais. Trata-se do início de uma concepção mentalista, que estabelece a base para a origem psicossomática da loucura, principalmente a melancolia, e Galeno influencia todos os desenvolvimentos posteriores das classificações psiquiátricas até o começo do século XIX.

Em resumo, do período clássico até o século II aproximadamente, a loucura incorpora três perspectivas de causalidade: como resultado da intervenção dos deuses; fruto de conflitos passionais ou como efeito de disfunções somáticas que, sem se descartar a tonalidade causal do universo afetivo, tem enfoque organicista. As principais manifestações estabelecem-se como mania e melancolia, palavras já encontradas em textos do século V a.C.; *melaina kolé*, a *bílis negra*, era o órgão ao qual se atribuía a origem dos sintomas melancólicos, acompanhada da teoria dos humores hipocrática. Na definição de STAROBINSKI, “*el negro es siniestro, y tiene que ver con la noche y la muerte; la bilis es áspera, irritante, amarga. [...] A la bilis negra va ligado el temible prestigio de las substancias concentradas, que acumulan, en el volumen más reducido, la mayor cantidad de potencias activas, agresivas y roedoras. [...] De todos los humores, éste es el que tiene las variaciones más rápidas y peligrosas*” (1962, p.14).

Conceito que perpassa a obra de vários filósofos do período clássico, a melancolia sofre várias modificações teóricas e termina na Idade Média do ocidente em uma adaptação à atmosfera do período; transfere-se ao plano religioso e, no vocabulário

cristão, será muitas vezes referida como *pecado de acídia*, relacionado à preguiça, um dos sete pecados capitais, no vínculo entre as paixões do corpo e a enfermidade da alma, produto de uma visão demonológica.

A concepção medieval da loucura está ligada à possessão diabólica. Legitima-se a perseguição e os crimes contra as dissidências – bruxas e hereges – a partir da Inquisição. No grupo dos desafortunados, muitos podem estar incluídos, uma vez que qualquer desvio de conduta estabelecida por rígidos padrões morais será avaliado como manifestação da interferência demoníaca.

No século IV, Agostinho de Hipona reformula a doutrina demonológica, que marcará os séculos seguintes. O mal não mais terá existência própria, mas será visto como a privação do bem, fator inerente à natureza e ao ser humano. Disto decorre que qualquer ação considerada malévola dar-se-á pela fraqueza humana em preservar o bem. O homem passa a ser *co-responsável* pelos desvios de conduta, relativos principalmente à sensualidade. O tédio também será visto como pecado, pois avaliado como passagem ao ócio. Demônios de todos os tipos e funções perseguem os homens através de qualquer fonte de prazer e de conhecimento.

A melancolia, especificamente, constituirá grave tentação demoníaca depois de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Tudo o que se revela de um estado melancólico, como sentimentos de tristeza, solidão, dor, pode ser considerado na gravidade do pecado. Tentava principalmente os monges em sua condição solitária.

Obras de autoridades do conhecimento, mesmo reproduzindo a visão hipocrática organicista, contaminavam a visão do comportamento humano com a dimensão mística. O exagero dessas visões permaneceu até o século XVI, contra um movimento originado pelos médicos em oposição à Inquisição. A refutação das concepções religiosas ocasionou um retorno à teoria dos humores, que se completava sob influência galenista no campo do conhecimento psicológico, com idéias das filosofias platônica e aristotélica.

No século XVII, a loucura ganha novas classificações. Da categoria *insania*, compreendem-se a mania, a melancolia, o furor, o amor insensato, a melancolia hipocondríaca, que podem apresentar causas físicas internas ou passionais. O delírio, componente mais geral da loucura, fomenta pesquisas anatomofisiológicas, que poderá

seguir doutrinas como a pneumática (galenista), iatroquímica (humoral) ou iatromecânica: Paracelso, ligado à quimiatria do século antecedente, desenvolve a tese de que as doenças resultariam das modificações dos sais do corpo, como enxofre, mercúrio, etc.; Jacob Sylvius entende o processo químico pela alteração dos humores, conforme estados químicos resultantes de processos de combustão, fermentação, ou seja, de origem tóxica. A melancolia seria explicada pela acidez, cuja fermentação seria deletéria, corroendo tecidos, de sabor azedo, muito forte. Poderia também estar ligada à ingestão de certas substâncias venenosas para o organismo, segundo outros autores. Na visão iatromecânica, as doenças resultariam de processos hidráulicos e mecânicos dentro do organismo, dados pela vibração das fibras ou a condução de conteúdos dos vasos ou dutos. A base das três doutrinas é a mesma: a loucura é uma afecção orgânica – ainda que se trate de um organicismo metafísico – de causas naturais que alteram a fisiologia cerebral e provocam delírios, inadequação comportamental e racional, descontrole emocional. Como categorias fundamentais da loucura permanecem a mania e a melancolia, que agora passam a ser vistas como doenças afins, uma podendo transformar-se na outra, o que conduzirá à idéia de *folie a double forme* no século XIX. Segundo PESSOTTI, “o século XVII medicaliza e naturaliza a loucura ao mesmo tempo que a institui como processo mental, como patologia de funções nervosas superiores” (1994, p.133).

O século seguinte, predominantemente do positivismo iluminista, caracteriza-se pela multiplicidade teórica com que buscam definir a loucura, por meio de uma imensa variedade de métodos explicativos e categorias nosográficas, muitas inconciliáveis entre si. Os tipos de melancolia enumeram-se: ordinária, amorosa, religiosa, suicida, *attonita* – do estupor eufórico –, entre outras.

As concepções anteriores são abandonadas na nova visão da natureza da loucura a partir do delírio, ligado à lesão das faculdades de julgamento, imaginação, memória. Uma ampliação do conceito leva a pensar a loucura não mais apenas como perda da razão, mas também como possibilidade resultante de problemas afetivos ou da imaginação. Acredita-se na natureza da loucura como mental e até cognitiva. Dentre nove tipos de loucura nocional definidos por Arnold, autor que se baseou em concepções do *Essay*, de Locke, figuram como mais interessantes e originais em relação às causas da loucura a *Pathetic*, dominada por uma paixão irresistível – e nesta se distribuem dezesseis

variedades – ou a *Appetitive*, instintiva, ligada a um desejo sexual arrebatador. Nessa nova visada, abre-se espaço no campo da psicopatologia para avaliar os aspectos passionais, instintivos, sexuais dos distúrbios mentais. Episódios afetivos passam a ter alta consideração. Verifica-se que os novos critérios de classificação pouco se baseiam em uma neurofisiologia, muito limitada ainda para o período, mas, sobretudo, na análise de aspectos comportamentais, verbais, intelectuais, etc. A demência entra como uma terceira categoria além da mania e da melancolia.

Tais tendências serão redefinidas e sistematizadas no *Tratado Médico-Filosófico*, de 1801, escrito por Phillippe Pinel, quem abre as portas para um novo enfoque clínico da doença mental do século XIX e inaugura a psiquiatria como especialidade médica. A observação atenta da conduta do paciente como método para o diagnóstico das diversas formas de distúrbios mentais torna-se postura fundamental. A introdução de uma etiologia passional, afetiva é, para este médico, original: ele crê que as paixões estejam entre as causas mais comuns, cuja visão de desregramento ou excesso, entretanto, tem forte apelo moral. Vale contemplar um trecho do *Tratado* segundo PESSOTTI¹¹:

Refiro-me às paixões que pela sua extrema intensidade são capazes de convulsionar a razão, como a alegria, o orgulho, o amor, o arrebatamento ou a *adoração extática pelo objeto de amor*. Afeições desse tipo, quando contidas, parecem imprimir uma energia nova ao intelecto e o tornam mais lúcido e criativo; mas, quando levadas à exasperação ou agudizadas por obstáculos, produzem mudanças violentas, um delírio passageiro, um estado de estupor ou uma evidente alienação (1994, p.161).

Os aspectos sexuais para a observação da mania e da melancolia tomam grande importância; observa-se, então, uma postura repressora como método profilático. A terapia tem o nome de tratamento moral.

O comprometimento das funções mentais tem como etiologia causas orgânicas ou de fundo moral, em que as paixões não se referem particularmente a conflitos emocionais internos. As observações restringem-se aos aspectos comportamentais, além de

¹¹ PINEL, P. *apud* PESSOTTI, I. **A loucura e as épocas**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

estarem envolvidos outros fatores diversos como hereditariedade, história genética do paciente segundo o tipo de educação e meio em que se desenvolveu, reações afetivas, condições orgânicas e ambientais, etc.

Pinel é logo seguido por seu discípulo Esquirol, que propõe o uso do termo monomania no lugar de melancolia, devido às confusões classificatórias que a difusão do antigo termo estabelecia. Em suas descrições clínicas, estes médicos consideravam fundamental a característica do delírio exclusivo do melancólico, em que alucinações, delírios e visões de apelo místico eram considerados distúrbios da imaginação e de “grande criatividade”.

A melancolia promove grandes especulações na travessia dos séculos, permanecendo vinculada, pelo menos até o início do século XVII, à teoria dos humores. A visada organicista, porém, alcança outro desenvolvimento nos séculos XVIII e XIX. Há um desligamento das explicações mitológicas ou teológicas para a loucura, o que, por sua vez, está longe de ser puramente materialista ou cientificista. Cria-se a partir daí uma concepção médica da loucura que engloba uma postura clínica: observação atenta dos sintomas e criação de quadros para possibilitar uma descrição diagnóstica. As classificações proliferam-se e os estudos etiológicos voltam-se ao sistema nervoso: os nervos e o cérebro passam a ser os responsáveis pelo comportamento intelectual e físico do indivíduo. Neste momento os valores ideológicos e morais do homem entram em discussão. Os ápices teóricos encontram-se em Pinel e Esquirol, que posicionam o melancólico como vítima de uma idéia fixa e exclusiva, criada por ele próprio, estabelecendo que paixão, convicção e presunção seriam fatores dessa monomania.

Em importantes transformações teórico-científicas da apreensão da loucura, a melancolia caminha cada vez mais para fatores de ordem emocional; o século XIX concentra basicamente duas linhas de pensamento: uma mentalista, cuja etiologia é dada por processos mentais, com ou sem manifestações orgânicas, e outra organicista, baseada em modelos fictícios ou em dados de anatomia patológica, conforme PESSOTTI (1999), tão metafísica quanto a teoria dos humores. Este século chega a seu final com algumas edições do célebre *Tratado de Psiquiatria* de Kraepelin e a dualidade entre a dimensão física e a psíquica para o estudo das enfermidades psicopatológicas: por um lado, a

psicologia e, por outro, a psiquiatria, que subordina seu método de investigação e pesquisa clínica às respostas empíricas do tratamento medicamentoso. As dúvidas pairam, no entanto, sobre as estruturas somáticas e suas ligações com atos e pensamentos do indivíduo. Não há conhecimento científico suficiente para determinar as causas da inibição, as características autodestrutivas e o sofrimento do melancólico. Após este período, a melhor dedução a respeito da base etiológica para o desenvolvimento da melancolia, com os novos conceitos para investigar o psiquismo do ser humano, será alcançada na fascinante psicanálise de Freud. Até então, *"el hombre melancólico, aún durante unos decenios, seguirá siendo el prototipo del ser inaccesible, prisionero en un calabozo, cuya llave todavía está por encontrar"* (STAROBINSKI, 1962, p.92).

1.1.2. Notas sobre a evolução da abordagem e classificação dos transtornos mentais desde Kraepelin: a herança positivista para o século XXI

Kraepelin foi o responsável pela base da nosologia e nosografia psiquiátricas contemporâneas. Conduziu à classificação sistemática das enfermidades psicopatológicas por meio da observação apurada e descrição minuciosa dos fatos clínicos.

O resultado extremo desta orientação por uma nosografia rigorosa e objetiva foi o DSM-IV, o Manual de Diagnóstico e Estatística da Associação Psiquiátrica Norte-Americana, que pretende a delimitação precisa das entidades clínicas psiquiátricas em uma linguagem médico-científica padronizada. Um dos seus principais objetivos é o estabelecimento do consenso para operar sobre o conhecimento clínico e científico dos transtornos mentais, mais do que a necessidade de uma taxonomia psiquiátrica apoiada na prática clínica. O intuito de se dispor de um instrumento consistente para o planejamento e intervenção sobre a saúde pública no campo do sofrimento psíquico revela a maior importância dada a soluções administrativas do que clínicas propriamente ditas. Assim, no DSM-IV que orienta as disciplinas de prática e investigação psicopatológica da medicina, têm peso fundamental questões de ordem institucional, jurídica e política.

Não se pretende aqui a discussão aprofundada¹² destas implicações que possuem inegáveis meritos, mas sim demonstrar que, na contramão, esse sistema rigoroso de classificação inverte os passos da abordagem médico-científica do sofrimento psicopatológico do indivíduo quando determina que a pesquisa e a intervenção clínica devem se orientar sob um sistema de classificações previamente elaborado, e não o contrário, que é o pressuposto da fenomenologia e da psicanálise. Dessa forma, a enfermidade psíquica individual deve se aplicar às preexistentes terminologias da doença mental, o que impede o avanço científico investigativo genuíno e ainda assegura, bem como propaga, uma ideologia fortemente pragmática e empírica.

A hegemonia desse discurso representa sérias conseqüências para o olhar que se tem da depressão – ou da melancolia – no seio da sociedade contemporânea, dada a manutenção de uma rígida postura positivista e o ilhamento científico que impõe, desprezando outras disciplinas fundamentais da psicopatologia e relegando a segundo plano a natureza histórica, cultural e subjetiva da enfermidade com sua pretensa concepção naturalizada do sofrimento mental.

Hoje, a nosografia dos transtornos psíquicos cabe à psiquiatria remodelada pelo avanço das pesquisas biotecnológicas, disciplina que se distanciou de uma orientação semiológica de investigação clínica da medicina clássica para subtrair-se aos avatares do mundo moderno que desenvolveu a tecnologia. A introdução dos neurolépticos nos anos de 1950 intensificou uma prática médica de dimensões até então inimagináveis, hoje irrevogável, pois a difusão dos psicotrópicos antecede a pesquisa clínica de orientação semiológica e impõe-se na resolução das queixas patológicas da humanidade. DELOUYA (2000) menciona sua crítica à visão divulgada pela medicina sobre o pseudo-avanço das pesquisas biológicas do cérebro e descoberta de suas funções.

Acredita-se firmemente que este movimento atual conceda uma aplicação facilitada dos psicofármacos¹³, já que se detém à observação do comportamento – motor e sensível –, das queixas segundo referências diagnósticas preestabelecidas, concernentes ao

¹² Ver PEREIRA, M. E. C. (2001): www.psychanalyse.refer.org/archives/texte88.html

¹³ Pela divulgação na imprensa televisiva (*Jornal da Globo*, 2001), soube-se que a ex-patente do Prozac teve um rendimento de 2.6 bilhões de dólares no ano de 2000 apenas com este medicamento

seu universo empírico-racionalista. Tal padronização, que fala de um achatamento crítico, também expõe a sujeição da pesquisa científica ao mercado consumidor, imposto pela indústria farmacêutica, em um círculo vicioso entre mercado-pesquisa/médico-paciente que deixa de fora o sentido individual e subjetivo das queixas sobre a doença. Essa solução administrativa, porém, permite atuar com mais rapidez e “eficácia” – segundo conceitos pertencentes à objetividade científica – sobre os sintomas, com efeitos observáveis e inegáveis, mas obtidos a custo, infelizmente, do profundo sentido da doença e de uma eventual transformação simbólica na regulação do sofrimento do indivíduo.

Uma das questões latentes desta pesquisa diz respeito ao estatuto da melancolia, nos dias atuais, como entidade clínica. O fenômeno melancólico, mais conhecido como depressão na segunda metade do século XX, apresenta hoje sua especificidade nas ciências médicas de acordo com essa nosografia acima descrita. Refere-se a uma patologia que seria caracterizada pelos manuais de psiquiatria como unidade categórica com direito a variações sintomáticas mas que, desde o DSM-IV¹⁴, perdeu tal nomenclatura em virtude de sua natureza polissêmica. A melancolia, basicamente, difere do fenômeno que aponta para a depressão cujos estados ou momentos, por vezes intermitentes, marcam uma passagem apenas, como algo mais próximo do sintoma; neste sentido, considera-se que os momentos depressivos fazem parte da vida normal da maioria das pessoas, diferentemente dos fenômenos patológicos isolados.

A psicanálise funda-se sobre a definição de categorias nosográficas da classificação psiquiátrica do final do século XIX, quando do início das especulações freudianas. DELOUYA (2000), em sua breve discussão sobre a depressão na clínica psicanalítica, entende que o principal objetivo de Freud não tenha sido o de definir o campo da psicopatologia, mas dele utilizar-se para a ampliação de um campo maior: o desenvolvimento da teoria psicanalítica com o conceito de aparelho psíquico e definição de seu funcionamento. Verifica-se, daí até os dias atuais, a inexistência de uma nosografia psicanalítica oficial, o que, em verdade, na oposição ao pragmatismo das ciências médicas, não interessa aos grandes propósitos e ao método da psicanálise, para a qual importa o subjetivo na contextualidade de cada caso clínico. Dessa forma, é esta a disciplina que tem

¹⁴ Sem esquecer, contudo, das tentivas anteriores do século XIX, como em Esquirol, por exemplo, que substituiu o termo por monomania.

mais a dizer para a experiência de investigação a que se propõe este trabalho, que, para além de buscar “o” sentido ou “uma definição” desta entidade psicopatológica, destina sua leitura à especificidade da melancolia no discurso literário e, então, ao que se possa desvendar quanto aos significantes dessa clássica enfermidade para sua melhor compreensão na psicopatologia contemporânea, sendo *Aurélia* considerada um texto profundamente heurístico, simultaneamente particular e universal e, neste sentido, exemplar.

1.2. DA PSICANÁLISE DE FREUD

A melancolia, vista em suas mais variadas concepções e apresentações sintomatológicas, ainda não encontra, até a psiquiatria do século XIX, uma definição que a torne mais específica, principalmente sob determinada concepção psicológica. A abundância dos termos usados para descrever diferentes quadros de apresentações sintomáticas similares e relativas à tristeza, à inibição psicomotora, à auto-acusação, etc., produz variações classificatórias e, especialmente, de nomenclatura, como *melancolia involutiva*, *endógena*, *psicose melancólica*, *depressão melancólica*, *depressão neurótica*, *psicótica*, *anaclítica*, entre muitas outras, demandando assim um pequeno esclarecimento: mesmo após verificadas diferenças entre categorias como depressão e melancolia, normalmente usadas como sinônimos no sentido psicológico generalizado, não se pode tratar de ambas e, menos desta última, como unidade até os dias atuais. É arriscado abranger e confundir também distintas referências clínicas, inclusive em um campo mais particular como o da Psicopatologia Fundamental, em que se multiplicam os trabalhos e os modelos teóricos da melancolia apoiados em autores como, além de Freud, Melanie Klein, Lacan, Laplanche, Winnicott, entre outros. Na psiquiatria contemporânea, por sua vez, a difusão da nomenclatura e respectiva inserção ou retirada de diferentes classificações da nosografia nos compêndios e manuais de referência, de orientação taxonômica, provam semelhante amplidão e confusão teórica.

Para delimitar o fenômeno que se busca entender nesta pesquisa, Freud fornece uma categoria da melancolia baseada na experiência de uma perda subjetiva, desencadeada pela perda de um objeto idealizado na identificação narcísica, representante de um desejo impossível, jamais realizável. Neste sentido, para além da descrição nosográfica da

melancolia, a principal referência deste estudo é *etiológica*, a iluminar a psicogênese do processo melancólico fundado sob uma experiência singular, por meio de uma construção teórica de base metapsicológica.

Em Freud, principal abordagem deste capítulo, uma leve distinção permite relacionar a melancolia a uma manifestação patológica mais grave do que a depressão, em princípio, abarcando inclusive sintomas da ordem da psicose, como delírios e alucinações; já a depressão seria de caráter propriamente neurótico, em alguns momentos mencionada apenas como sintoma. Ele não se atém muito a esta diferenciação, mas a partir de suas hipóteses será possível buscar imagens distintas mais esclarecedoras, bem como posteriormente alguns dos desenvolvimentos de autores contemporâneos baseados na literatura freudiana¹⁵.

Para compreender no sujeito determinada *estruturação do desejo* e seu alcance em relação ao objeto, de modo que se represente como irrealizável a aproximação entre ambos – que, sob a realidade melancólica, constituem-se como um –, apresentam-se alguns pontos cruciais de referência teórica no trabalho freudiano. Anteriormente à busca de uma psicogênese da melancolia, é preciso ter em vista que há mais de uma orientação clínica e etiológica na obra de Freud, conforme desenvolvem-se as diferentes perspectivas teóricas ao substituir-se o modelo mecânico pelo biológico. Não consta no início da teorização, por exemplo, o princípio de ligação com o objeto para o desenvolvimento da melancolia, bem como a idéia do narcisismo, condição *sine qua non* da realidade melancólica no segundo e mais importante momento teórico, aquele de “Luto e melancolia”, de 1917.

De acordo com as influências recebidas em sua formação acadêmica da medicina, Freud acreditava inicialmente que a psicologia deveria ser uma neurofisiologia do mental (GLYMOUR, 1996). Utilizando-se de construtos teóricos análogos tomados de outras disciplinas, principalmente da física e da química, no intento de fundar a psicanálise como ciência natural – afirmação das primeiras linhas do *Projeto de uma psicologia para neurólogos* (1985) –, Freud construiu o conceito de aparelho psíquico, cujos sistemas ou instâncias teriam a capacidade de transmitir e transformar uma determinada energia, bem

¹⁵ Refere-se aqui a autores como LAMBOTTE (1997; 2000), FÉDIDA (1989; 1999), QUINET (1999), DELOUYA (2000), entre outros.

como, na *Interpretação dos sonhos* (1900), buscou uma máquina modelo para a explicação do funcionamento mental. A explicação inicial para os fenômenos psíquicos sob o modelo mecânico, ou sob o modelo biológico em fase bem mais avançada de pesquisa, assim como o conceito de aparelho psíquico, orientado por algumas distintas metáforas ao longo da obra, são construtos teóricos com finalidades heurísticas e não descrições de uma realidade material, como se sabe. As mudanças de modelo operadas por Freud em sua evolução descritiva da etiologia das neuroses justificam uma definição contextual de cada perspectiva da melancolia, como a do modelo energético e a da primeira e segunda tópica.

No *Projeto*, o aparelho psíquico está relacionado a sistemas neuronais, organizado pela fome, representante de estímulos endógenos. A sexualidade, que não é abordada no princípio, aparece aqui em seu aspecto somático, como necessidade fisiológica que produz também estímulos endógenos. Sendo fisiológico, do fator sexual subtrai-se a explicação mecânica de origem das patologias.

Como aplicação das idéias centrais do *Projeto*, surge a melancolia resultante de uma espécie de intoxicação em virtude da falta ou do excesso de energia, no seu aspecto físico/químico e mecanicista da sexualidade em correspondência com as funções psíquicas. Das hipóteses iniciais nas cartas a Fliess, apesar de ser a diversidade clínica um fator preponderante, apresenta-se esta melancolia da primeira fase, especialmente abordada no “Rascunho G”, também de 1895, e ajustada de acordo com o *Projeto*. Nela se verifica uma dualidade entre o campo somático e o psíquico, em que o fator sexual atinge grande dimensão e importância na correspondência a uma quantidade de energia para o subsequente processo psíquico. Este tipo de explicação mecanicista para a melancolia não se torna diretamente interessante, mas oferece-se à compreensão do processo para uma investigação mais completa à medida que, ao prover certos indícios importantes, indica o caminho ao desenvolvimento freudiano posterior e principal.

Após o distanciamento do *Projeto*, tem-se esta segunda referência, primordial, em que os pontos de vista econômico e dinâmico cobram mais força, dada por “Luto e melancolia”. O processo dinâmico, em vista da inclusão dos aspectos psicológicos, fundamenta a especificidade melancólica a partir da análise das ocorrências genéticas externas e internas ao sujeito e sua conseqüente reação a estes fatores, o que explica o

universo de realização das patologias. Esta é a melancolia que interessa especialmente a esta pesquisa.

1.2.1. O processo econômico: a melancolia da primeira fase em Freud

O princípio das investigações psicanalíticas freudianas traz uma concepção energética: de acordo com o modelo mecânico, as primeiras hipóteses sobre as manifestações clínicas da melancolia e sua respectiva etiologia basearam-se no aspecto químico/físico da sexualidade em correspondência com as funções psíquicas. O organismo estaria submetido a uma carga de excitação produzida internamente, seja por meio de estímulos exógenos ou endógenos, do nível da fome, da sede e da sexualidade. Os estímulos sexuais, por exemplo, estariam relacionados, com maior especificidade, aos processos psíquicos depressivos, gerados pelo somático. Apresenta-se a *explicação dos distúrbios psíquicos na margem deste modelo dual soma e psique*, cujas causas em Freud são orientadas pelo *fator sexual*, em sua configuração somática.

A dimensão dos afetos sexuais – tensão psicofísica – é de ordem *quantitativa*: o afeto ocorre a partir de uma determinada quantidade de excitação somática para a sua transformação em energia psíquica. As excitações isoladas, baseadas nessa dimensão dual psicofísica, não representam diretamente qualidade para a vida psíquica, mas quantidade de trabalho energético. Desse modelo, Freud diz que fontes internas produzem excitações continuamente correntes ou intrassomáticas – diferentes de excitações dadas por estímulos exteriores isolados, como a luz que incomoda o olho, por exemplo – e conduzem o aparelho psíquico ao funcionamento quando da descarga de energia acumulada. O afeto sexual é, portanto, resultante de determinada quantidade de excitação.

Ao se estabelecerem as excitações como provenientes de duas fontes, endógenas e exógenas, afirma-se a necessidade de reações específicas provindas de uma tensão endógena que cresce contínua ou descontinuamente, para transformar-se em energia psíquica a partir de certo limiar de excitação. A excitação interna movimenta as ligações neuroniais e transforma-se em energia psíquica. O aparelho psíquico realiza o processo de transmissão e/ou transformação de energia, do estado livre ao estado ligado, cuja função é manter a energia interna no nível mais baixo possível, segundo um princípio de constância.

Sob uma sucessão temporal, o acúmulo desta energia interna causa efeito patogênico. Tal proposição é melhor elaborada na discussão sobre o processo econômico para a etiologia das neuroses atuais, no “Rascunho E”, de 1894, em que a ausência de elaboração psíquica da tensão sexual somática deriva em angústia: a libido acumula-se e não encontra caminho para a descarga. Segundo Freud, em MASSON¹⁶:

[...] as coisas são mais simples no caso da excitação exógena. A fonte de excitação está do lado de fora e envia para a psique um aumento de excitação, que é tratado de acordo com sua quantidade. Para esse fim, basta qualquer reação que diminua a excitação psíquica interna na mesma quantidade.

Mas as coisas são diferentes no que concerne à tensão endógena, cuja fonte reside no próprio corpo (fome, sede, impulso sexual). Nesse caso, somente as reações específicas têm serventia – reações que impeçam a ocorrência adicional de excitação nos órgãos terminais envolvidos, quer essas reações sejam realizáveis com um dispêndio de energia grande ou pequeno. Podemos aqui retratar a tensão endógena como algo que cresce contínua ou descontinuamente, mas que, de qualquer modo, só é percebido ao atingir um certo limiar. É somente acima desse limiar que ela se apresenta psiquicamente, entrando em relação com certos grupos de idéias, que então se põem a produzir as soluções específicas. Portanto, a tensão sexual física acima de certo valor desperta a libido psíquica, que leva então ao coito, e assim por diante. Quando a reação específica deixa de ocorrer, a tensão psicofísica (o afeto sexual) aumenta incomensuravelmente; torna-se perturbadora, mas ainda não há base para sua transformação. Na neurose de angústia, contudo, tal transformação de fato ocorre, e isso sugere a idéia de que, nela, as coisas se desvirtuam da seguinte maneira: a tensão física aumenta e atinge o valor limítrofe em que é capaz de despertar o afeto psíquico; no entanto,

por diversas razões, a ligação psíquica que lhe é oferecida permanece insuficiente: o afeto sexual não pode formar-se, pois falta algo nos determinantes psíquicos. Por conseguinte, a tensão física, não sendo psiquicamente ligada, transforma-se em – angústia (1986, p. 80).

¹⁶ FREUD, S. *apud* MASSON, J. M. **A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

Pelo princípio econômico, se a descarga livre da excitação gera prazer, tem-se que o acúmulo da carga gera o seu oposto, o desprazer. Freud infere, nestas considerações sobre a etiologia das neuroses e da angústia – da qual depreende relações intrínsecas com a melancolia –, a existência de um acúmulo de tensão sexual que se daria pela estimulação sem a necessária satisfação – o orgasmo –, conseqüência do bloqueio da descarga dado pelo coito interrompido. Mas, ao colocar que nenhuma angústia pode estar contida naquilo que é acumulado, imagina-se que ela se deva à transformação desta tensão sexual represada em função da abstinência sexual.

Embora as neuroses nem sempre sejam determinadas apenas pelo fator sexual¹⁷, *a excitação sexual somática é tomada como princípio para explicar o mecanismo das patologias psíquicas*. Assim, os primeiros desenvolvimentos sobre a teoria da melancolia baseiam-se neste modelo mecânico e em sua estreita relação com a angústia, juntamente com as neuroses atuais – neurastenia e neurose de angústia. Freud busca localizar as falhas correspondentes à produção de cada um desses estados depressivos e aponta o caminho da energia que implicaria o que define como o terceiro mecanismo¹⁸ das neuroses, o da *troca de afetos*, ou *transformação* acarretando o *desaparecimento* dos mesmos.

A hipótese do *aumento de tensão versus anestesia psíquica* – outra dualidade merecedora de destaque – ou do *empobrecimento do ego*, como será visto adiante, é construída por Freud a partir do esquema explicativo de um ciclo para o estado psíquico de tensão libidinal: a excitação sexual somática aumenta para transformar-se em excitação sexual psíquica, cuja descarga no rebaixamento desta última tensão garante o prazer; seu oposto, o acúmulo, gera o desprazer.

Para um dos aspectos importantes neste momento de teorização, salienta-se a idéia de *empobrecimento do ego*, *inibição e/ou anestesia psíquica*, já inclusive apresentada em 1893, no “Rascunho B”, quando Freud compara a depressão periódica branda com a melancolia e assinala a anestesia como componente desta última – aliás, uma de suas

¹⁷ A transmissão genética para a alteração dos afetos sexuais, ainda que com pequena margem de responsabilidade, também é pensada como hipótese para as neuroses hereditárias, por exemplo, além de outros fatores de predisposição mencionados esparsamente por Freud, como anormalidade inata dos afetos sexuais, senilidade, degeneração, conflagração - doenças externas como febre, intoxicação - conflitos inesperados, etc. (Cf. PERES, 1996).

¹⁸ O primeiro mecanismo seria a *conversão dos afetos* para a histeria e, o segundo, o *deslocamento* destes para a neurose obsessiva

principais características –, ausente na referida depressão e típica para pensar as particularidades do melancólico. Não há dúvidas sobre a silhueta de característica tristeza e a desolação no olhar a revelar a passividade, a inércia do sujeito, elevando a *inibição* à condição de *sintoma central*.

Pelo anterior “Rascunho E” (1894)¹⁹, tem-se que,

[...] de modo particularmente freqüente, os melancólicos são anestésicos. Não têm nenhum desejo de coito (e nenhuma sensação ligada a ele), mas têm uma grande ânsia de amor em sua forma psíquica – uma tensão erótica psíquica, poder-se-ia dizer; quando esta se acumula e permanece insatisfeita, surge a melancolia. Esta, portanto, seria a contrapartida da neurose de angústia.

Quando há acúmulo de tensão sexual física – neurose de angústia.

Quando há acúmulo de tensão sexual psíquica – melancolia (1986, p.80).

Interessante observar, nos melancólicos, outra dualidade importante: *um desejo de amor profundo* concomitante à *anestesia, ausência de desejo sexual*, que vem a reforçar a presença intrigante de tal imobilidade melancólica diante de um paradoxo.

No “Rascunho G” (1895), FREUD reafirma o vínculo entre a anestesia psíquica e a melancolia, pensado a partir do diagrama esquemático da sexualidade. O grupo sexual psíquico sofre uma “perda no quantum de excitação” (1986, p. 99)²⁰, de que se deduzem *dois fatores* possíveis para a realização patógena: um deles ocorreria quando a produção da excitação sexual somática decresce ou cessa, que caracteriza a *melancolia genuína cíclica*, ou, para a *melancolia neurastênica*, quando há um empobrecimento da excitação sexual somática, não sendo possível atingir o limiar para a devida transformação, com conseqüente enfraquecimento da energia psíquica – em que a masturbação excessiva levaria à descarga da energia somática. Ambos os casos dizem respeito ao *baixo nível de estímulo* para a produção de excitação. Para o segundo fator, haveria tensão sexual suficiente e a produção da energia sexual somática não diminuiria, mas possivelmente fosse empregada em outro lugar, deslocando-se do psiquismo e caracterizando o *desvio da energia psíquica*. Esse

¹⁹ FREUD, S. *apud* MASSON, J. M. A **Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

²⁰ FREUD, S. *apud* MASSON, J. M. A **Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

mecanismo foi pensado como pré-condição da angústia, assim como da melancolia de angústia. Na melancolia ansiosa, ocorreria um desvio da tensão sexual e o acúmulo de excitação seria absorvido pelo somático, não havendo também energia suficiente para a transformação.

A melancolia iguala-se à neurastenia. Nesta, perde-se energia da excitação somática, ainda que seu empobrecimento também possa estender-se ao grupo psíquico. Já na melancolia, *a perda encontra-se na esfera psíquica*. Assim como a angústia seria provocada pelo represamento da tensão sexual física acumulada e por um consecutivo processo de transformação, a melancolia também seria derivada de um processo de acumulação, porém da tensão sexual psíquica.

Se anteriormente Freud refere-se à anestesia psíquica como aspecto distintivo da depressão quando próprio da melancolia, no “Rascunho G”, dedicado a esta, evoca a *inibição psíquica* como *fator fundamental*, junto a um *empobrecimento pulsional e dor* a respeito dele. O empobrecimento da excitação reforça a idéia da *perda*, sabendo-se que ao mesmo tempo há, em oposição, um acúmulo de tensão psíquica.

No “Rascunho G”, num primeiro momento, Freud confirma a relação entre a perda e a anestesia sexual e atribui *paralelos entre a melancolia, o luto e a anorexia*. Apresenta as seguintes considerações²¹:

- (a) O afeto correspondente à melancolia é o do luto – em outras palavras, o anseio por alguma coisa perdida. Portanto, na melancolia, deve tratar-se de uma perda, ou seja, uma perda na *vida instintiva*.
- (b) A neurose ligada ao alimentar-se, paralela à melancolia, é a anorexia. A célebre *anorexia nervosa* das juvenzinhas me parece (mediante observação cuidadosa) ser uma melancolia em que a sexualidade não está desenvolvida. A paciente afirma não ter comido, simplesmente, por não ter *nenhum apetite*, e não por qualquer outra razão. Perda de apetite: em termos sexuais, perda de libido.

Não seria tão mau, portanto, partir da idéia de que a *melancolia consiste num luto pela perda da libido* (MASSON, 1986, p. 99, grifos do autor).

²¹ FREUD, S. *apud* MASSON, J. M. **A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986. FREUD, S. *apud* MASSON, J. M. **A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

O *luto*, outro importante elemento, já aparece aqui como paradigma para pensar a melancolia. A primeira correspondência residiria no fato de ser esta última o desejo de recuperar uma perda – da área impulsional –, assim como ocorreria no processo do luto. Quanto à neurose nutricional, a correlação estaria na perda de apetite, equivalente à perda da libido no caso do enlutado.

Até este momento da teoria, podem-se destacar os elementos que oferecem direção à principal e posterior concepção sobre a melancolia em Freud: 1) a dualidade entre soma e psique, orientada pelo fator sexual em termos de energia: energia sexual somática *versus* energia psíquica; 2) especificamente para a concepção da melancolia, trata-se da dualidade interna entre o acúmulo da tensão sexual psíquica e o empobrecimento do ego, que se reflete como 3) um desejo de amor profundo em oposição à ausência de desejo sexual e, finalmente, 4) o luto torna-se o paradigma para pensar o desejo de recuperar uma perda.

O “Rascunho N”, de 1897, é conhecido por conter os primeiros indícios do complexo de Édipo e, com esta idéia, o início de um enfoque psicológico para a melancolia. A abordagem qualitativa começa a ganhar terreno, os estados depressivos deixam de ser descritos em termos neurológicos. Neste manuscrito, Freud diz que os impulsos hostis contra os pais, dados pelo desejo inconsciente de que morram, são integrantes das neuroses e vêm à tona pelas idéias obsessivas, por exemplo, nos delírios de perseguição dos paranóicos. Estes impulsos podem tornar-se reprimidos quando o sujeito depara-se com o sentimento de compaixão em ocasião de morte ou enfermidade dos pais. A exteriorização dos mesmos no momento do luto ocorre por meio de auto-recriminações pela morte alheia, para o caso da melancolia, ou por castigos histéricos com o aparecimento de sintomas semelhantes aos da enfermidade parental, por identificação, como um outro tipo de ocorrência. Estes são os primeiros apontamentos para pensar *analiticamente* a melancolia da nova fase.

O paradigma do luto para a melancolia é mencionado novamente em “Contribuições para uma discussão acerca do suicídio”, de 1910. Confirma-se mais uma vez que ambos os conceitos, do luto ou da melancolia, trazem como principal ponto comum a idéia da *perda*.

Este pequeno resumo também pode ser corroborado por PERES (1996) que, em um estudo mais abrangente da teorização inicial sobre os apontamentos freudianos da melancolia, do período de 1892 a 1899, destaca alguns aspectos:

- a já mencionada diversidade clínica – melancolia genuína aguda ou cíclica, neurastênica, de angústia, delirante, estuporosa, histérica, etc.;
- uma aproximação teórica entre angústia e melancolia e entre esta e as neuroses atuais (incluindo-se as psiconeuroses, a histeria, a histero-melancolia e a neurose obsessiva);
- a afirmação da noção de falta, seja por um buraco na esfera psíquica ou como perda que acarretará o desencadeamento do processo de luto;
- o surgimento da idéia de morte do Pai, ambivalência e culpa como fatores determinantes, vinculando a melancolia à neurose obsessiva;
- uma leve distinção entre melancolia e depressão.

A discussão psicanalítica acerca da melancolia em Freud recorre a vários modelos. Os primeiros olhares, nas cartas a Fliess, seguem o modelo neurológico, mecânico, construído no *Projeto*, cujas leis explicativas são baseadas em *quantidade de energia*, de *qualidade neutra*, ainda pouco definida. Não se determina a energia da libido em função da sexualidade infantil, nem se apresenta ainda uma teoria das pulsões. Com base no modelo energético, as psicopatologias tinham suas realizações explicadas pelo intercâmbio e transformação entre energia sexual somática e energia sexual psíquica; a melancolia seria conseqüência de falhas no processo da descarga de energia sexual psíquica, enquanto, por oposição, a angústia teria sua respectiva inadequação na descarga da energia somática, processos paralelos ao do grupo das neuroses atuais.

O surgimento de uma inicial teoria das pulsões opondo-se à neutralidade da energia sexual psíquica, em 1905, em *Três ensaios para uma teoria da sexualidade*, vem a promover o desenvolvimento e afirmação do caráter

qualitativo sobre as posteriores teorias psicopatológicas, condicionando o aspecto etiológico às explicações psicológicas.

1.2.2. A abordagem psicológica: “Luto e melancolia”

A investigação psicanalítica clássica e fundamental da melancolia, de maior enfoque na obra freudiana, encontra-se após um intervalo de 20 anos, em “Luto e melancolia”, escrito em 1915 e publicado em 1917 (FREUD, 1992). Este artigo apresenta o principal desenvolvimento etiológico sobre esta afecção, fundamental para as análises psicanalíticas posteriores sobre o tema e que encerra um importante referencial para os estudos atuais. Abriu-se o caminho para o aprofundamento teórico do narcisismo e das psiconeuroses narcísicas, que deram os primeiros passos em direção ao desenvolvimento da estrutura do ego em função da segunda tópica, tripartido entre suas instâncias dialéticas, o *id* e o *superego*.

Observa-se o redirecionamento das explicações para os fenômenos de realização psicopatológica sob a mudança de modelo analítico, agora por leis psicológicas e não mais fisiológicas, embora Freud não tenha abandonado estas últimas completamente. Novos conceitos são introduzidos e alguns deles – sobre regressão libidinal à fase oral ou canibalística de incorporação do objeto – derivam dos primeiros estudos analíticos feitos por ABRAHAM (1970), em “Notas sobre as investigações e o tratamento psicanalítico da psicose maníaco-depressiva e estado afins”, de 1911, referência para Freud em seus estudos sobre a melancolia.

Abraham partiu de uma possível relação do luto com a depressão, encontrou para a observação clínica de seus pacientes maníaco-depressivos aspectos semelhantes aos da neurose obsessiva e concluiu que a principal causa seria a repressão dos instintos sexuais, ou seja, uma renúncia da libido ao objetivo sexual. O sentimento que prevaleceria seria o ódio, embora houvesse também instintos de amor. O ódio reprimido levaria à culpa. Como citado mais tarde por Freud, Abraham concluiu ainda que, tanto nas fases maníacas quanto nas depressivas, o “complexo” patológico seria o mesmo, mas que, na mania, este seria ignorado pelo paciente ao dominar suas fortes inibições e voltar ao estado infantil,

pouco reprimido. Já na fase depressiva, inversamente o complexo esmagaria o doente, que não veria outra saída a não ser a morte.

A análise psicanalítica em “Luto e melancolia” depreenderá da já mencionada analogia ao luto, obviamente explícito no próprio título. Ambos os processos são reativos de uma perda, de natureza real ou ideal, do objeto amado. Na melancolia, entretanto, o sujeito não sabe o que perdeu inconscientemente, independente de quem ou o que tenha perdido na realidade – a perda factual que na verdade apenas desencadeia o processo –, à diferença do enlutado, cujo doloroso sentimento não implica realização patológica nem inconsciente.

Junto aos sintomas emergentes de profunda tristeza, inibição física e psíquica, incapacidade de amar, acrescenta-se com relevância e exclusividade para a melancolia o *descontentamento moral* do sujeito consigo mesmo, dadas as auto-acusações que manifesta. De maneira bem humorada, em determinado momento Freud concorda até mesmo em que seja verdadeira a fraqueza do sujeito revelada em sua autocrítica, mas pergunta-se por que é preciso adoecer para alcançar tal tipo de autoconhecimento, o que acaba mais uma vez pondo à prova a veracidade “manifesta” das afirmações do sujeito contra si mesmo. Evidencia-se inclusive um certo prazer neste processo de autodifamação, além de um pessimismo intenso e culpabilidade com possíveis características delirantes, como se sentir responsável pelos males da humanidade. Esta *perturbação na auto-estima* é mais uma marca distintiva não pertencente ao luto²² e confere o grave perigo do suicídio aos melancólicos. A observação desta auto-acusação encerrando visível prazer, ou uma “satisfação no autodesnudamento” (FREUD, 1992, p. 133), conduz o autor à hipótese de uma instância crítica que mais tarde será apresentada no modelo de um agente, o superego.

Pela relação estabelecida da perda inconsciente com os sentimentos de autodesvalorização, representantes de um empobrecimento do ego, Freud desenvolve suas hipóteses em torno da *perda narcisista*, eixo deste estudo. Se o melancólico distancia-se do processo normal de luto por não conseguir desligar-se do objeto amado perdido, nem

²² “O melancólico nos mostra ainda algo que falta no luto: um rebaixamento extraordinário do seu sentimento de auto-estima, um enorme empobrecimento do ego” (FREUD, 1992, p. 133).

redirecionar sua libido a outro objeto, pressupõe-se neste conflito uma ligação forte o suficiente a ponto de o sujeito ter-se amalgamado ao objeto e sentir que perdeu algo de si com a morte do outro. Assim, o problema estaria no *tipo de ligação com o objeto*, fixada por um “predomínio de escolha narcísica através de mecanismos de identificação” (FREUD, 1992, p. 135). A libido não poderia então ser deslocada a outro objeto, pois teria se retirado para o próprio ego do sujeito no processo de regressão, o qual remeteria à perda de si mesmo uma vez que se relaciona estreitamente a uma identificação ancestral, arcaica.

O discurso do melancólico é voltado, então, ao contrário da perda do objeto, à perda do ego, que estaria cindido: uma parte dele funcionaria como instância crítica, moral, voltada contra a outra parte, tomada como objeto. As acusações contra si são adequadas, de fato, ao objeto de amor, por tê-lo abandonado ou decepcionado. O sentimento de ódio também recai contra si, confirmando ainda, além de uma *identificação narcísica*, a existência da *ambivalência amor-ódio* da relação. Finalmente, a qualidade de efetivação melancólica pertenceria ao grupo das psiconeuroses narcísicas, como ruptura das funções adequadas do *narcisismo*, uma vez que a eleição de objeto tenha se dado sobre esta base.

Esta breve apresentação permite estabelecer traços comuns entre as explicações neurofisiológicas e psicológicas: o *luto* como paradigma para pensar a melancolia e idéia da *perda*; para a primeira teorização, de energia psíquica, para a segunda, do ego, pela regressão desencadeada com a perda do objeto ao qual o ego estava identificado narcisicamente. O *empobrecimento do ego* também era já elemento comum em ambas as abordagens, como foi possível observar. Convém pontuar, finalmente, que a questão dialética atravessa também os dois momentos da teoria freudiana sobre a melancolia: a concepção energética que traz a dualidade entre o acúmulo da tensão sexual psíquica e o empobrecimento do ego, do paradoxal desejo de amor profundo em oposição à ausência de desejo sexual, bem como a concepção psicológica que aborda em suas bases a ambivalência amor-ódio da relação objetual, esta que por si mesma subentende conseqüentes relações de oposição entre sujeito e objeto ou entre o eu e o outro, bem como entre o mundo interno e o mundo externo, etc.

Uma observação final se faz importante sobre a comparação da melancolia ao luto: quando Freud afirma não constituir este último realização patológica inconsciente, subestima o luto generalizando-o e limitando-o aos processos de elaboração consciente.

Desconsidera-se pois o universo simbólico do enlutado e encerram-se ambos na dialética da reação patológica *versus* a elaboração do processo doloroso.

A mudança de enfoque do processo melancólico exige uma discussão detalhada dos conceitos introduzidos com a metapsicologia, como *narcisismo, identificação, idealização, superego, regressão da libido ao ego*, entre outros. “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914), “Pulsões e seus destinos” (1915), “O ego e o id” (1923) e “Neurose e psicose” (1924) são os principais textos de aporte para o desenvolvimento destes conceitos (FREUD, 1998).

1.2.2.1. Narcisismo: auto-erotismo, narcisismo primário e secundário, o equilíbrio vital e salutar

O conhecido mito ilustra para a melancolia a fatalidade de Narciso que, incôscio da falsa alteridade de sua paixão, enamorado pela própria imagem, cai em desgraça enganado quanto ao próprio desejo. Na psicologia, refere-se ao modo como o sujeito tem a seu próprio corpo, tomando-se a si mesmo como objeto sexual, amorosamente. O termo surge quase como conceito na psicanálise em 1910, quando Freud aborda o homossexualismo, mas somente obtém tal estatuto em 1914, no artigo “Sobre o narcisismo: uma introdução”, ao apresentar-se como investimento da pulsão sexual necessário ao desenvolvimento e estruturação da vida psíquica normal do sujeito, inerente à pulsão de autoconservação e como parte do egoísmo próprio a este fim.

O narcisismo, bem como todos os conceitos da teoria psicanalítica que desvenda a origem das patologias pela investigação dos sintomas, é pensado a partir dos estudos sobre psicoses, pouco exploradas até aquele momento, em quadros como a demência precoce de Kraepelin ou a esquizofrenia de Bleuler, estas agrupadas por Freud como parafrenias: sintomas como o delírio de grandeza e o desinteresse pelo mundo exterior levam-no a pensar a respeito do destino da libido, subtraída do espaço exterior e provavelmente reconduzida ao ego, uma vez que os parafrênicos não parecem substituir o vínculo com os objetos nem em fantasia, como fazem os histéricos e os neuróticos obsessivos.

Além da análise a partir do delírio de grandeza, considerado a amplificação de um estado pré-existente, Freud baseia-se também, apoiando-se nos estados da mente e do comportamento no universo da convencionada normalidade humana, na vida anímica das crianças e dos povos primitivos. Nestes últimos, por exemplo, toma por característica a sobrestimação do poder dos desejos e pensamentos dos homens de uma tribo em relação à sua fé, pois acreditam conduzir onipotentemente o destino por meio do poder mágico das palavras e técnicas aplicadas no mundo exterior, aspecto que pode ser comparado à mania de grandeza. Supõe-se atitude onipotente semelhante por parte das crianças frente ao mundo exterior, do que decorre *a imagem de um originário investimento libidinal no próprio ego, apenas posteriormente cedido aos objetos externos.*

Este prematuro amor por si mesmo, dado pelo investimento da libido egóica, anuncia, do ponto de vista da patologia, uma potencial dificuldade para ulterior renúncia a esse amor da infância, originalmente perfeito por meio da idealização. Inconscientemente o sujeito crê ter gozado um dia de plena satisfação e então pode almejar para sempre a recuperação dessa perda arcaica, compondo um desejo que ora existe apenas na ausência e é garantia da manutenção de todos os subseqüentes desejos humanos, marca de uma nostalgia vital, ora, paradoxalmente, pode dar início à fenda que abre a possibilidade de o sujeito enfermar-se à medida que procura voltar a esse estágio de forma regressiva, num aspecto mais negativo. Em idéias posteriores, Freud desenvolve este aspecto relacionado, de forma mais paradoxal ainda, ao desejo de retorno a esse estado primordial indivisível, intocado, representante em última instância do nada que simboliza a morte. É com este tema que se prossegue no estudo das pulsões, o qual elabora a oposição permanente e interna ao sujeito entre pulsão de vida e pulsão de morte.

No artigo sobre o narcisismo, menciona-se uma primeira distinção entre libido egóica e libido objetal. Freud comenta que, no início da vida – apesar e em função do complexo e impenetrável universo infantil – todas as energias, que definirá como pulsões, sexuais ou não, parecem estar juntas e indiscerníveis, para posteriormente se separarem – pulsão sexual (libido) e pulsão egóica – com a aquisição da realidade do mundo externo e a conseqüente necessidade dos investimentos de objeto.

Embora não haja uma doutrina das pulsões em que se possam apoiar totalmente estas considerações, Freud conclui que só é possível diferenciar pulsão sexual – a libido, seja ela direcionada ao objeto ou ao próprio ego – da pulsão egóica por meio da constatação do investimento de objeto. Estas idéias são desenvolvidas em “Pulsões e seus destinos” (1915). Importa a afirmação geral de que a distinção entre libido objetal e libido egóica deve-se à “observação de um suceder neurótico e de um psicótico” (FREUD, 1998, p. 75), bem como a diferença entre pulsão sexual – libido – e pulsão egóica vale para a idéia das funções de conservação da espécie e de autoconservação, respectivamente.

Assim, no estudo dos investimentos de objeto, Freud infere uma grande oposição entre libido objetal e libido egóica, cuja relação pressupõe igualdade, equilíbrio, uma vez que, quanto mais uma delas é investida, mais se empobrece a outra. Aqui se aponta outro caminho para a investigação do narcisismo: a observação das *relações amorosas de adultos* e da idéia de um equilíbrio no investimento das pulsões. Freud afirma que, quanto mais se ama ao outro, mais se empobrece o próprio ego e vice-versa. O investimento amoroso então necessita de domínio em relação ao amor dedicado a si e ao outro. Verifica-se então uma espécie de resgate da teoria do equilíbrio energético: já presente nas antigas cartas a Fliess, a diferença agora está na inclusão da teoria das pulsões e de uma dimensão que passa de quantitativa – quando da menção sobre energia somática e/ou psíquica – a qualitativa, com os conceitos de libido – como pulsão sexual objetal ou egóica – e de pulsão egóica.

O estado de enamoramento aparece como *um estágio superior de desenvolvimento da libido objetal*, conseqüência da necessidade de renunciar a uma parte da própria personalidade, relativa ao investimento egóico, para amar ao outro. O estágio antecedente deve-se, por sua vez, às fases chamadas auto-erotismo ou narcisismo primário. Não se faz necessária, porém, a distinção entre ambas, que se elimina devido à imprecisão teórica e terminológica. No referido artigo, para Freud, o primeiro estágio do desenvolvimento humano seria o auto-erotismo, cujas pulsões seriam primordiais e ainda não existiria para o indivíduo uma unidade concebida como ego, o qual se desenvolveria junto à apreensão do mundo exterior e do outro. É exposto que algo deva agregar-se ao auto-erotismo para que o narcisismo, amor ao próprio ego como objeto, assome. Entretanto, Freud não se detém no problema.

Com a segunda teoria do aparelho psíquico, anula-se a distinção entre auto-erotismo e narcisismo primário, da qual decorre uma visão mais geral de relações primordiais anobjetais e relações com o objeto. Surge o narcisismo secundário com a idéia de deslocamento da libido dos investimentos objetais por meio do processo de regressão, previamente edificado sobre as bases do narcisismo primário. Em função de uma identificação prévia do ego com o objeto, o narcisismo secundário torna-se representante de uma regressão da libido para o ego, a qual supostamente deveria ter sido dirigida a um objeto externo.

Este conceito é básico para as falhas do desenvolvimento narcísico e, conseqüentemente, para a melancolia. Muito embora também não haja precisão ao distinguir-se narcisismo primário e secundário, pode-se afirmar que, genericamente, o primeiro deles remete a um estado primordial, quando o bebê ainda desconhece o mundo exterior e investe toda sua libido no próprio corpo, podendo vir a ser confundido com o auto-erotismo, como observado, sendo o segundo destinado à realização patológica já estruturada nesse primeiro momento.

Certo é que as discussões sobre o narcisismo e as relações objetais permanecem embrionárias em Freud, sabendo-se que as teorias contemporâneas procuram explicar essa concepção do sujeito dividido, de sua referência do mundo externo e da possibilidade de internalização desse mesmo mundo a partir de sua introdução no desejo do outro, segundo as teorias de Lacan; a psicanálise, portanto, só tardiamente passará a considerar a existência de um inconsciente do outro e da corolária sujeição do desejo do sujeito ao poderoso desejo do outro.

A idéia do equilíbrio energético entre libido egóica e objetal encontrada na discussão freudiana sobre a enfermidade, seja ela física ou psíquica, anuncia aqui novo eco: o equilíbrio de um mecanismo narcísico garantiria que um forte egoísmo, em momentos de intensa dor, preservasse o sujeito. Quase sustentando uma finalidade “terapêutica”, Freud comenta, romanticamente, que o sujeito é obrigado a amar e, caso seja frustrado desta possibilidade, a doença sobrevém. Afirma que o sujeito, enquanto sofre com uma doença, por exemplo, retira seu interesse libidinal do mundo exterior, cessa de amar, o que corresponde a retirar ao seu ego os investimentos de libido para depois voltar a investi-la,

com a finalidade de curar-se. Nesse momento, libido e pulsão egóica, num mesmo destino, tornam-se novamente indiscerníveis, encobertas pelo egoísmo e embotamento do enfermo, cuja disposição de amar decai, bem como um repentino desinteresse por tudo que se refere ao mundo exterior. Compara ainda à enfermidade o estado de dormir, que encerra a mesma indiferença narcísica ao mundo exterior: o sonho, portanto, assim como a dor, ambos em sua normalidade, servem de modelo ao narcisismo. Nesta referência do desenvolvimento narcísico de acordo com a normalidade, pode-se encontrar mais profundamente justificativas para os estados depressivos como processos de organização “patológica” da atividade: nada além de uma resposta que, conforme ao valor biológico de adaptação, é garantia da sobrevivência do ser por meio da suspensão de toda atividade que se poderia considerar inútil. A questão dessa depressão reativa tornar-se-á relevante à medida de sua extensão, sobretudo temporal, cujo prolongamento denuncia uma difícil e talvez ameaçada reversibilidade do processo (ALLILAIRE, 1989).

1.2.2.2. O processo de identificação

A identificação, processo aparentemente simples, obriga a uma pequena definição para compreender a melancolia e as hipóteses a respeito dos fatores subseqüentes necessários à realização patológica.

A pressuposição de que a melancolia distingue-se do processo normal de luto pelo fato de o sujeito não conseguir desligar-se do objeto amado perdido, realizando o processo simbólico de aceitação de sua morte, implica uma profunda e grave ligação entre sujeito e objeto para que aquele sinta que tenha perdido algo de si com a morte do outro, como já apontado. A condição primeira para a ligação da libido ao objeto é dada pelo processo de identificação.

O que define este movimento, de uma maneira mais genérica no léxico psicanalítico, é a constituição da personalidade de um indivíduo na composição de características a partir de referências dadas por um outro, transformando-se o sujeito parcial ou totalmente segundo o modelo alheio. Este seria o valor cognitivo e, portanto, reduzido, da identificação na formação do ego.

Para a melancolia, a identificação, cujo emprego torna-se mais limitado, estabelece-se como etapa preliminar à escolha do objeto. Tampouco este conceito atinge pleno desenvolvimento em Freud, mas, em “Luto e melancolia”, ao apresentar-se como um processo anterior à escolha de objeto, interessa para analisar como *o contato com o primeiro outro*, responsável pelo mundo psíquico de uma criança, oferecerá ou não a *esta atributos* que marcarão o decorrer de sua vida e possivelmente a estruturarão.

Freud postulará, no texto sobre o narcisismo, duas possibilidades da escolha prematura de objeto a configurar o caminho das relações amorosas no indivíduo, explicitadas a seguir.

1.2.2.3. A base das relações amorosas: dois modelos da eleição de objeto por meio da identificação

Na teoria sobre o narcisismo em sua relação com investimentos objetais, Freud infere dois tipos de ligação com os objetos, o anaclítico – objetal propriamente dito – e o narcísico. Segundo ele, a criança elege seus objetos sexuais a partir de suas primeiras vivências de satisfação. Considerando-se que estas primeiras satisfações auto-eróticas sejam vivenciadas à custa das funções vitais de autoconservação, Freud deduz que toda pulsão sexual tenha origem nas pulsões egóicas, e só mais tarde venha a tornar-se independente delas. Pressupõe-se um primeiro interesse de autoconservação – fome, sede – que depois se transforma em amor voltado aos objetos externos em função da memória das primeiras vivências de satisfação. O responsável pelos primeiros cuidados, pela alimentação e proteção, advém mais tarde como objeto sexual, porque investido da libido dada pela recordação da satisfação, sobretudo a mãe ou seu substituto. Esta pessoa garante a fonte e um tipo de eleição de objeto, chamada tipo anaclítico, que transforma pulsões egóicas em libido, ou melhor, pulsões sexuais objetais. As inferências relativas aos destinos das pulsões, em que pulsões libidinosas estão em oposição às pulsões egóicas em determinado período do desenvolvimento humano, são posteriores ao fato de que, em um primeiro momento, tais pulsões apresentam-se unidas, inseparáveis, emergindo como interesses narcisistas.

Afirma-se daí dois grupos para o tipo de eleição de objeto aberta ao sujeito: o anaclítico, ou objetal, e o narcisista, que toma o próprio ego como objeto. Freud menciona a existência para o sujeito de dois objetos sexuais originários: a *mãe*, ou aquele por quem foi cuidado, e a *si mesmo*, pressupondo-se para todo ser humano um narcisismo primário que, eventualmente, se estabeleça de maneira dominante em sua eleição de objeto. Os motivos para esta última escolha seriam variados, embora não haja menção destas outras possibilidades. No caso das posteriores conclusões sobre a estruturação melancólica, constata-se que o primeiro objeto – o amor da mãe, do outro – está ausente na história do sujeito, seja de modo fantasmático ou real. Infere-se que o sujeito, sem o apoio objetal para o desenvolvimento das relações amorosas em relação ao investimento da libido, tenha fixado-se na etapa do narcisismo primário, que vem a restabelecer-se, de forma patológica na vida adulta, como resolução no narcisismo secundário.

O sujeito ama, portanto, segundo o tipo de eleição desperta na prematura infância, que pode ser *objetal*, conforme a criança se identifique à mãe ou ao pai ou a quem dela cuida, estabelecendo vínculos com seus objetos primários, ou então pode desenvolver *o amor narcisista* segundo o próprio modelo, ou seja, o que o sujeito *é*, o que *foi*, o que *queria ser* ou, ainda, *segundo a pessoa que foi uma parte dele mesmo*. Sobre este último aspecto tampouco há maiores explicações, apesar da promessa de ulteriores desenvolvimentos.

Hemos descubierto que ciertas personas, señaladamente aquellas cuyo desarrollo libidinal experimentó una perturbación (como es el caso de los perversos y los homosexuales), no eligen su posterior objeto de amor según el modelo de la madre, sino según el de su persona propia. Manifiestamente se buscan a sí mismos como objeto de amor, exhiben el tipo de elección de objeto que ha de llamarse narcisista (FREUD, 1998, p. 85).

Neste ponto da teoria, Freud curiosamente menciona a distinção da relação amorosa entre homem e mulher a partir desses mecanismos de eleição objetal ou narcísica: o homem seria modelo da primeira, que cederia libido de si em favor do objeto, ou seja, da mulher amada. E esta, opostamente, ao se deparar com o próprio desenvolvimento, tornando-se mais bonita, charmosa, de acordo com o papel social que lhe era indicado, fortaleceria o amor por si mesma em seu narcisismo. Isto seria análogo ao estado primitivo

de indiferença ao mundo exterior – mais precisamente, uma indiferença dirigida apenas aos homens, potenciais candidatos ao seu amor – quando, novamente, libido egóica e libido objetual parecem tornar-se indiscerníveis, remetendo à eleição narcísica de objeto. Ao tratar-se de um fato tipicamente cultural, esta distinção em tom de ficção parece especialmente romântica e, como será exposto no segundo capítulo, aplicável ao universo burguês da época vitoriana à qual pertenceu Freud.

É indicada, em “Luto e melancolia”, uma tendência à regressão para o narcisismo, viabilizada pela escolha narcísica de objeto, sempre que uma dificuldade ocorra. Sabe-se que este tipo de eleição, por meio de uma identificação arcaica, é assinalado como a base dos transtornos narcisistas.

1.2.2.4. Repressão e ideal do ego

O destino posterior da libido egóica passa a ser explicado com o acréscimo de outro conceito: o da repressão. As pulsões de libido sucumbem à repressão patógena no conflito inconsciente com representações culturais e éticas do indivíduo que, uma vez internalizadas, implicam uma relação do ego do sujeito com parte de si mesmo. A forma como cada pessoa assimila tais representações leva a pensar sobre a existência de um ideal interno.

Enquanto alguns indivíduos aceitam as normas culturais e elaboram seus impulsos e desejos por meio de uma relação mais ou menos equilibrada, outros apresentam rechaço total ao mesmo tipo de conflito – o qual posteriormente se converte na imagem de um ego intermediando o embate de um superego contra um id, disputa inconsciente, de lógica própria. Freud afirma que estes últimos sujeitos, segundo a teoria da libido, teriam dentro de si um ideal através do qual poderiam medir seu ego atual, instância necessária para a repressão. Já os outros não teriam desenvolvido este ideal interno, até este ponto da teoria.

O regresso ao narcisismo originário explica-se, então, pelo retorno ao ideal constituído sobre as bases de um ego infantil que um dia gozou de plena satisfação. O narcisismo secundário é pertinente ao sujeito que, incapaz de renunciar à satisfação

original, busca recobrá-la no novo ideal do ego, substituto do narcisismo infantil quando o sujeito constitui-se como ideal de si mesmo.

1.2.2.5. Superego

Neste momento, Freud questiona-se acerca da possibilidade de uma instância psíquica particular, conferida a uma espécie de consciência moral que, em 1923, viria a chamar de superego, uma instância que se apartou do ego e que parece dominá-lo, sobretudo na melancolia.

Antes da segunda tópica, porém, essa instância estaria cumprindo o papel de assegurar a satisfação narcisista primária; com esse ideal narcisista do ego, é possível ao sujeito estabelecer uma comparação contínua de seu ego atual com o ideal. Esta instância confirma-se pelo fato de que algo deve ser responsável por avaliar intenções e criticá-las, conclusão obtida a partir do delírio de observação para os neuróticos em sua forma regressiva, patológica.

A formação do ideal do ego, que atribui a consciência moral, parte da assimilação interna da crítica dos pais, em primeiro lugar, e depois dos educadores ou daqueles que apresentam ao sujeito os limites sociais. Este processo seria comparável ao início de uma inclinação repressiva nascida de uma proibição ou impedimento inicialmente externo. Trata-se de uma instância censuradora tanto em nível individual como social, que obriga à autocrítica dos sujeitos. Pode-se ainda avaliá-la, para além da observação de si no caso dos paranóicos, para a formação dos sonhos. Sabe-se que os pensamentos oníricos desfiguram-se em imagens sob uma censura de aspecto repressor particular que, em conflito, não permite a consciência dos desejos.

No início da teoria, quando do artigo sobre a melancolia, o superego compreendia dois fatores: o ideal do ego e uma instância crítica. Num segundo sentido, mais indiferenciado, de 1923, ele cumpriria semelhantes funções: de ideal e de interdição, ao encarnar a lei e proibir sua transgressão, dado especial para a entender o surgimento da culpa.

1.2.2.6. A auto-estima: perturbação própria da melancolia

Freud estabelece uma discussão, a partir do indivíduo normal e do neurótico, a respeito da auto-estima²³ ligada à libido narcisista, dado que este sentimento refere-se a uma elevação do ego provocada pelas experiências de onipotência do sujeito.

Com a distinção entre libido objetal e libido egóica e a premissa do equilíbrio pulsional, estabelecem-se relações entre as dinâmicas patológicas e amorosas e a auto-estima. Depreende-se daí que, nas parafrenias, o amor próprio eleva-se – provado pelos delírios da paranóia – e, nas neuroses de transferência, diminui. Este último mecanismo é similar ao dos vínculos amorosos: não ser amado rebaixa a auto-estima, enquanto o oposto, ser amado, a realça, pois constitui a meta e a satisfação da eleição narcisista de objeto. Assim, o investimento de libido nos objetos não contribui para a auto-estima; ao contrário, a dependência amorosa a reduz. Nas palavras de FREUD, “*el que está enamorado está humillado*” (1998, p. 95), pois quem ama sacrifica seu narcisismo em detrimento do outro e só pode restituí-lo ao ser correspondido. Convém mencionar a possibilidade de uma leitura romântica desses aspectos idealizados da teoria, desenvolvidos no próximo capítulo.

La percepción de la impotencia, de la propia incapacidad para amar a consecuencia de perturbaciones anímicas o corporales, tiene un efecto muy deprimente sobre el sentimiento de sí. Según yo lo discierno, aquí ha de buscarse una de las fuentes de esos sentimientos de inferioridad que de tan buena gana proclaman los aquejados de neurosis de trasferencia. Empero, la fuente principal de este sentimiento está en el empobrecimiento del yo que es resultado de la enorme cuantía de las investiduras libidinales sustraídas de él, vale decir, del deterioro del yo

²³ Em alemão, *Selbstgefühl*. Esta palavra é traduzida como *sentimiento de sí* no espanhol e como *auto-estima* no português, além do literal sentimento de si que, na versão alemã, também traz a idéia de convicção do próprio valor e poder, conforme indicado por Marilene Carone em sua tradução de “Luto e melancolia”. A autora destaca que a palavra *selbst*, em alemão, indica a forma de voz ativa, como movimento de retorno à própria pessoa, e não uma voz passiva (FREUD, 1992, p. 131, nota de rodapé). Seu sinônimo *amor-próprio* ainda pode ser bastante expressivo do conceito de narcisismo, ao qual está estreitamente relacionado no texto freudiano.

Em alemão, *Selbstgefühl*. Esta palavra é traduzida como *sentimiento de sí* no espanhol e como *auto-estima* no português, além do literal sentimento de si que, na versão alemã, também traz a idéia de convicção do próprio valor e poder, conforme indicado por Marilene Carone em sua tradução de “Luto e melancolia”. A autora destaca que a palavra *selbst*, em alemão, indica a forma de voz ativa, como movimento de retorno à própria pessoa, e não uma voz passiva (FREUD, 1992, p. 131, nota de rodapé). Seu sinônimo *amor-próprio* ainda pode ser bastante expressivo do conceito de narcisismo, ao qual está estreitamente relacionado no texto freudiano.

por obra de las aspiraciones sexuales que han eludido el control
(FREUD, 1998, p. 95).

A auto-estima e sua relação com o erotismo, como investimento da libido nos objetos, pode estar em conformidade com o ego ou, ao contrário, dar-se por meio da repressão. Para o primeiro aspecto, o amor apenas cumpre uma função egóica e indica que amar ao outro sem ser correspondido com o devido retorno da pulsão rebaixa a auto-estima, ao passo que ser amado a recobra. No caso da libido reprimida, amar é sentido como empobrecimento do ego, dada a impossibilidade de satisfação. Para reconstituí-lo, é necessário retirar a libido do objeto e reinvesti-la no próprio ego pelo processo de regressão. Este movimento é significativo de um retorno ao narcisismo primário em busca da satisfação originária, representante de um amor pleno, possível outrora quando libido de objeto e libido egóica eram indiferenciadas.

1.2.2.7. Sublimação e idealização

Freud faz referência à estreita analogia entre sublimação e idealização no narcisismo secundário. A primeira relaciona-se à libido de objeto; ocorre quando a satisfação muda de meta, dessexualiza-se, alterando a natureza da pulsão. Na segunda, a natureza sexual não se altera; modifica-se a relação com o objeto, que é engrandecido, e pode referir-se tanto à libido egóica quanto objetual.

Esta análise ocorre devido a uma possível confusão da formação do ideal do ego com o processo de sublimação: a troca do narcisismo por um elevado ideal do ego não implica alcançar a sublimação das pulsões libidinais. O ideal incita a esse processo, mas não lhe confere necessariamente tal destino, uma vez que aumenta as exigências do ego e desta maneira favorece a repressão, a qual não é possível na realização sublimatória.

1.2.2.8. Em direção às idéias freudianas sobre o amor

Resumidamente, tem-se que o desenvolvimento saudável do ego deve ser dado pela distância do narcisismo primário e sua conseqüente necessidade a recobrá-lo. Esse afastamento ocorre quando a libido desloca-se a um ideal do ego imposto exteriormente, primeiro pelos pais e depois pelo meio social, do que provém a satisfação ao cumprir-se

este ideal. Simultaneamente, o ego promove o investimento libidinal em um objeto, empobrecendo-se em favor desse duplo investimento – no ideal do ego e no objeto –, voltando a reconstituir-se na realização da demanda amorosa pelo objeto, o que significa ser correspondido, e pelo cumprimento do ideal. Isto parte da premissa de que todo amor ao objeto acarreta uma perda no amor narcísico. Assim, o amor plenamente realizável em sua perfeição seria aquele correspondido, uma vez que é preciso renunciar ao amor de si para dirigi-lo ao outro. O retorno deste investimento externo recobra o que foi cedido, extraviado.

Deste modo, dois fatores apresentam-se para o *empobrecimento do ego*: o amor ao objeto e ao ideal do ego. Talvez seja esta uma idéia platônica do amor, quando é preciso ceder de si para doar ao outro.

Uma parte da auto-estima é primária, residual do narcisismo infantil; outra parte provém da experiência que satisfaz o ideal do ego e, uma terceira, do amor do objeto, quando a libido objetal é saciada. Uma vez que o ideal do ego impõe difíceis condições à satisfação libidinal com os objetos, as perversões explicam-se pelo enfraquecimento ou falhas na formação desse ideal quando qualquer satisfação dirigida ao exterior passa a existir, pois, do contrário, qualquer objeto proporcionaria o prazer. Assim, não haveria conflito com qualquer relação objetal, uma vez que, pela perversão, tudo passa a ser admitido – como se supõe no homossexualismo ou no fetichismo. Na proposição da felicidade, as pessoas esforçam-se por tornar a ser novamente como seu próprio ideal, vivido na infância.

Apaixonar-se consiste em verter a libido egóica sobre o objeto, podendo cancelar repressões e restabelecer perversões. Estar enamorado é uma condição que eleva o objeto sexual a um ideal sexual; no tipo de desenvolvimento objetal – por oposição ao tipo narcísico de escolha de objeto –, a paixão advém sobre a base de cumprimento de satisfações infantis de amor, na medida em que se elege o objeto de acordo com o modelo das figuras parentais, primeiros objetos exteriores de amor do sujeito, podendo-se dizer que o que cumpre esta condição de amor é idealizado. Aqui se inverte a função do ideal do ego.

O ideal sexual pode participar de uma interessante relação com o ideal do ego. Quando a satisfação narcisista depara-se com entraves reais, o ideal sexual pode ser usado como satisfação substitutiva. Deste modo, ama-se segundo o tipo de eleição narcisista de objeto, escolhendo-se idealmente aquele que representa o que o sujeito foi outrora e não é mais ou aquele que possui os méritos que ele não teve. Este processo de idealização dos objetos para tornar o ideal do ego funcional a si mesmo remete à estrutura melancólica de eleição narcísica.

Fórmula paralela a esta seria a que remete ao amor pelo que o outro possui da excelência faltante no ego para o alcance de seu ideal. O neurótico percorre caminho semelhante: os excessivos investimentos objetais empobrecem seu ego, que não consegue cumprir o próprio ideal. Busca então, de seu próprio dispêndio de libido objetal, retrai-la ao ego de modo a retornar ao narcisismo, escolhendo um ideal sexual que possua, segundo o tipo narcisista, os méritos que ele não alcança. Freud considera este movimento a busca da cura pelo amor. O sujeito, incapaz de amar devido às repressões excessivas, quando parcialmente liberado delas, procura no amor do outro o estancamento de seus problemas, de sua frustração ou sentimento de incompletude, o que o torna extremamente dependente em relação àquele em quem investe.

1.2.3. Uma leitura contemporânea da melancolia

Marie-Claude Lambotte, em *O discurso melancólico* (1997), apresenta uma brilhante releitura da melancolia freudiana, que repousa sobre os conceitos lacanianos e segue outra direção ao desenvolver a questão da perda e do processo de constituição psíquica do melancólico em torno do vazio. A autora sugere a criação de uma nova categoria para a melhor compreensão da melancolia, o pólo externo das relações objetais, justificando-se a dimensão singular da constituição de uma estrutura psíquica melancólica pelo trabalho metapsicológico.

Segundo o ponto de vista econômico da teoria freudiana para a descrição do mecanismo de inibição, Lambotte lê, na afirmação sobre o empobrecimento da energia psíquica para a melancolia que acarreta o “esvaziamento do eu”, em suas palavras (LAMBOTTE, 1997, p. 28), a existência de um “buraco” pelo qual escoaria a energia

encaminhada ao psiquismo. Este elemento é constitutivo de um mundo vazio e desafetivizado para o sujeito melancólico, observável por um discurso neutro, sem vitalidade nem consistência emocional, o que denuncia falhas de representação. O discurso é lógico, racional, porém vazio de significação para o sujeito, segundo um formalismo que recobre o enunciado. Nesse sentido, haveria falhas do imaginário – e não do simbólico, como é o caso das psicoses –, o que seria uma prova da especificidade melancólica.

O ponto de vista econômico suscita um olhar em direção ao registro dinâmico, do qual derivam as relações que sucumbem ao universo de realização da patologia. O que seria produto das relações energéticas do aparelho organopsíquico? O que estaria implícito no movimento conflitual da regulação das tensões entre excitação sexual somática e excitação sexual psíquica - quando ambas se empobrecem reciprocamente para o caso da melancolia?

Lambotte menciona que a inibição psíquica para caracterizar o empobrecimento do ego, ou *esvaziamento do eu*, alude a um antigo mecanismo conceitual que promoveu diferentes imagens metafóricas: o da sobrecarga. Se o aspecto intelectual está relacionado à melancolia desde a Antigüidade, não menos a ele vincula-se uma progressão no ritmo do pensamento. Tal hipótese manteve-se de variadas formas ao longo dos tempos, tendo sido reforçada por Freud bem como, na psiquiatria, por Kraepelin no início de seus estudos, ao tentar diferenciá-la da psicose maníaco depressiva; esta última seria responsável pela inibição da ideação e da vontade e, aquela, pela presença da ansiedade e de idéias delirantes. Os médicos do século XIX já caminhavam na tentativa de diferenciar a lipomania (melancolia) buscando sua especificidade em relação ao delírio. Contatava-se um mecanismo paradoxal: por um lado o estupor, a imobilidade volitiva, corporal, motriz, observada até na expressão facial do paciente; de outro, a fixação e o desencadeamento da ideação. O melancólico sofre por pensar demais, o que pode ser observado na análise dos discursos de pacientes da clínica atual, não menos verdadeiro para Aristóteles e seus contemporâneos, a quem a melancolia representava uma doença essencialmente da intelectualidade.

Para a autora, trata-se da imagem da hemorragia interna: empobrecimento da excitação que se faz sentir em outros impulsos e funções pulsionais. Os neurônios têm de abandonar a excitação, o que produz dor. Já a mania apresentaria o movimento inverso, em que “o excedente de excitação comunica-se com todos os neurônios associados”.

No texto,

[...] é a imagem da hemorragia interna, é ainda a imagem de vasos comunicantes quando se considera que, quanto mais se produz aspiração, mais afluí a excitação psíquica, recobrando assim o efeito da perda, enquanto a produção de excitação sexual continua a se esgotar. Dizendo de uma outra forma, uma insuficiência de um lado produz um excesso do outro, ou ainda um empobrecimento instintual produz, no caso da melancolia, uma tensão psíquica excessiva que, sem suporte somático, se volta a seco e se precipita numa hiância interna, espécie de bomba aspirante, para empregar uma expressão que caracteriza bem o aspecto mecânico e repetitivo da operação (LAMBOTTE, 1997, p. 36-7).

O empobrecimento da excitação leva a uma aspiração, ao ser absorvida pelo somático através de um buraco, o que reforça a idéia da *perda*. Ao mesmo tempo, há um acúmulo de tensão psíquica.

Paralelamente, o discurso tem uma marca de significação: há um excesso de validade lógica, efeito de uma primeira verdade própria dos melancólicos. O material clínico a ser analisado para entender a melancolia seria então o próprio discurso em junção com os sintomas, até mesmo secundários para este propósito, uma vez que, isolados, não atingem representação alguma se não podem ser significados senão pela fala, pela linguagem.

Um fator que define o estilo de discurso melancólico é o da asserção negativa. Os sujeitos referem-se à consciência do problema por que passam, sem que por isso alguma solução possa existir. Este discurso aparentemente desafetivizado, vazio, objetivo, testemunha a sensação de vazio e desafetivização do sujeito perante a vida. Também é uma espécie de consciência crítica que julga, mas que se apropria deste comportamento. Junto à inibição generalizada, à desvitalização do mundo, o melancólico tenta apreender mais da própria realidade diante de tamanha inércia e imobilização. Com o raciocínio aguçado, que

caracteriza o caráter paradoxal da melancolia, tem-se, nas palavras da autora, o “reforço das funções cognitivas” (LAMBOTTE, 1997, p. 61). Os pensamentos reforçam-se pela condição do melancólico. Se há consciência crítica por parte deste, também se observa uma inteligência preservada e até mesmo aguçada para se valer do entendimento de seu estado. Esta compreensão de si mesmo remete ao vazio como o lugar da verdade do melancólico, que perdeu a função de ilusão dada pelo ego e que se realiza em seu discurso desligado de afeto para as relações exteriores.

Apresenta-se um terceiro vetor de análise sugerido, além do somático e do psíquico, que seria o do investimento objetal, responsável pela apreensão do mundo exterior e pelo consecutivo efeito de realidade. Uma vez que no mecanismo somatopsíquico do melancólico exista uma fuga de energia, é porque ela não encontra seu fim, cujo buraco seria reflexo da falta de ligação com o objeto. Neste aparelho consideram-se três pólos, portanto: somático, psíquico, exterior. O pólo externo teria como função permitir a conservação e a integridade do sujeito no contato com o mundo real – o chamado *elán* pessoal. É preciso o investimento no domínio exterior, na realidade, para a preservação da integridade egóica.

O efeito da “bomba aspirante somatopsíquica” reflete-se no discurso melancólico, apagando-o e, ao mesmo tempo, levando-o a autogerar-se até o esgotamento. Para isso, é preciso caminhar em direção ao conceito de di/associação de representação, de acordo com sua natureza e função dependentes dos dois grupos sexuais, principalmente o do âmbito psíquico. Isto remete à comunicação do sistema freudiano do “Rascunho G”, em que uma baixa da tensão somática tem conseqüências para a tensão psíquica que, por um processo de compensação, recria-se na medida em que se perde. Este processo está na mesma proporção para a dialética do enfraquecimento psíquico, que leva à estimulação do pensamento no melancólico e pode freqüentemente se revestir de uma “raciocinação obsessiva intensa e até de uma construção delirante significativa” (LAMBOTTE, 1997, p. 67).

São fornecidas duas distintas características do discurso melancólico: ele autogera-se em uma reformulação indefinida de questões e elabora-se com relações lógicas desprovidas de compromisso afetivo – apesar da imersão no tema pessoal –, o que não

permite ao sujeito chegar à sua verdade mais profunda. Assim, a condição deste sujeito é de fatalidade e repetição, uma vez que percebe inacessível sua realidade mais íntima, embora, ao mesmo tempo, não pare de se questionar utilizando-se de fórmulas de apreensão lógicas e desafetivizadas, condenando-se ao esgotamento sem a devida resposta. O melancólico pode então acreditar na própria fatalidade e resignar-se na apatia.

Lambotte justifica sua tese sobre a atividade intelectual incessante e a dissociação das representações. Este mecanismo tornou-se regra de observação para as depressões a partir da segunda metade do século XIX na psiquiatria alemã. Também analisa criticamente as implicações filosóficas do deslocamento de atribuições orgânicas aos distúrbios psíquicos para a independência da mente. Desta forma, para além de

[...] atribuir ao mental um papel predominante na etiologia dos distúrbios psíquicos, trata-se de considerar as representações mentais e suas configurações originais como produções que dão uma tradução pertinente da doença (LAMBOTTE, 1997, p. 69).



CAPÍTULO II
DA LITERATURA

*A alma é mais ampla e vasta do que todos os destinos
que a vida esteja em condições de lhe oferecer.*

LUKÁCS

A MELANCOLIA ROMÂNTICA DOS TEMPOS DE NERVAL

2.1. O ROMANTISMO

2.1.1. Uma inovadora visão de mundo

Período extremamente fértil da criação artística e intelectual da história do pensamento ocidental, o Romantismo revolveu todos os campos da cultura, especialmente a literatura e a arte, e estremeceu as bases de um novo espírito de progresso e desenvolvimento que se impunha historicamente.

Como reação ao processo de crise da história da cultura no final do século XVIII, o Romantismo orienta-se por uma insatisfação permanente, revelada no *pathos* da rebeldia (NUNES, 1985). De sua revolta contra a sociedade, as convenções sociais, os valores burgueses, o despotismo do Estado ou da religião, o romântico alimenta-se em busca de novos valores, novas experiências, outras realidades, lidando sempre com o inconciliável percurso entre as *limitações do real* e a *infinitude do ideal*, o maior de todos os conflitos, alicerce fundamental de toda a extensa composição do movimento. A experiência conflitiva fomenta a aspiração à *totalidade* e à *unidade*, à integração que conduz ao *infinito*, a concretizar-se na estética, enquanto seja possível a este ideal caminhar na mesma direção guiado pela variedade, pela riqueza de formas e conteúdos que se estendem por diversos planos. O paradoxo, a ambigüidade, a oposição de valores e a união desses opostos constituem uma essência do espírito romântico. BERMAN (1990) aponta os inúmeros conflitos que se tornam o alimento para *o Spleen de Paris*: conflitos ideológicos e de classe, entre o indivíduo e as forças sociais, conflitos internos do indivíduo, conflitos emocionais entre pessoas íntimas, etc. LÖWY e SAYRE complementam a abundante diversidade do Romantismo, representada, sobretudo, por

[...] sua natureza de *coincidentia oppositorum*: simultânea (ou alternadamente) revolucionário e contra-revolucionário, individualista e comunitário, cosmopolita e nacionalista, realista e fantástico, retrógrado e utopista, revoltado e melancólico, democrático e aristocrático, ativista e contemplativo, republicano e monarquista, vermelho e branco, místico e sensual (1995, p. 09).

Neste vasto complexo cultural, muitas são as divergências entre os estudos históricos, literários, bem como numerosas as referências e discussões a respeito de seu desenvolvimento, em especial no século XIX, para além de uma espécie de *sobrevivência adaptada e transformada* em épocas subseqüentes – idéia que será abordada por este trabalho. É famosa a crítica do americano Arthur O. Lovejoy contra uma história literária que se apóie na crença de um movimento unificado, em função de sua multiplicidade cultural e nacional. Ele propõe a eliminação do termo em seu sentido genérico devido à existência de vários romantismos. Diferentemente, muitos pesquisadores (GUINSBURG, 1985; GUSDORF, 1993, LÖWY e SAYRE, 1995; KIRSCHNER, 1996; entre alguns especialistas consagrados citados por estes) acreditam em um movimento com uma *Weltanschauung* caracterizada – como uma espécie de *estrutura mental coletiva* –, embora nem tudo que se há considerado romântico deva ser aceito como tal. Dentre as muitas linhas temáticas apresentadas por um extenso grupo de pensadores como artistas, poetas, literatos, filósofos, teólogos, ideólogos políticos, etc., algumas idéias, temas e conceitos centrais podem ser identificados sob uma determinada *visão de mundo*, compondo um conjunto de múltiplas facetas e tendências estilísticas. Mesmo apesar de sua natureza ampla, polimorfa, por vezes contraditória, o Romantismo pode ser pensado genericamente como o conjunto de valores e de uma prática que modificou sobretudo o estatuto da poesia e do poeta, conferindo-lhes grandeza divina. Movimento extremamente idealista e metafísico, concretizou, na arte e na literatura, valores e experiências provenientes de outros domínios da cultura.

Para BORNHEIM (1985), em seu ensaio “Filosofia do Romantismo”, a grande obsessão romântica foi a busca idealizada por uma *Unidade*, em direção ao *Absoluto*. A religião, representante maior desta idealização, foi amplamente aproveitada pelos

românticos: é de vital importância o domínio do sagrado, do divino, enfim, do espiritual²⁴ no que ele representa da busca íntima, interior do ser humano, bem como sua fusão com a filosofia e com a moral, todos se fazendo manifestar na arte, para a criação de um conjunto elevado das idéias que, como representantes do Ideal romântico, concretizam-se na realização estética. A nova religião romântica, que procura estabelecer uma integração entre o mundo espiritual e o natural na tentativa de uma nova mitologia, é tomada essencialmente da Igreja Católica, esta que oferece fundamentalmente a busca espiritual da Unidade, mas que, para os fins românticos, todavia, deverá libertar-se de seus dogmas. Esse fator é importante, uma vez que projetará o grande movimento de secularização da história cultural romântica. Neste caminho, o Romantismo postula a arte e a literatura como pedagógicas, representantes de uma função humanizadora, oferecendo-se ao domínio real e concreto do saber para todos os homens.

O movimento romântico, contemporâneo das mudanças estruturais da sociedade pré-industrial européia com o advento do capitalismo, da industrialização, da crença no progresso determinado pela razão, situado politicamente entre o *Anciën Régime* e o liberalismo, também é corolário, em um círculo de causa e efeito, na ciência, na sociedade, na arte; ele integra muitos saberes e transforma os valores da experiência humana. A consciência e a expressão românticas, dispersas em todas as formas da cultura, foram conseqüências de um processo maior, da própria realidade moderna que se lhe impunha e da criação de uma crítica inaugural a essa mesma realidade. “Seja como for, o Romantismo é um fato histórico e, mais do que isso, é o fato histórico que assinala, na história da consciência humana, a relevância da consciência histórica” (GUINSBURG, 1985, p. 14).

²⁴ Esta palavra será tomada aqui em seu sentido mais aberto e amplo possível, de acordo com sua apropriação pelo movimento romântico, que remete seu significado a um mundo interior abstrato do ser humano, subjetivo, secularizado, distinto daquele que se orienta religiosamente supondo a idéia da presença de Deus, por exemplo. Esta palavra será tomada aqui em seu sentido mais aberto e amplo possível, de acordo com sua apropriação pelo movimento romântico, que remete seu significado a um mundo interior abstrato do ser humano, subjetivo, secularizado, distinto daquele que se orienta religiosamente supondo a idéia da presença de Deus, por exemplo.

O romântico defende uma nova abordagem do conhecimento em oposição ao advento da filosofia iluminista ingênua, do capitalismo acrítico, ou mais genericamente, da *modernidade*, a qual torna os homens, neste novo contexto, prisioneiros da materialidade cotidiana. Ele dá início a uma busca integral por uma nova identidade – cultural, espiritual, interior – aspirando a uma mudança de sentido radical, transcendental, ontológica. A emoção, a liberdade da imaginação e da expressão individual, subjetiva, ganham destaque, transformando valores que cada vez mais se integram a uma visão de mundo voltada para a sensibilidade e espiritualidade humanas, para a estética, para a natureza.

Essa nova postura é fruto de uma reestruturação dos antigos moldes de vida pré-industrial na formação de uma sociedade urbana, bem distante já da primitiva moldura medievalista, e que começa a expandir-se rapidamente, criando novos modos de ser, de estar no mundo e de nele se relacionar, instaurando - definitivamente – valores que serão contestados pelo poeta romântico. Há uma recusa ao racionalismo abstrato, à objetividade, contra todo pensamento que nivele o conhecimento do sujeito – e o exclua – por meio de leis pertencentes aos discursos reduzidos da ciência, da religião, da estética, da política, do direito, como consequência de uma ideologia materialista e progressista no pensamento do século XVIII.

A luta romântica estende-se em sua recusa ao “mundo burguês moderno” (LÖWY e SAYRE, 1995, p. 22). Estes autores defendem a síntese desde um contraste entre dois sistemas de valor, o do Romantismo e o da realidade “moderna”. Esta deve ser entendida num amplo sentido: a modernidade representa um novo estilo de vida da civilização promovido pela Revolução Industrial e pela generalização da economia de mercado. Weber é citado por sua referência às principais características desse novo ambiente moderno, como “o espírito de cálculo (*Rechnenhaftigkeit*), o desencantamento do mundo (*Entzauberung der Welt*), a racionalidade instrumental (*Zweckrationalität*), a dominação burocrática”, fatos que ganharão hegemonia após a “acumulação primitiva” (Marx) com o desenvolvimento da indústria e de um novo mercado fora do controle social (Polanyi) a partir de meados do século XVIII (LÖWY e SAYRE, 1995, p. 35). Trata-se do capitalismo como modo e relações de produção, conhecidos termos marxistas. Pensando em um complexo sistema socioeconômico com inúmeras consequências, os autores reafirmam o capitalismo em seu âmago definido pela *industrialização*, pelo *rápido*

desenvolvimento da tecnologia aliada à ciência, hegemonia do mercado, propriedade privada dos meios de produção, reprodução vertiginosa do capital, trabalho “livre” e intensa divisão do mesmo. Social e culturalmente, é representado de forma genérica pela *racionalização, burocratização, urbanização, secularização, reificação.*

Uma das principais imagens românticas, o *desencantamento do mundo*, diz respeito a uma tendência melancólica de insatisfação contra essa nova realidade, devido à quantificação e à mecanização do mundo, à abstração racionalista. A criação de categorias abstratas, como a da moeda ou do trabalho como valor de troca, transforma as relações humanas e anula a dimensão espiritual do homem, esterilizando os vínculos qualitativos inter e intrapessoais, bem como promove uma concepção utilitarista da natureza e dos homens entre si. “O envenenamento da vida social pelo dinheiro e o envenenamento do ar pela fumaça industrial são captados por vários românticos como fenômenos paralelos que resultam da mesma raiz perversa” (LÖWY e SAYRE, 1995, p. 59). A mesma apreciação estende-se à metafórica imagem da civilização industrial reproduzindo uma espécie de “balé mecânico” com o ritmo das máquinas, em uma construção artificial que os românticos apontam e refutam com intensidade. A crítica à política moderna e ao Estado-máquina desvitalizados, que reproduzem o automatismo, a quantificação, a mecanização, é uma constante e pode ser encontrada com representatividade até início do século XX, segundo propõem LÖWY e SAYRE (1995), conforme ponto 2.1.6. deste item.

É de György Lukács²⁵ o conceito de anticapitalismo romântico (*romantischer Antikapitalismus*) como uma crítica contra a sociedade burguesa inspirada em uma *nostalgia passadista*. Em oposição à realidade moderna, concentra sua esperança num retorno nostálgico ao passado mais humanitário e espiritual, menos materialista:

[...] *o romantismo representa uma crítica da modernidade, isto é, da civilização capitalista moderna, em nome de valores e ideais do passado (pré-capitalista, pré-moderno).* Podemos dizer que, desde sua origem, o romantismo é iluminado pela dupla luz da estrela da *revolta* e do “sol negro da *melancolia*” (Nerval) (LÖWYe SAYRE, 1995, p. 34, grifo dos autores).

²⁵ Este importante pensador tem inúmeros trabalhos sobre o movimento romântico, como o seu famoso *Teoria do romance* (2000).

Uma das críticas fundamentais ao capitalismo industrial, ante as alterações sociais e culturais com o conseqüente empobrecimento que produz, seja da realidade concreta ou da dimensão espiritual, subjetiva, é fruto do que é sentido como *perda*. Sentem-se como perdidos principalmente os valores humanos. Disto decorre a *nostalgia romântica*, ligada a um passado que, de idealizado, é fundamentalmente superior à problemática conjuntura moderna, esta que traduzia as imperfeições da realidade. O movimento ainda, em um aspecto restitutionista, por exemplo, está ligado à reabilitação do período medieval, a fim de reformular o presente e compor um novo horizonte livre do materialismo e do mecanicismo dos séculos XVII e XVIII.

O Romantismo representa, sobretudo, um conflito contra a própria história, no sentido de refutar sua própria realidade; engendra-se como *autocrítica da modernidade*. Trata-se de um contratempo, para GUSDORF (1993), que reivindica novos valores, principalmente na poesia e na literatura, com sua dimensão subjetiva e lírica, em oposição às leis da expansão da indústria e da economia ascendentes. Para ele, assim como crêem LÖWY e SAYRE (1995), mais que Novalis, Keats ou Shelley, os grandes reveladores dos significados românticos foram Saint-Simon, profeta da indústria triunfante, e Karl Marx, teórico de *O Capital*. Sob uma profunda reforma, o Romantismo constituiu-se para além de um “desafio às novas circunstâncias”: um novo universo poderia advir pela imaginação criadora de poetas, artistas e pensadores, fruto, de alguma forma, da “ruína da esperança revolucionária”, nas palavras de GUSDORF (1993). O autor fundamenta esta última afirmação em retrospectiva histórica, que vale ser apresentada aqui em função de alguns detalhes importantes, especialmente referentes ao movimento francês ao qual pertenceu Nerval.

O antigo regime na Europa havia imposto sua política absolutista com a centralização do poder: este emanava de Deus, encarnado na pessoa do soberano, e patrocinava uma estrutura de poder assegurada pela crença na providência divina. O indivíduo tinha seu lugar político e social estabelecido por herança. Tal ordem foi posta em questão no século XVII pelo empirismo racional, que substituiu a transcendência por uma razão militante, a serviço de ordenar as sociedades segundo regras próprias. As novas possibilidades de mudança transformaram o sentido da existência com a realidade do progresso. A revolução da França começou a ser fomentada para uma reforma política,

social, econômica, pela eliminação dos conceitos irracionais, dos erros e das injustiças, em um clima de confiança e euforia. As expectativas da abolição dos privilégios, do fim das antigas instituições eram motores de um novo plano de vida. Napoleão, entretanto, apesar de descendente da revolução, tornou-se o déspota que a sociedade observava perplexa, colocando o Estado acima dos direitos do homem e do cidadão. A revolução voltava-se contra seus próprios protagonistas; a redistribuição da ordem social expulsava parte da população nos países por ela tocados, geralmente os privilegiados: um amplo movimento de emigração tomou lugar na França.

Finalmente, convém ressaltar destes fatos históricos generalizados que uma conseqüência particular torna-se importante nesta pesquisa: o exílio passaria a ser um importante elemento na formação da consciência romântica. Além de sua dura realidade circunstancial ao destituir o indivíduo de seu lugar, do conforto e segurança de sua família, obrigando-o a uma transformação radical do sentido de sua vida, aplica-se o exílio também como metáfora do sujeito destituído de seu espaço no sentido espiritual romântico do termo.

No exílio, para que a alma reencontre seu lugar, a nostalgia é característica fundamental da atitude romântica. Segundo LÖWY e SAYRE (1995, p. 41), esta tanto pode referir-se a um passado mitológico ou legendário, de um paraíso perdido, como mito pessoal, e dão como exemplo a “Cidade misteriosa”, em *Aurélia* de Nerval.

Se for possível neste momento uma referência ao sujeito desta pesquisa, o exílio pode levar ainda a uma segunda observação, embora voltada a outro interesse: Freud, em “Luto e melancolia”, ao atribuir como fatores desencadeantes da melancolia não apenas o sentimento pela perda real de alguma pessoa querida, mas considerando ainda “uma abstração que esteja no lugar dela [a perda], como pátria, liberdade, ideal, etc.” (FREUD, 1992, p. 131), permite observar que tenha incluído em suas idéias e em seu trabalho, talvez bem conscientemente, elementos da vertente melancólica gerada pelo Romantismo. Esta condição favorecerá as analogias pretendidas nesta pesquisa: a herança captada por Freud de uma concepção romântica idealista favorece uma leitura – retroativamente – do próprio Romantismo a partir do delineamento de uma dinâmica melancólica dos moldes psicanalíticos, presente ulteriormente no famoso e já mencionado artigo.

Para uma pesquisa mais completa sobre a melancolia em *Aurélia*, busca-se então uma estética que reproduza a possível *Weltanschauung* romântica. Serão apresentadas algumas sínteses dos temas que implicam o universo subjetivo – mistificado – do Romantismo e que se aproximem dos significados relativos ao *amor* e à *melancolia*, ricos para a compreensão da obra de Nerval e das idéias freudianas contidas essencialmente em “Luto e melancolia”, conforme parte dos objetivos desta pesquisa.

2.1.2. Uma estética romântica do “perpétuo esforço para apreender aquilo que desvanece”²⁶: temas, tendências e estilos

Para além de sua dimensão socioeconômica, política ou histórica, a revolução romântica será considerada aqui em sua perspectiva sobretudo *espiritual*. Estabeleceu novos caminhos, novos valores e colocou à disposição do homem, em especial na literatura e na arte, finas ferramentas para uma melhor consciência de sua interioridade, de sua natureza, da humanidade de que fazia parte.

Dentre inúmeros temas e formas, podem ser subtraídas duas tendências: a primeira, de uma euforia romântica que vai da mais alta comunicação, de uma militância ativa – e ao mesmo tempo utópica –, até o que se conhece como o *desencantamento do mundo* em sua forma melancólica, trágica, desiludida ou, ainda, destemperada, feroz e sarcástica em seus últimos momentos. Essa oscilação aos extremos é própria do fenômeno romântico. Qualquer uma dessas posições²⁷, entretanto, ilustra uma insatisfação permanente, uma experiência conflitiva intensa, sem perder de vista o que se encontra nas

²⁶ É de Kierkegaard esta frase, quem associou o homem romântico ao homem do desejo que, erótico e sonhador, em sua aspiração ao infinito, permanece eternamente insatisfeito (NUNES, 1985, p. 68). Essa insatisfação contínua pode ser considerada, paradoxalmente, a garantia do próprio desejo, de um querer que, ao mesmo tempo em que condiciona um permanente e insolúvel sofrimento, é o motor que prolonga essa busca e que mantém o sujeito em movimento. Nunes, nesse sentido, ao corroborar a crítica hegeliana – *Fenomenologia do Espírito* – à natureza sintomal do Romantismo, colocando este como reação a um *processo de crise* da história da cultura que produziu a cisão entre o pensamento científico positivo – do racionalismo iluminista, representado nas ciências da natureza – e o conhecimento intuitivo e sensível, de domínio das ciências humanas, afirma que a experiência romântica seria mais propriamente o *sintoma* de uma *doença* que se realizaria na falta, revelando a “carência” afirmada na “retórica da abundância” (NUNES, 1985, p. 74).

²⁷ A intermitência desse discurso literário romântico é semelhante à da descrição psicanalítica da melancolia: ambos revelam dinâmicas semelhantes, características da descrição do fenômeno dada por Freud, que alterna entre a “mania” e a “melancolia” (cf. ponto 2.2.2.).

bases de seu idealismo: a *nostalgia* que sustenta o retorno a um passado distante, quando o homem encontrava-se mais próximo da natureza, do primitivo e do original que compõem sua essência. Na dimensão utópica que representava tal resgate, o romântico viveria uma consciência infeliz à busca da restauração dos vínculos mais humanitários e naturais da idealizada harmonia perdida: “Recusa da realidade social presente, experiência de perda, nostalgia melancólica e busca do que está perdido: tais são os principais componentes da visão romântica” (LÖWY e SAYRE, 1995, p. 44).

A representação da *perda* na era romântica, freqüentemente associada ao símbolo do paraíso perdido na criação estética, conduz a diferentes possibilidades de efetivação. Há procedimentos distintos; o que os autores de *Revolta e melancolia* (1995) consideram por três tendências são tomadas aqui, de forma mais genérica, em duas: uma para a experiência estética, do espírito, e outra para a experiência concreta, da realidade prática que, a partir da mudança de valores, promoveria novos hábitos para a vida cotidiana:

- 1) a recriação do paraíso perdido a partir de uma estética, de uma poética voltadas para o presente, contra uma realidade de fragmentação e alienação (Schiller), banalizada pela nova forma de vida do homem moderno (Novalis). Alguns recursos podiam ser o sobrenatural, o fantástico, o onírico, o sublime para a literatura e as artes, em função de uma idealizada transformação da realidade; outra composição de mesma linha seria o resgate do paraíso por meio de um projeto utópico, seja estético ou ideológico, orientado pelo passado e para o futuro;
- 2) o reencontro com o paraíso perdido no presente, estendido à atuação na realidade; almejava a transformação do modo de vida ou, ainda, da experiência concreta de uma paixão amorosa, que inclusive gera a atual popular acepção do termo “amor romântico”. São exemplos clássicos as mudanças de hábitos e/ou lugares como o dandysmo, a criação de comunidades “de almas fraternas”, o retorno da vida ao campo, onde se troca o moderno pelo exótico, que também pode ser experienciado em viagens a lugares selvagens, cidades primitivas e pitorescas, etc.

A “grande” perda, representada pelo universo humano de alienação, de padronização e reificação, que engendra *o desencantamento do mundo*, ainda é buscada com a valorização da *subjetividade* e da *coletividade*, termos que, embora antônimos, no discurso romântico podem tornar-se complementares. Na valorização da *subjetividade*, o espírito do singular destaca a personalidade, o universo afetivo, a busca vertical da complexidade que lhe é própria do ser humano. A ótica romântica apresenta reservas ao individualismo do sistema capitalista, em que os homens podem tornar-se “independentes” em relação ao espaço socioeconômico – produzem e trabalham para si, em função dos desejos e capacidades pessoais –, mas trata-se melhor de uma experiência de isolamento de referência quantitativa, numérica. O romântico busca a unidade, a integração e, assim, a sociedade ideal seria àquela dos moldes de um *organismo*, pela relação *inter* e *trans*-individual, pela *con*-vivência, sem as divisões próprias do ambiente moderno e capitalista que configura uma *organização*.

Em alguns de seus caminhos – o subjetivo/espiritual ou o coletivo/social –, seja no plano da estética ou em outras dimensões da cultura, a relação do ser com a própria humanidade estende-se ao *mundo natural*, à Natureza, Mãe-Terra ou outras denominações, procedendo às idéias previamente anunciadas por Rousseau sobre o retorno do homem a um universo mais primitivo e natural do qual tenha emergido. Em retorno ao paraíso perdido, é com a Natureza, o Universo, a Humanidade, com a Providência e consigo principalmente que o homem deve reconciliar-se e conhecer-se, tendo como poderoso instrumento a linguagem artística e como meio e produto a criação estética, considerando-se ainda a idéia já existente de sublimação – em outros termos nesta época, embrião da forma psicanalítica. No Romantismo, o conhecimento e, conseqüência deste, a *liberdade*, são possíveis pela imaginação, pela estética, pelo culto ao belo e pelo olhar a si mesmo, para a apreensão de uma realidade distinta e verticalizada, não-racional, bem como de uma nova espiritualidade reelaborada a partir dos tradicionais símbolos cristãos. A salvação encontra-se, então, na irracionalidade, na subversão dos tradicionais valores burgueses: “a ordem, a virtude, a moral são substituídas pelo caos criativo, pela força do gênio, pelas paixões vitais além de toda medida” (BORNHEIM, 1985, p. 82).

Isto que constitui sobretudo o *desencantamento do mundo*, na prática voltado à conquista de uma *nova religiosidade* com a provisão essencialmente estética das antigas tradições religiosas e místicas, opera em uma nova realidade, agora submersa na experiência humana da interioridade – mistificada – em sua infinita riqueza. Tomando recursos do catolicismo medieval, não há mais, porém, um sentido estrito e rigoroso para a busca espiritual, paradoxalmente imersa na aspiração romântica à totalidade. Nesta nova fusão, vislumbra-se o grande movimento romântico de *secularização*.

A ambição espiritualista persegue, então, ao que se nomeia *reencantamento da natureza*. Recorre ao mito para ampliar os horizontes no intercâmbio entre religião, literatura, filosofia, história, etc., o qual coloca à disposição preciosas e inúmeras idéias para a criação de novos mitos. São contempladas inclusive as versões populares e orientais – tão característico do gosto romântico pelo exotismo – com destino à renovação poética. Neste novo percurso, a mitologia antiga e a mística cristã constituem um conjunto à aspiração espiritual secularizada, consequência moderna do profano, mas, paralela e opostamente, em busca do sagrado, índice da batalha romântica inserida no ambiente moderno positivista contra o qual protesta. Pelo caráter subversivo da ambigüidade, da contradição – como possibilidades que não se anulam, mas aliam-se –, o Romantismo elimina a ortodoxia e enriquece o conhecimento com a criação e recriação do mito, em função de um saber mais profundo do ser humano: observa-se *uma ampliação da visão do homem sobre si mesmo* no resgate da sacralização, nesta sua nova via – moderna – de acesso, revelada na natureza criativa, artística do movimento. Convém reforçar, entretanto, que essa interioridade não deve ser tomada apenas em seu aspecto psicológico; na filosofia, o subjetivismo transcende o Eu (Fichte) em uma nova dimensão metafísica, pois está ligado ao Universo e ao Absoluto (Schlegel) (BORNHEIM, 1985, p. 75).

O reencantamento da natureza é, dessa forma, tema para a filosofia religiosa (Schelling) e para a

[...] poesia e pintura românticas que não deixam de procurar as analogias misteriosas e as ‘correspondências’ – no sentido que, após Swedenborg, será dado a esse termo por Baudelaire – entre alma humana e natureza, espírito e paisagem, tempestade interna e externa (LÖWY e SAYRE, 1995, p. 54).

Schlegel²⁸ fala de uma “mitopoesia” em função da “ampliação incomensurável” do espírito, com um olhar ao futuro para o qual dirige seu brilho utópico. O universo “mágico” desta nova poesia é revelador ainda de uma diferente concepção semântica da palavra, que adquire dimensão divina quando transformada em arte. Sua obra baseada no idealismo de Fichte apresenta uma interioridade “mitopoética” como proveniente “das profundezas mais íntimas do espírito”, não apreensível à razão lógica, relativa ao que “escapa à consciência”, pois oriunda do “caos imaginário da natureza humana”. Ao compreender também o mundo exterior, para Schlegel esta mitopoética seria “uma expressão hieroglífica da natureza ambiente sob a transfiguração da imaginação e do amor” (LÖWY e SAYRE, 1995, p. 57).

É possível observar que estes últimos parágrafos tratam de referências comuns a Nerval em suas obras e, especialmente, em *Aurélia*. Germanista, *avant la lettre*, tendo inclusive traduzido o *Fausto* de Goethe, ele parece ir diretamente à fonte do *Frühromantik* na criação dessa nova mitologia, a *mitopoesia* de Schlegel. Curiosamente, Löwy e Sayre referem-se à ligação destas idéias da intuição schlegeliana sobre um domínio que seria precursor do sistema inconsciente elaborado por Freud. Não é difícil estabelecer uma genealogia de base intelectual comum, portanto, a ambos os autores do objeto desta pesquisa.

No curso da espiritualidade profusa entre as contrastantes manifestações românticas, derivadas de um antagonismo maior, o da “transfiguração da árvore do Bem e do Mal na árvore da vida”, sublinhou-se ainda, no *satanismo*, o trágico conflito humano entre os desejos ideais e a impotência dos limites do real, base da ambição pelo conhecimento e pelo poder – tema originalmente tratado por Goethe –, marcando o desejo romântico insatisfeito e indefinido, de acordo com NUNES (1985, p. 73). As extremidades da conduta romântica, dessa forma, configuram oscilações de ascensão e descensão, idéia a ser retomada posteriormente para ilustrar a relação com os elementos de alternância próprios da melancolia; movimentos de elevação e queda que conduzem KIRSCHNER (1996) a pontuar a ligação da psicanálise com a secularização da mística cristã, possível, segundo a autora, graças ao espírito romântico (cf. item 2.2).

²⁸ Este autor, nas palavras de LÖWY e SAYRE, “parece anunciar ora Freud, ora o surrealismo” (1995, p. 58).

Nesta caminhada espiritual profusa e ambivalente, a expressão romântica, além de utilizar-se dos mitos cristãos ou pagãos, estende-se às lendas e aos contos de fada; resgata as versões populares da arte e das ciências ocultas, esotéricas, não reconhecidas pela tradição positivista, como a alquimia, a astrologia, etc.; recorre também ao universo onírico e fantástico na literatura e na pintura, por exemplo. O fascínio pela *noite* é fundamental, como espaço misterioso e mágico, de que seria exemplo clássico os *Hymnes à la nuit*, de Novalis. A propriedade de valorização e reabilitação romântica das emoções, do instintivo, da espontaneidade, do não consciente, do irracional, enfim, de aspectos subjetivos da condição humana, engendra a busca dos sentimentos íntimos, do lado obscuro e desconhecido do ser, por meio do que lhe podem oferecer os *sonhos*, a *noite*.

O sonho torna-se um grande mito romântico. Nerval, nas primeiras palavras de *Aurélia*, apresenta uma espécie de *teoria dos sonhos*, extremamente intuitiva e particular da condição romântica:

O Sonho é uma segunda vida. [...] É um subterrâneo vago que se ilumina, pouco a pouco, e de onde se desprendem, da sombra e da noite, as pálidas figuras gravemente imóveis que habitam a morada dos limbos. [...] o mundo dos Espíritos se abre para nós (NERVAL, 1986, p. 15).

O encantamento pelo noturno, pelos sonhos, que escondem mistérios e conformam outro mundo, interior e desconhecido, é típico no Romantismo. Paralelamente, acredita-se também que Freud pôde ter chegado à sua *Interpretação dos sonhos* graças à existência e manutenção dessa crença romântica (KIRSCHNER, 1996).

2.1.3. A revolução do estatuto da arte e da literatura

São legados românticos a mistura de domínios culturais diversos e, junto a essa tendência, as duplicações que, no dizer de NUNES (1985), desdobram a Natureza física em sistema espiritual; a individualidade humana, em um organismo físico e metafísico; a arte é ampliada em seu transcendentalismo; a religião adquire uma forma natural, histórica, e outra poética, artística; na ética, há a divisão entre um mundo moral interno e a lei moral externa. Deste hibridismo, bem como das fusões como a filosofia poética, a física teológica,

a poesia científica, etc., resultam obras que, elaboradas pelos gênios, presenteiam aos homens um conhecimento elevado das coisas do universo e do espírito.

A sensibilidade romântica redimensiona o universo da arte, da literatura, da música: a riqueza e diversidade da natureza humana devem ser contempladas em toda a sua complexidade. Na representação romântica de uma realidade idealmente absoluta e verdadeira, plena, que, sobretudo, pudesse ser sintetizada e traduzida pelo gênio a todos, identifica-se essa nova concepção da estética: agora idealizada, privilegiada por seu aspecto transcendental, ela é o domínio de referência de valores e princípios da condição espiritual humana. O poeta sugeria um modo particular de conhecimento e não mais somente de criação e expressão; ele deveria oferecer um nobre e profundo saber, relativo às verdades inacessíveis à experiência comum e à razão. A poesia tornava-se, então, da ordem da metafísica, em que uma teoria do símbolo autorizava o poeta a uma intuição profunda do universo. Para estabelecer o vínculo terreno com a humanidade, a literatura deveria concretizar seu anseio à formação humanística e à “educação” não dogmática, que libertaria o indivíduo ao projetar-lhe a própria consciência e, por reflexo, iluminaria os caminhos para a revolução de valores e transformação de toda a sociedade. Em sua qualidade de síntese, de universalização, a literatura especialmente poderia acolher a pluralidade dos interesses humanos tanto quanto os impenetráveis aspectos da singularidade do indivíduo em sua conflituosa existência. Ao evocar estas características, NUNES é preciso em suas palavras acerca da poesia:

Ora linguagem original e primitiva, ora linguagem intercomunicante dos domínios religioso, ético e filosófico, a poesia, superior à ciência, análoga à filosofia, capaz de exercer uma ação moral e de purificar a religião, sustentada por um processo apologético de dignificação, alça-se a um plano de universalidade cultural e histórica, penetrando horizontalmente em todos os domínios da cultura, e enlaçando-se verticalmente, desde os primórdios, ao desenvolvimento sócio-histórico (1985, p. 62).

Os românticos foram buscar na teoria sobre as origens da linguagem humana o argumento de que a poesia, com seu uso dos símbolos, estava viva e que acompanhava perfeitamente os progressos da civilização; era nascida da transição após um modo de vida primitivo baseado predominantemente na experiência e na sensorialidade, e provinha da

capacidade de abstração do ser humano, da imaginação, anterior à razão e, dessa forma, mais verdadeiramente original e “natural” (BÉNICHOU, 1992).

Na revolução “semântica” do Romantismo, a linguagem potencialmente descreve uma realidade viva, em que as palavras ampliam-se a uma rede de significações que projetam leis físicas, psicológicas, gramaticais, entre inúmeras outras. Esta nova concepção, porém, escapa a todas as disciplinas objetivas que se prontifiquem a tornar a palavra matéria inanimada, manipulada segundo regras científicas, alheia à realidade simbólica, transcendente da linguagem.

A literatura, portadora de um complexo sistema de representação com esta nova concepção de linguagem para o Romantismo – que desembocou no Simbolismo – é dividida por Nunes em duas tendências: de um lado, oferece um forte *expressivismo* textual por uma forma mais direta e espontânea de apresentação das idéias e imagens, cuja significação, entretanto, não ultrapassa “a linguagem dos sentimentos e das próprias coisas, que excede a das palavras” (NUNES, 1985, p. 67). De outro lado, a literatura é assentada no caráter metafórico da linguagem, quando o poeta é capaz de efetuar o *transcendentalismo* das palavras, procedimento apreciado como

criação do espírito, existindo como obra sua, e em que as imagens dos objetos naturais e terrestres, intencionando uma realidade outra, não-natural, não-terrestre, [...] [conformam-se como] signos de um mundo superior ideal, longínquo, misterioso, estranho e invisível (NUNES, 1985, p. 67).

A obra poética, originária ainda de um processo de sublimação, representa a concretização entre o mundo ideal e o real, entre o instinto e a razão, sendo capaz de apresentar, já para Goethe, uma síntese superior. Nesta conduta espiritual em relação à arte, o Romantismo resgata a crença do homem como portador de uma centelha divina e sugere que apenas o artista genial pode realizar, em uma unidade concreta, sua obra, o absoluto que traz em si, comunicando-o da melhor forma ao mundo exterior, às pessoas comuns, pois, em sua capacidade de *universalização*, traduz o ideal e o infinito no *particular* – a obra poética ou artística, matéria acabada. Para Schelling, o artista realiza a unidade entre a beleza e a verdade. É a esse gênio a quem pertence o domínio do conhecimento elevado, próprio da consciência superior, tornada sacra; ele é o visionário místico e profético que,

assim, adquire grande eminência na hierarquia social. Os românticos “interiorizaram o sagrado e sacralizaram a arte”, síntese que encerra perfeitamente essa conduta romântica em relação ao universo estético e intelectual, nas palavras de NUNES (1985, p. 71).

O gênio, inquestionável autoridade no processo de criação, segue suas determinações interiores, intuitivas, dado seu talento originário, revelador de um dom inato que o conhecimento racional não alcança. “Não é a razão que define o gênio, e sim o berço último de nossas idéias, aquela região subterrânea que nos habita e que logo será batizada pelos românticos de inconsciente” (BORNHEIM, 1985, p. 82).

Esta é a concepção herdada por Freud em suas considerações a respeito da criação estética, acessível particularmente em “Escritores criativos e devaneios”, ou quando fala, na análise sobre a Gradiva, do “beber na fonte da literatura” uma sorte de conteúdo de natureza subjetiva, interior, da ordem do irracional, matéria-prima que viria a se constituir psicanalítica. A psicanálise apoiar-se-ia, portanto, em grande medida, em uma visão romântica mistificada da arte que dá sentido à busca pela integração e pela unidade, que tem na dimensão metafísica a explicação do que é pertinente a uma outra linguagem, de difícil acesso, sob outro esquema de racionalidade, enfim, isso que tentaria definir o gênio e seu processo de criação na primeira metade do século XIX.

Do outro lado da pesquisa, sabendo-se que somente o gênio tem acesso ao divino, ao sublime, acredita-se na singularidade da obra de Nerval imersa no Romantismo, pois especialmente capaz de sintetizar essa aspiração romântica ao mergulhar na metafórica “morada dos limbos” (NERVAL, 1986, p. 15), região subterrânea do espírito, para buscar o mais profundo conhecimento, referente a si mesmo, tendo, para isso, que realizar uma poética – pois sublime – “descida aos infernos” (NERVAL, 1986, p. 61).

2.1.4. O melancólico Romantismo francês

Uma vez tendo ilustrado o Romantismo de maneira geral nos pontos anteriores, o enfoque agora será dado ao plano literário, que reflete de modo bem particular e preciso as idéias do período romântico francês a que pertenceu Gérard de Nerval.

BÉNICHOU (1992), dedicando-se ao Romantismo francês em seu *L'école du désenchantement*, coloca em outro plano a divisão temporária e ideológica, mais pontualmente demarcadas e, inclusive, de um aprofundamento inigualável sobre a obra de Nerval. O crítico literário acompanha a corrente que divide o movimento em dois tempos, opostos em seu modo de olhar para a utopia: a de um primeiro tempo ambicioso, esperançoso e militante, idealista, revolucionário, logo seguido de um segundo contrariamente distinto, o da desesperança, da melancolia, de um olhar pessimista às vicissitudes do futuro e ao destino da sociedade, marcas da desilusão advinda de sérias transformações históricas da França. Após 1930, graves decepções políticas sobrevieram com a monarquia opressora de Luís Felipe, que durou até 1848, quando estoura um novo ambiente de revolta e agitação revolucionária contra o momento de extrema crise e miséria na Europa.

Tal crise tem seu desdobramento melancólico na poesia, na forma de um movimento interno, intelectual, que em seu final já não mais prevê o caminho ao ideal romântico antes tão almejado. O sentido melancólico diante de uma fé que parecia exaurir-se no período tardio impregnava a atmosfera artística e intelectual. Seus sujeitos, escritores e artistas que se chegaram a crer antes em posição privilegiada como porta-vozes de uma multidão, condutores à maneira mais elevada dos destinos da civilização ao pretender partilhar dos mesmos anseios da sociedade, inclinaram-se em determinado momento a um mundo sombrio, amargo e solitário, ao traduzir um sentimento de vazio e impotência ante a dura realidade de conseqüências sociais devastadoras na Europa²⁹.

De qualquer maneira, a contemplação pessimista inaugurada pela geração de Baudelaire e Flaubert e continuada pela seguinte de Parnasse, Mallarmé, Verlaine, preservou ainda o significado da ambição romântica, porém sob um olhar inverso, do escárnio e do sarcasmo; se o oposto do amor é o ódio, isto então teve sentido de ser. Eles continuavam à sua maneira denunciando os problemas da sociedade a favor de seus ideais, e nesta lógica não negaram a utopia em absoluto, embora a realidade concreta recaísse aos românticos como insuportavelmente trágica e dolorosa.

²⁹ Seria interessante mencionar que, na metade do século XIX, há o reaparecimento de cólera nesta já grave crise européia (GUINSBURG, 1985, p. 316).

O poeta do niilismo vê uma multidão amorfa, corrompida em suas bases ideológicas pelo sistema, inapta à alteração da própria realidade e longe da consciência para um melhor destino para si. Nesse aspecto, a vida burguesa torna-se a praga moderna da humanidade. Essencialmente contra os valores e o estilo de vida desta classe que despreza a causa humana, o romântico ou a crítica com sarcástica ironia ou a desdenha, resignado em um profundo pesar. Nesse sentido, Baudelaire partilhou de um mesmo ideal que Hugo; mais, continuou-o à sua ousada e original maneira.

Ante uma classe imbuída de seu novo poder, e tradicionalmente desprovida do espírito da poesia, o Poeta coloca-se, em virtude de sua íntima e imperiosa convicção, como depositário dos valores espirituais que a ultrapassam (BÉNICHOU, 1992, p. 588).

O texto que se segue, embora extenso, é esclarecedor quanto aos detalhes desse movimento literário de ascensão e queda como espelho das transformações políticas da França:

Isto que se nomeia ‘grande romantismo’, o dos poetas pensantes, comunicativos e ativos, que tinham a ambição de ensinar a nova humanidade, não durou além de uma geração: a dos nascidos por volta de 1800, que se fizeram conhecer em torno de 1820 ou pouco após e que permaneceram em cena até a metade do século, excepcionalmente depois. A geração seguinte, a de Baudelaire, nascida por volta de 1820, que entra na literatura nos últimos tempos da monarquia de Julho, oferece um perfil completamente diferente. [...] O sistema de opinião progressista constituído sob a Restauração continua a existir ao longo do século e a combater o sistema conservador adverso, que retomou novas forças após 1848. Na poesia, a fé tomba para assim dizer em ruínas do seu interior e ensaia inventar suas compensações próprias. A aliança proclamada pela poesia entre suas inspirações e os destinos do gênero humano, artigo fundamental e constitutivo do ‘grande romantismo’ francês, vê-se repudiado. Não mais se crê, não mais se quer crer, nem em um futuro providencial da humanidade ascendente, nem em um papel privilegiado dos poetas nessa marcha do homem em direção ao ideal. [...]

Ao mesmo tempo que a Humanidade se transformava, aos olhos dos poetas, em uma multidão estúpida e problemática e sua história em um *nonsense* permanente, a Providência dava lugar a um ‘nada vasto e negro’, e Deus, a um ‘Ideal’ inimigo (BÉNICHOU, 1992, p. 580-581).

Tão alto, intenso e fugaz quanto o sonho romântico dos primeiros tempos, volvia-se o desapontamento das últimas gerações. A diluição do que agora parecia um efêmero desejo por certo revela uma fragilidade maior da poesia, que tem início na já conhecida “revolução” do estatuto da arte.

Sempre fora fato que, à criação dos poetas, intelectuais e artistas, tidos pela sociedade como elite à parte, de poder irrepresentável, havia sido legada apenas a contemplação; não alcançavam atuação pública, política e menos humanizadora, como idealmente desejavam outrora. Assim, essa desilusão em relação ao poder transformador da poesia enfatiza muito uma ausência que sempre teve lugar: o não espaço social permanente do poeta que, no princípio, iludira-se com a capacidade atuante e difusora de ideais revolucionários na arte e na poesia, com a agitação sem precedentes do início do movimento romântico. Diante da constatação deste efêmero poder, o poeta cai melancólico. Em verdade, a incapacidade de tocar e transformar algo do indivíduo e do sistema trata de um vazio que esteve presente desde as origens da civilização moderna. Em sua “religião do Ideal”, o romântico formulara um desejo que, por demais elevado, nunca se realizaria. Da insistência que a todo o momento se depara com essa falta, transcorre a desilusão melancólica. É o famoso caminho dividido entre a infinitude do ideal e a impossibilidade do real.

Eles renunciaram às ambições espirituais, em que haviam acreditado e continuavam a crer legítimas, mas essa renúncia fazia-se sob o signo do luto e com um profundo pesar. Na realidade, nem a religião do Ideal, nem a investidura espiritual do poeta, proclamada pela geração primogênita, foram deixadas para trás pela conseguinte: ela continua a reclamar-se implicitamente de um pacto do Poeta com a Humanidade e com Deus, ao qual Deus e a Humanidade abandonaram, não o Poeta (BÉNICHOU, 1992, p. 582).

Desde toda sua existência reconhecidamente marginalizada, o artista teria agora, com pleno descrédito no regime político, bem como na sociedade e no modo como esta vinha conduzindo sua própria história, mais motivo para isolar-se. E inclusive o fez elevando a sua linguagem em patamares cada vez mais inacessíveis, por volta da segunda metade do século, especialmente com Mallarmé, gerando o embrião do movimento que traria o emblema da arte pela arte tempos depois.

Fato ainda é que ambos os romantismos se fartaram com seus próprios excessos. Uma espécie de messianismo da primeira geração tem a mesma ênfase que a crítica melancólica e expansiva da última fase. E ambas, intimamente, sempre guardaram esperanças sobre o poder da poesia que cria um público distinto, refinado, pensante.

O rompimento das últimas gerações com a sociedade, seu rechaço ao estado de coisas, do mundo, renderam aos românticos sérias críticas. Entretanto, os conflitos continuam a ser apontados pelo poeta, que nunca esteve indiferente à sociedade. Ele apenas acreditava que não poderia transformar poderes e valores hierárquicos, tão inabaláveis, e satisfazia-se com sua hostilidade – que era inclusive recíproca – à burguesia reinante. A sua arte continuava a denunciar as falhas da civilização e a hipocrisia dos homens, expondo as feridas da própria sociedade ao toque cruel de suas palavras.

A dignidade espiritual da poesia, entretanto, sobreviveu ao *Desencantamento*, mesmo apesar do pessimismo e do distanciamento social. O gênio, portador de alto conhecimento a respeito dos homens e seus discursos, continuaria a ser reverenciado, embora sua poesia se tornasse cada vez menos familiar ao público.

Foi a essa geração do desencantamento à qual Nerval pertenceu, bem como Baudelaire, Flaubert, Gautier, Nodier, Parnasse, Mallarmé. Mais intensamente do que seus colegas talvez, ninguém tenha de forma tão substancial essa melancolia, espelhada em todos os sentidos de sua própria vida, concreta e abstrata: no âmbito político, artístico e, fundamentalmente, no sentimental. Sua triste estrela, esse sol negro, imprimiu em sua vida uma essência melancólica a sobretudo lhe falar do indizível humano, do incognoscível, de uma essência inalcançável do vazio mais profundo do ser, este que precede qualquer realidade conjuntural.

2.1.5. Amor e solidão: as experiências das relações intersubjetivas

Tendo delineado anteriormente uma estética do pensamento romântico e, sob a afirmação de que a literatura é capaz de refletir uma prática baseada em determinada visão de mundo própria de seu tempo, como vice-versa, seria interessante apresentar brevemente o que se refere à experiência concreta das relações intersubjetivas, da vida dos costumes, princípios e práticas assumidas pelos indivíduos em sua vida cotidiana e íntima. Para

focalizar o interesse específico deste trabalho, coloca-se de um lado os românticos e, de outro, os burgueses que, alheios a essa concepção vertical e transcendental da existência, estarão presentes para a descrição de uma realidade pela qual os revolucionários homens das letras interessaram-se muito, seja para criticarem ou para “lamentarem-se”.

Desde o já mencionado fato de que a ótica romântica acolhe elementos aparentemente antagônicos para um convívio equilibrado, é possível entender como o amor e a solidão podem amalgamar-se. O amor platônico, por exemplo, trata da comunhão de ambos. É o caso do sujeito melancólico de *Aurélia* e foi o caso de Nerval, segundo cartas e depoimentos (BÉNICHOU, 1992).

A solidão é uma temática freqüente: em sua acepção romântica originada no êxodo a partir da Revolução Francesa, contempla o significado de estar só no mundo e do desenvolvimento e fortalecimento interiores para, em última instância, a condução consciente do próprio destino, a liberdade romântica propriamente dita. Tal proposição, nesse sentido, pode ser considerada salutar e fecunda, pois inclina-se à preservação da subjetividade, visando a um mundo melhor com suas conseqüências para o coletivo. Já foi demarcado que ela é distinta do sentido de isolamento engendrado pelo ambiente moderno, aquele do individualismo egoísta do sistema que promove a alienação, marca da experiência burguesa. Desta idéia é ícone literário a *Educação sentimental* de Flaubert, que amplia o universo da solidão a todos os seres humanos, inaugurando uma nova consciência sobre a deterioração e ineficácia da comunicação entre os homens da sociedade moderna (LÖWY e SAYRE, 1995).

O exílio estabelecia-se de vários modos. Um deles, na distância concreta da sociedade, em um espaço fora dela. É conhecido que a partida para lugares ou comunidades afastadas fora um recurso vastamente utilizado pelos românticos, cujo deslocamento poderia melhor prover a criação e o contato com realidades mais naturais, primitivas, exóticas, para a riqueza da obra estética e filosófica. Este refúgio para o exotismo da vida camponesa ou de outros povos, que inicialmente pudesse ter pertencido a essa elite de artistas, poetas e pensadores, passa a ser vital para todos os sujeitos, pois a experiência da solidão converte-se em um processo necessário do conhecimento de si, para que o homem

encontre-se consigo mesmo – no contato com o natural, o primitivo – e possa chegar a um nível mais profundo da própria espiritualidade.

E não fosse o caso de isolar-se no plano físico, interiormente o romântico já se sentia só no mundo, em especial a geração tardia com seu legado melancólico. Historicamente, os gênios das letras e das artes haviam sempre estado à margem da sociedade; seu valor sempre fora incompreendido aos olhos burgueses. O *flâneur*, por exemplo, é uma figura literária da época que, ao passear entre a multidão, traduz, de seu voyeurismo, uma visão solitária e singular sobre o todo que observa.

A definição do poeta marginalizado na realidade moderna é completa:

Excepcional e solitário, guia obscuro da humanidade, tardio descendente da raça dos magos, dos profetas e dos videntes, e sobretudo decifrador da Natureza, que por ele se deixa ler como um livro aberto, detentor de verdades inacessíveis à maioria de que se dessolidariza, sentindo-se mais próximo, pela atividade não-utilitária, não-produtiva, e pela sua dependência à imaginação, das crianças e dos loucos, o poeta romântico, já habitante das metrópoles ao aproximar-se o meio século, só à custa da vida boêmia poderá preservar o ócio, o *farniente* rousseauísta (NUNES, 1985, p. 72).

Da solidão resultante da crença no “primado ontológico da vida interior”, nas palavras do mesmo autor, decorre uma criação poética de caráter “psicofânico”, quando, “dialogando com as coisas, que lhe falam à alma, é de si mesmo que o poeta romântico sempre fala” (NUNES, 1985, p. 67). Tal aspecto, no nível da forma literária, pode ser apreciado na profusão de monólogos interiores ou em narrativas não oniscientes. Mais uma vez, *Aurélia*, pelas profundas e complexas reflexões do narrador em primeira pessoa, é exemplar. Jean Richer, autor que estuda Nerval, citado tanto por BÉNICHOU (1992) quanto por JEAN (1974), aponta que *Aurélia* é pioneira ao unir a reflexão íntima ao relato onírico, evocando o domínio dessa linguagem interior que fala do *eu profundo* de maneira complexa e intrigante.

Se a solidão é tão importante para o romântico, de qualquer maneira ela ainda não ultrapassa o maior objeto do século XIX, que foi sem dúvida o amor. Existente em uma pluralidade de conformações que dificilmente se sujeita à generalização, a literatura tanto

oferece, por exemplo, uma imagem mítica da mulher em sua pureza e mistério, marcando a condição de inacessibilidade e de um amor unilateral, idealizado, quanto acolhe uma destemperada misoginia, como se sabe de Baudelaire ou Schopenhauer. Da mesma forma, é natural que conceba paixões de amantes extraordinariamente adversos que, de insuportavelmente angelicais a terrivelmente pervertidos, alimentem um clima de profunda sensualidade, que explora do êxtase místico ao prazer sadomasoquista. O erotismo romântico tem uma “voluptuosidade narcisística”, nas palavras de NUNES (1985, p. 72).

Para este autor, o amor, autêntico paradigma da sensibilidade romântica, está “sempre em íntima relação com o estado de fruição estética, incorporando a antecipada melancolia que o envenena diante da transitoriedade da beleza” e permanecerá em seu curso romântico como o “fantasma do desejo insatisfeito e indefinido” (NUNES, 1985, p.73), subsistindo melhor na consciência reflexiva do que como fenômeno da realidade concreta.

Representante máximo da subjetividade, o amor torna-se sobretudo interessante quando atravessado pela loucura que, como espécie de ruptura com a racionalidade, é bastante apreciada pelos românticos. Da junção entre estas duas categorias opostas à razão, ou pelo menos fora de seu domínio, o amor louco, insano³⁰, pode ser amplamente contemplado.

Em proporção ainda mais particularizada, convém traçar sob uma lente os comportamentos e tendências da vida íntima do homem do século XIX em sua relação com a sexualidade, baseada na concepção de amor da época vitoriana. GAY (1990), em seu livro *A paixão terna*, elabora uma extensiva análise dos costumes pessoais em relação ao amor da classe média culta, tendo por referência, além das obras de grandes escritores da literatura romântica, diários de pessoas desconhecidas ou ilustres.

O sentido usual das relações intersubjetivas no século romântico é submetido a determinadas exigências morais bastante rígidas que, paralelamente, induzem às trocas amorosas em função de vantagens materiais ou ascensão social, típica conduta burguesa. A plenitude do amor é concebida como a união entre a carne e o espírito - este em posição

³⁰ LÖWY e SAYRE (1995) citam sua expressão mais radical encontrada na literatura e poesia do Surrealismo, herdeiro quase direto do Romantismo, segundo a opinião dos mesmos. Mais à frente esta afirmação será retomada (cf. 2.1.6.).

superior -, embora seja a paixão subjugada pela mesma sociedade às regras do casamento, hierarquicamente sob a moral católica dos costumes determinados pela influência da Igreja. Não é preciso definir a burguesia. Peter Gay ressalta, porém, que se deve ter em vista a conseqüente oposição desse conjunto: o revés de uma entidade vigiada e condicionada aos interesses burgueses seriam os amores incandescentes e as paixões súbitas, encontrados em cartas fervorosas e gestos intempestivos de declarações amorosas. A rigidez, de acordo com a visão psicanalítica assumida pelo autor neste estudo histórico-literário da vida amorosa da sociedade vitoriana, é conhecida por dar lugar às figurações que procurem burlar e sujeitar o proibido. Interessante é observar quando isto não funciona: a repressão do pecado da luxúria também condicionou³¹ “depósitos de culpa e depressão em muitas mentes do século XIX” (GAY, 1990, p. 50).

Para o século do romance por excelência e da corolária profusão das vozes de literatos, filósofos e psicólogos da mente sobre o amor romântico, não se deve esquecer, porém, que se tomam esses breves traços como generalizações do que pertence ao campo da cultura, aqui absolutamente impossível fora destes limites. Os homens das letras, a partir da segunda metade do século, já tinham conquistado sobremaneira um grande público leitor. Para além dos consumidores da produção literária sem sabor, havia uma intensa divulgação entre os burgueses dos ácidos romances que portavam relatos sobre os fracassos amorosos desta classe, como é certo que os românticos se deleitassem com o cinismo ao vender-lhes os próprios insucessos e o irônico olhar romântico, que nada poupava da decadente maneira burguesa de alienar a própria existência.

Deste ponto de vista, certo também é que houve farto material para Freud na virada do século em benefício de sua teoria sobre a repressão dos costumes burgueses – tendo sido ele um deles³²–, bem como muito daquilo que o mestre viria a reclamar para o

³¹.Não se quer com isso afirmar que a depressão é conseqüência direta da repressão. Trata-se apenas de algo que se refere a uma tonalidade da histeria como fator social, de um contexto que tenha “produzido” as pacientes de Charcot, bem como as “Doras” e “Elizabets” da cultura de Freud.

³² Para Peter Gay, Freud, ainda que intelectual revolucionário, não poderia deixar de ser, inclusive na adversidade, representante de seu tempo. Ele também não escapava à herança da moralidade burguesa. O historiador oferece detalhes interessantes, aqui a título de curiosidade: “Os burgueses corretos do século XIX, quando procuravam uma esposa, precisavam estabelecer-se numa profissão ou ofício antes de se arriscarem a propor casamento. ‘A química’, escreveu Freud à sua noiva de seu laboratório, ‘consiste em dois terços em espera, e a vida provavelmente também’. Isto foi escrito no verão de 1882; um ano depois, em seu longo noivado, comentava com um orgulho combinado ao remorso o ‘hábito da supressão contínua de impulsos naturais’ característico das classes médias educadas” (GAY, 1990, p. 16).

discurso científico já havia sido longamente apontado e discorrido pelos românticos: a dialética byroniana do ambivalente amor-ódio; de Schopenhauer, a origem do impulso sexual no enamoramento e, por fim, a sublimação de Nietzsche - este como “um psicanalista anterior à psicanálise”, nas palavras do historiador (GAY, 1990, p. 80).

2.1.6. Tempos românticos: gênese e sobrevivência de uma mentalidade revolucionária

Para um considerável número de críticos, *o Romantismo histórico viabilizou a revelação de um romantismo maior, projetado no passado e no futuro*, e propôs uma nova dimensão cultural, que pôde se estender, sob indícios e fragmentos de sua inaugural *Weltanschauung*, até os dias atuais.

É atribuída a Friedrich Schlegel a incorporação do adjetivo romântico ao movimento filosófico-literário que tomava lugar na Alemanha na virada do século XIX, bem como, por volta da mesma época, na Inglaterra, o processo deve-se inicialmente à escola dos poetas Coleridge, Wordsworth, Southey, embora o uso semântico mais comum do termo apareça poucos anos depois. Na França, por sua vez, a palavra Romantismo ganha consistência com o movimento literário de Vigny, Lamartine e Hugo apenas na década de 1920.

LÖWY e SAYRE, em uma perspectiva antes política, econômica e social que literária, preferem considerar o Romantismo como tendo surgido “mais ou menos, de forma semelhante, independente e sincrônica, nesses três países que eram, relativamente, os mais ‘avançados’ no processo de modernização e desenvolvimento do capitalismo” (1995, p.80). Nesta concepção, em que se considere o movimento romântico produto do desencantamento da Revolução Francesa, da desilusão após a tomada de poder da burguesia, ele é compreendido como resposta às transformações mais lentas e profundas resultantes de um domínio maior, o da realidade conduzida pelo capitalismo, como já observado. O fenômeno esboçou-se paralelamente à gênese das cidades, da indústria e do comércio, inclusive na Renascença, como um primeiro movimento de oposição e, ulteriormente, contra os problemas trazidos pela Revolução Industrial, tendo desenvolvido estrutura característica no século XVIII e configurando-se da mesma forma como um

fenômeno moderno, na opinião dos autores. A relevância deste enfoque, genérico e pretensamente sincrônico³³, mais se sustentará em relação ao que muitos consideram sua sobrevivência, ou aquilo que se lê como prolongamento de aspectos românticos particulares nos diversos períodos da história do pensamento até a atualidade. Os autores, desta forma, não encerram o fenômeno em um ciclo, uma vez que consideram a permanência e manutenção da visão e crítica românticas – e inclusive como *neo-romantismo* – no final do século XIX e no século seguinte:

Se, no século XX, os movimentos artísticos deixam de ser designados por esse nome, não é menos verdade que correntes tão importantes como o expressionismo e o surrealismo, assim como grandes autores – Mann, Yeats, Péguy e Brenanos – trazem muito profundamente a marca da visão romântica. Da mesma forma, alguns movimentos socioculturais recentes – em particular, as revoltas dos anos 60, a ecologia, o pacifismo – são dificilmente explicáveis sem referência a essa visão de mundo (LÖWYe SAYRE, 1995, p. 33).

Quando se entende o Romantismo como reação ao avanço do capitalismo industrial, afirma-se sua presença co-extensiva ao modo de vida ainda – e principalmente – hoje hegemônico, em que idéias e conceitos românticos remanescem sob outros títulos nesta concepção estruturada pelo contraste entre dois sistemas genéricos de valor, o do romantismo e o da modernidade. O século XX, palco do desenvolvimento mais significativo e dominante do capitalismo industrial, sobretudo no Ocidente, fortalece a sobrevivência definitiva da racionalidade – principalmente científica –, da burocratização, da urbanização, da secularização e reificação, no sistema político, econômico e social da atualidade. Assim, torna-se uma afirmação interessante para este estudo que algumas matrizes do movimento romântico, em contraponto a essa realidade industrializada, extremamente urbana e mecanizada, tenham perdurado em épocas posteriores à efervescência do fenômeno (primeira metade do século XIX). Essa transformação gigantesca e irrevogável instaurada com a modernidade difundiu-se, mantendo seus princípios e efeitos – uma economia que cada vez mais se sobrepõe à organização política e

³³ Estabelece-se neste trabalho uma hipotética correlação entre épocas e estados de espírito para melhor traçar uma determinada visão da melancolia em seu aspecto histórico, cultural, literário. Há que se render, entretanto, ao fato de que tal posição não deixa de ser parcial e contestável devido a essa espécie de “facilitação”.

social – e caminha hoje para o que se presencia como globalização mundial, uma forma radicalizada de evolução deste sistema. Do ponto de vista de uma crítica dialética, espera-se uma mesma continuidade para o rechaço ao movimento de modernização em seu aspecto empobrecedor e desumano, eixo da antiga crítica romântica.

Convém ressaltar, porém, que não se trata aqui de uma sobrevivência integral do Romantismo, mesmo modificada, mas apenas de alguns princípios por ele legados que se difundiram na mais variada espécie de crítica e oposição cultural ao sistema vigente. O existencialismo, o expressionismo, o surrealismo foram, por sua vez, expressões originais, mas nada impede dizer a respeito de uma particular filiação das características de um primeiro movimento, inaugural como crítica ao embrião da modernidade. Muito embora esses movimentos de vanguarda tenham conformado-se como algo distinto, realizaram-se e lutaram de formas diversas, sabe-se que digeriram e adaptaram - quando não anunciaram publicamente o resgate de certas idéias - o que surgiu como crítica romântica, de modo a criar algo válido e específico à própria realidade, seguindo a mesma tendência dessa rebeldia primeira.

O caminho aos movimentos ulteriores que levam consigo idéias românticas foi em parte viabilizado pelo Simbolismo, com analogias tais como um certo ambiente cultural esotérico, místico, interiorizado a partir do subjetivismo, em cujo eixo manteve-se a oposição aos valores burgueses, à sua cultura e estética decadentes. “A ironia, a melancolia e o pessimismo são as tonalidades dominantes de um estado de alma que resulta da recusa permanente da realidade banal e prosaica do mundo moderno” (LÖWY e SAYRE, 1995, p.230).

Em um fenômeno paralelo, o início do século XX intensificou um ambiente positivista de projeções utópicas tecno-científicas; na contramão, permaneciam e surgiam importantes obras cujos criadores seguiam absolutamente afeitos à vida burguesa. O período pós-guerras ecoou novamente extrema desilusão, ratificando a descrença na possibilidade de um progresso voltado às sociedades e o desencantamento com a incapacidade humana de conduzir sua própria História. O homem tornava cada vez mais distante o ideal da liberdade. Dessa visão pessimista, surgia o existencialismo, por exemplo, com seu profundo apelo à interioridade, à subjetividade.

Já o expressionismo, mais patente na arte, manteve a preocupação em expor a interioridade por meio de traços de movimentos bruscos, violentos, apoiados pelas cores fortes e vivas. A atmosfera deste movimento foi de revolta, negação da realidade, misturados a certa euforia angustiante, certo desespero. Junto à promoção de novas utopias, como a tomada de consciência da humanidade, o expressionismo estabeleceu-se contra o aspecto crítico e doloroso de sua contemporânea realidade, criadora de convenções, estereótipos e comportamentos exclusivamente de acordo com a ideologia capitalista, racionalista, cientificista. Isto é apenas uma parte do caminho que conduz ao expressionismo, considerando-se sua heterogeneidade política e todas as suas nuances ideológicas e estéticas.

O surrealismo, por sua vez, íntimo e confesso herdeiro das idéias românticas do século XIX, o mais declaradamente revoltado contra os aspectos cruéis da modernidade, compôs um ambiente ideológico e estético revolucionário, em radical oposição à realidade da civilização capitalista, ao seu racionalismo, afirmando uma crença na onipotência do sonho. O rechaço total à cultura burguesa prossegue à leitura seletiva feita por Breton e seus amigos em busca de inspiração em Hugo, Musset, Bertrand, Nerval, Baudelaire (LÖWY e SAYRE, 1995, p. 234-5). A recusa surrealista ao nacionalismo – contra valores pregados pela idéia de pátria e família – e à religião apresenta uma dimensão “subversiva” bastante irreverente. Os surrealistas recorrem ao esoterismo, à astrologia, ao ocultismo, à alquimia, às artes ditas primitivas de povos indígenas e exóticos e, especialmente, estudam a mitologia, com a intenção de, no profano, buscar a espiritualidade, já destituída de qualquer vínculo religioso e, principalmente, institucional. O novo mito, além de resgatar em parte tradições antigas, deveria fundir-se ainda com a metafísica e conter sua dimensão afetiva e social. O mito surrealista, dentro de todo o universo artístico e cultural específico do movimento, é o que mais diz da experiência romântica: com raízes anunciadas já no *Frühromantik*, que retoma idéias de Schlegel, Schelling, sua principal diferença encontra-se, na opinião dos autores, na forma como é concebido seu caráter utópico, voltado tanto ao futuro quanto ao presente por meio de uma constante reconstrução aberta a novas possibilidades da realidade em movimento, e não mais de apreciação nostálgica, portanto. Este mito poético constituído pelo grito de recusa, de revolta à velha, decadente e infértil realidade burguesa, esse novo mito que busca o amor, a liberdade, a consciência humana –

e, principalmente, o inconsciente –, o espírito, a metafísica, só pode ser romântico em sua essência. Para reafirmar ainda um vínculo maior, sabe-se inclusive o quanto a teoria freudiana sobre o inconsciente, esta também resultante de um prolongamento de certas idéias românticas, serviu de fonte para os ideais surrealistas.

Um ambiente de revolta permaneceu em parte conduzido pelo ceticismo, este que promoveu uma intensificação da atmosfera pessimista e provou, no século XX, uma década de 1960 inaugural de uma nova fase, num derradeiro movimento revolucionário – principalmente das ruas –, da insurreição a partir da crença em um fatalismo sobre a degradação do mundo e do meio ambiente até a destruição total. A constatação dos autores é retirada de um estudo da ficção científica americana³⁴ que, no início do século, apresentava uma visão condizente à euforia positivista do desenvolvimento e do progresso, do avanço tecnológico e da ciência, observada ainda no cotidiano e na literatura popular, bem como na grande literatura e na arte³⁵. Após a derrocada da Segunda Guerra, uma visão preponderante retorna sensível ao aspecto romântico da luta contra uma realidade de perda, embora não por meio do resgate ao passado, mas para a construção de algo novo. Os estudantes de Maio de 68, na França, bem como movimentos análogos organizados em outras partes do mundo, levaram à prática radical, rebelde e revolucionária a crítica à tecnocracia, ao capitalismo selvagem, à alienação e reificação próprias do universo burguês empobrecido culturalmente. O grito de liberdade contra esta “perecível” civilização abriu fogo ao mundo com os carros literalmente queimados nas ruas, os protestos em praças públicas, pichações e festas sob ordem da revolução.

De alguma forma, a alta literatura, o cinema, a música e a arte ainda reclamam pelos mesmos princípios românticos contra a realidade decadente em termos culturais, opressora, cruel e agressiva em seu aspecto social e humano, embora de maneira distinta e, de certa maneira, são quase sempre inoculados a favor da manutenção dessa própria ordem de massificação, sob o controle de uma minoria da elite esclarecida que detém o poder, seja político, econômico ou sociocultural – criador de comportamentos –, através dos meios de comunicação.

³⁴ Este ensaio, “Malaise dans la science-fiction américaine”, redigido em 1975 por Gérard Klein e primeiramente publicado na revista *Science Fiction Studies*, é citado por LÖWY e SAYRE (1995, p. 223).

³⁵ Outra pesquisa, de Cecilia Tichi, *Shifting Gears: Technology, Literature, Culture in Modernist America* (1987), também é citada pelos autores LÖWY e SAYRE (1995, p. 225).

Convém sublinhar que essas elucidações acima, como o próprio nome, não exercem diretamente função às hipóteses desta tese. Não se busca a definição dos *ismos* sob a premissa de que simplesmente renovariam ou trariam o Romantismo da cultura ocidental do século XIX para os dias atuais, pois, é sabido, epistemologicamente não se pode reduzir movimentos artísticos e literários em blocos unitários e estáveis, ainda que submetidos ao mesmo universo histórico e cultural, para além do domínio subjetivo da criação estética. Também há que se considerar o fato de que muitas obras não têm necessariamente sua grandeza atrelada ao nível de engajamento político ou social, distando-se ainda mais de uma suposta correlação entre épocas e estados de espírito.

Este ponto tem como objetivo apenas o que permita o *fio condutor* de um pensamento, de uma visão e abordagem da melancolia aqui pretendida ou, melhor, das “melancolias”, cujo aspecto comum diz profunda e amplamente sobre uma realidade de perda – seja individual ou coletiva – estabelecida tanto em *Aurélia*, por Nerval, quanto por Freud no início do século passado e mesmo pelo que se considera como o fenômeno depressivo em suas demandas e abordagens clínicas contemporâneas.

A MELANCOLIA ROMÂNTICA DOS TEMPOS DE FREUD

2.2. UMA PSICANÁLISE ROMÂNTICA

2.2.1. Uma leitura genealógica da psicanálise

O aprofundamento no estudo do Romantismo permite delinear alguns traços marcantes da teoria psicanalítica em sua semelhança com as idéias românticas, oferecendo fortes evidências para um estudo genealógico entre os respectivos discursos. A exposição anterior de ambos permitirá o desenvolvimento destas idéias, que são sustentadas no ensaio *The religious and romantic origins of psychoanalysis* (1995), de Suzanne Kirschner, quem defende a tese de que o discurso psicanalítico atual pode ser resgatado originalmente da linguagem judaico-cristã e, em seguida, da respectiva remodelação desta linguagem no período romântico, este último, em sua opinião, mais diretamente responsável pela secularização das concepções a respeito da existência humana.

Parte-se da afirmação de que Romantismo, Mística Cristã e Psicanálise tenham em comum, fundamentalmente, a visão da condição humana que oferecem: trabalham com

temas existenciais profundos como o sofrimento, as perdas, a frustração e questões relativas à moral – que porta a tradicional dialética do Bem e do Mal –, procurando dar significado às imperfeições da vida humana e aos misteriosos conflitos da alma – ou da psique. Incluindo a investigação lingüística em sua pesquisa, Kirschner analisa as raízes da Psicanálise contemporânea³⁶ em um caráter bem particular. Afirma que, de um passado muito próximo e reconhecidamente judaico-cristão, antigas histórias e mitos remodelaram-se em uma nova linguagem cultural conforme os valores religiosos do Ocidente foram secularizados, fato tornado efetivo no século XIX por filósofos e literatos sobretudo do Romantismo inglês e alemão.

Em relação ao que a autora nomeia “aspecto teológico cristão pós-romântico”, compara aos movimentos de “elevação e queda” da alma pregados pela doutrina cristã os passos do desenvolvimento da teoria psicológica, cujas finalidades também poderiam ser correspondentes às da salvação mística: na recomposição dos ideais contemporâneos a partir de antigos motivos religiosos, a busca da alma pela salvação é transformada em um movimento interior, que a autora denomina redenção; a elevação espiritual³⁷ romântica possível no mundo natural, concreto.

Kirschner considera prioritária a idéia de uma era transicional de secularização. No final do século XVII, houve uma mudança do tema da “luz interior” medieval para conceitos como “razão” e “autonomia” com o Iluminismo, também responsável pela releitura romântica secularizada de temas da antiga tradição cristã.

A partir do grande desapontamento com a experiência violenta e tirânica das revoluções francesa e americana, artistas e intelectuais transformaram uma determinada visão de mundo teocêntrica em uma visão mais natural do homem, antropocêntrica. A espiritualidade encontrar-se-ia exclusivamente no mundo interior do ser humano, o qual

³⁶ A autora, americana, apóia-se especialmente na psicanálise desenvolvida nos Estados Unidos, empregando, deste modo, a palavra *self* para referir-se à idéia que se aproxima do conceito de ego, essa entidade subjetiva tão complexa em sua definição. O uso que se faz aqui é o mais abrangente possível, em certo aspecto conforme à linguagem freudiana, pivô desta pesquisa. Portanto, toma-se a liberdade de, nos momentos em que se considerar neutra tal atitude, substituir o termo *self* pelo correlato ego, já que a autora trabalha com idéias da psicanálise de Freud.

³⁷ Este é outro termo de natureza ambivalente que, como já apontado, refere-se ao que é próprio da subjetividade, da interioridade do ser humano em um aspecto secular; a palavra “mente”, por exemplo, como utiliza a autora, seria demasiado restrita para uma referência romântica.

ainda deveria retomar os vínculos originários com a natureza. Do desdobramento de Deus passava-se ao desdobramento da subjetividade, da personalidade. Uma nova concepção de História formulava-se: a história individual poderia atuar sobre a coletiva e o mundo passaria a ser o lugar para o desenvolvimento, engendrado na consciência humana. A utopia, alimentada no mundo interior abstrato, voltava-se ao plano terreno na medida em que realizasse uma nova Estética – que tornasse real o universo de abstração acima – para o domínio da sociedade em geral, com função reabilitadora, humanizante. Concretizava-se esta ambição romântica na poesia e na arte, tornadas formas superiores de conhecimento, acessível aos homens pela criação do gênio, cuja obra operaria em uma linguagem intuitiva, não-racional. Em resumo, a evolução da consciência individual passaria a coincidir com a evolução da humanidade. A ampliação do conhecimento, que transcendia o universo racional, era tornada possível especialmente na criação estética, para o acesso à natureza interior e exterior ao ser humano, propondo-se um equilíbrio universal.

Os românticos criaram um novo vocabulário emocional, filosófico e espiritual na cultura européia e americana, reflexo da apreensão de novos conceitos sobre a subjetividade que abriram caminho ao desenvolvimento das teorias psicológicas. Introduziu-se termos-chave como “mente” e “*self*” no lugar de “alma” ou “espírito”, fato indicativo de um longo processo de desinstitucionalização dos temas religiosos. “Deus” foi secularizado, assim como a idéia da salvação.

A autora lembra que, nas narrativas bíblicas neoplatônicas, a angústia da alma deriva da consciência sobre a ruptura entre homem e Deus. Vale completar que o idealizado caminho de retorno ao Criador é possível metaforicamente na interioridade, como no Romantismo, embora a moralidade humana opere em outra dimensão: ela regula a conduta conforme dá a medida do afastamento ou da proximidade de Deus, sob o determinismo da concepção do pecado e da idéia de vida após a morte, ou melhor, das leis ortodoxas que delas decorrem na visão romântica que a condena.

A estrutura teológica e a estrutura romântica de transformação da interioridade apresentam semelhante ruptura de uma forma de vida mais original; no caso da segunda, trata-se do início da civilização moderna que traz o sentimento de perda exposto na nostalgia romântica, em semelhante passagem ao paraíso por meio da busca de um

conhecimento elevado. A aspiração espiritual do Romantismo remodelou-se na idéia de uma reintegração do homem à natureza, na proporção da antiga reintegração da alma à Deus, em idênticos percursos de ascensão e descensão do paraíso cristão. A redenção no plano terreno, no real, é promovida pela transcendência experienciada na união da mente com a natureza, externa e interna ao indivíduo, a segunda delas sendo principalmente viabilizada no âmbito da estética, do sensível, e que tem por finalidade e recompensa os processos de autoformação e de transformação – de si e do mundo – gerados pela maturidade do “espírito” humano. O homem romântico tornado sujeito deve religar-se aos objetos naturais e às dimensões das quais ele se alienou na realidade moderna, processo análogo à imagem da queda do paraíso cristão e da ruptura com Deus.

Além disso, o mundo moderno acentuou a divisão entre o mundo exterior, natural, e o mundo interior e abstrato do ser humano, junto à dualidade entre objeto e sujeito, bem como à cisão deste último em suas partes instintiva e racional. O homem romântico, para enfrentar a alienação moderna, submete-se ao conflito e experimenta um sofrimento profundo em seu mundo interior. A partir de então, deve proceder a uma busca do mundo natural e subjetivo para dar-se conta da própria identidade e de sua relação com o universo. A autora mostra que este processo é análogo ao psicanalítico quanto à emergência do sujeito na formação de sua personalidade, o que implicará uma relação exclusiva, singular, com o próprio ambiente. Este momento contempla também uma ruptura originária, desta vez fundante do sujeito, como será visto posteriormente. Kirschner elabora sua idéia a partir da imagem de um espiral romântico, como a estrutura de que deriva o processo *cognitivo* (sic) de cisão e de reintegração do ser humano: ele vai da falta absoluta da consciência de si, do estado natural em que se encontra, a um estágio necessário de diferenciação e “racionalização” que, na evolução, integra o que é natural e o que é racional, como sujeito e objeto. Essa jornada espiral é infinita quando se trata de um ideal que está permanentemente em jogo com o real.

Da conjuntura acima à relação com a psicanálise, o caminho é breve. A autora argumenta, então, como se evidencia a profunda influência romântica em aspectos que, inclusive, sobrevivem hoje na psicanálise. Na apresentação inicial dos fatores históricos do início da teoria psicanalítica, observa-se extrema semelhança com o processo de surgimento do Romantismo. Kirschner baseia-se no historiador Carl Schorske, quem fala de um forte

movimento contrapolítico nas origens da psicanálise e da desilusão com a esfera pública e política da sociedade vienense *fin-de-siècle*, atingida pela crise da cultura liberal. A frustração e o desapontamento experienciados pelos intelectuais e profissionais da classe média - Freud entre eles - ante a derrota do liberalismo com a ascensão do nacionalismo, das forças reacionárias, engendrou a consciência de elementos da natureza humana e da vida social que estavam fora do alcance e do domínio da autonomia racional. A atmosfera de desilusão inclinou artistas e pensadores a uma visão mais complexa e obscurecida da motivação e do potencial humanos. Essa ênfase na dinâmica da vida interior, irracional e instintiva, pôde ser observada tanto na arte e na literatura vienenses da virada do século como no nascimento da psicanálise.

Os discursos psicanalíticos freudiano e pós-freudiano sobre o sujeito empregam percurso similar ao da *trajetória da divisão à unidade* romântica. Neles, a emergência do sujeito – ego ou *self* – é descrita como um processo no qual uma unidade indiferenciada é anterior à individuação. Esse primeiro momento do desenvolvimento é altamente problemático e implica um sofrimento inevitável. Aqui se trata do sentido da ruptura, da angústia prima do ser humano em uma experiência de cisão e perda, conforme a descrição da fase do auto-erotismo na teoria de Freud sobre o narcisismo, no primeiro capítulo deste trabalho.

São vários os aspectos psicológicos do nascimento que forçam o ego à consciência de seu estado interna e externamente dividido: o sentido emergente do outro, a constatação de sua natureza incontrolável e de um potencial para efeitos destrutivos sobre aqueles que ama, a comprovação das imperfeições e imposições da realidade externa, etc. Nessas teorias, o ego/sujeito que deriva desse trabalho não começa apenas a afirmar-se como separado e independente, mas ainda a formular seu novo sentido de ligação àquele de quem foi cortado. É nesta significação maior, funcional da teoria, que se efetua a mesma direção da *ruptura à integração* da conduta romântica: as teorias do desenvolvimento emocional e da personalidade são, em larga medida, histórias de como o ego, daí em diante, começa a forjar novos e mais altos níveis de relação com os objetos dos quais ele deve se separar para que se torne independente. Por fim, há, relativamente posterior ao estágio de desenvolvimento, uma união “redentora”, a capacidade para relacionamentos maduros. O

que está permanentemente no jogo entre ambos é, portanto, a qualidade da experiência, passível de realização somente no domínio da interioridade subjetiva.

2.2.2. “Luto e melancolia” na esteira das idéias românticas

O objetivo deste ponto é vislumbrar alguma concepção de amor romântico revelada em momentos da literatura freudiana, sobretudo nos escritos pertinentes a “Luto e melancolia”, artigo intimamente ligado ao desenvolvimento das idéias sobre o narcisismo do texto de 1914. Não se procura, entretanto, *determinar* conceitos românticos na obra freudiana – à qual não caberia, evidentemente, tal redução –, mas apenas estabelecer algumas analogias para enriquecer este trabalho e demonstrar mais claramente o *que*, nesta especulação freudiana da melancolia pautada pela comparação ao luto, aproxima-se tanto da melancolia romântica de Nerval e do sujeito de *Aurélia*.

Da relação do *discurso amoroso romântico* com o *processo melancólico subjetivo* definido por Freud, é possível deduzir aspectos semelhantes e imagens confluentes em ambos os processos como já visto no item anterior. Se não fosse um anacronismo – pois a partir de uma leitura retroativa –, seria possível dizer ainda que o discurso romântico apresentaria um *espelhamento* das características que pertencem a um conjunto dinâmico próprio ao desenvolvimento da melancolia psicanalítica freudiana.

Já foi ressaltado que o Romantismo tem sua essência em um sentimento de *perda*, sendo a nostalgia um de seus elementos principais. Tal ruptura revela-se no *desencantamento do mundo*, que lamenta incansavelmente o significado crítico do advento da realidade moderna capitalista, bem como os pontos negativos do seu respectivo movimento cultural ascendente, o Iluminismo. Ao olhar romântico, o homem perdia-se na nova realidade, culpado pela próprio pecado ao cultuar profanamente um deus moderno, o capital. Não é por acaso que o Éden Perdido seja um dos principais ícones no resgate da tradição bíblica que, ao simbolizar a *perda fundante da humanidade* em Adão e Eva, colocam em jogo uma leitura sobre a culpabilidade metafórica pela ambição ao conhecimento que, ainda, paralelamente como motriz dessa perda, funda o que é humano no próprio ser humano, instaura sua realidade natural limitada bem como seu infinito potencial de inteligência, de simbolização. Essa culpa está intimamente ligada a uma dor, relativa à consciência de si bem como do mundo ao seu redor. Conhecer-se, então, também

significa deparar-se com a própria natureza na ambigüidade dialética que opõe bem e mal, prazer e desprazer, alegria e dor; metaforicamente, essas categorias serão parcialmente conduzidas segundo o livre-arbítrio do sujeito, ainda que supondo a idéia da existência de Deus e do Diabo. A leitura romântica utiliza-se destas imagens para a melancolia poética que trata da nova perda simbólica estruturante: a dor vem pela consciência da realidade imperfeita da sociedade moderna; em oposição, utilizaram-se disto para reforçar o ideal de que o conhecimento do homem sobre si está no mundo, na própria natureza humana, que agora interioriza em si definitivamente o bem e o mal. O romântico pode alcançar então toda a liberdade em seu mundo interior, pela transformação do “espírito”, que se eleva sobretudo no domínio do sensível, na dimensão criativa, artística e simbólica, do ser humano.

Essa idéia de uma dolorosa cisão apresenta paralelismos em relação ao que FREUD (1914) estabelece em “Narcisismo: uma introdução” sobre o engendramento do ego ao superar a fase do auto-erotismo ou narcisismo primário, quando deve emergir o sujeito – numa estruturação de base emocional e intelectual –, dada a consciência da alteridade e a conseqüente necessidade das trocas e manipulações com este outro que foge ao seu domínio, evocando a sensação da perda, em uma realidade agora limitada e imperfeita. A dor dessa cisão, junto à memória idealizada da onipotência perdida, da existência auto-suficiente perfeita em uma anterioridade alheia ao próprio sujeito, ilustra uma nostalgia primária e indefinida³⁸. É ainda o *estado de desamparo* para Freud que traduz a experiência primeira de satisfação; evoca também a imperfeição do aparelho

³⁸ É interessante notar como Paule Steiner, em seu artigo “Filogênese e nostalgia”, inverte o sentido da teoria freudiana do apoio pulsional - que diz que as pulsões sexuais inicialmente surgiriam a partir das pulsões de auto-conservação no modelo da primeira experiência da satisfação. Baseada na pequena observação fatural biológica de que o feto já chupa seu dedo – já que Freud usa como argumento as manifestações da sexualidade oralizadas no bebê – a autora supõe a reordenação da descoberta e dos contatos objetivos e, portanto, da existência primordial da sexualidade infantil a qual, então, marcará “a realização regular e exaustiva das atividades de auto-conservação”, processo pulsional que, depois de adquirida sua autonomia, degradar-se-ia “em direção das necessidades que o homem se habituou, por repetição da experiência, a satisfazer” (STEINER, 1989, p. 210). Da ampla polimorfia com que as pulsões sexuais infantis apresentam-se, restaria a involução sexual da espécie que, conforme Freud declara em 1929, ocorre na cultura, além da regressão da sexualidade, como atividade, pelo processo de sublimação que altera as metas sexuais. Desta mesma argumentação, STEINER conclui que a experiência da nostalgia é anterior à experiência da satisfação, e “designa algo aquém do princípio do prazer” (1989, p. 226). Assim, o objeto da satisfação baseado na inibição da dor ligada ao órgão é apenas secundário. O seio constituirá o símbolo da ação específica da nostalgia, na relação dualista entre a onipotência do bebê e a ação específica exterior da mãe, no “fluxo que a lei de associação por simultaneidade constitui como suporte de toda experiência de encontro e de toda solidão” (STEINER, 1989, p. 226).

psíquico da precoce diferenciação entre o ego e o id em “Três ensaios da teoria da sexualidade” (1905) que, ao engendrar o sujeito e o outro, carrega o sofrível discernimento.

Trata-se da obrigatória *primeira perda fundante e humanizante do sujeito*, que marca a condição de uma dor a qual se repetirá inevitavelmente e que promove, na individualidade subjetiva emergente, a independência e a liberdade quando se torna capaz de lidar com a frustração, auto-elaborando todas as perdas e ausências posteriores, inerentes à condição humana no real. Essa dor é, então, imprescindível ao amadurecimento interno do ser humano para *sujeitar-se* à realidade concreta e imperfeita; uma dor funcional que chama à consciência. A *dor narcísica* que exige do sujeito o retraimento para tal elaboração parece, nesse sentido, apresentar semelhante recurso salutar como no sono ou, ainda, na enfermidade: o sono é o fator biológico necessário para a manutenção do corpo, e o sujeito, para descansar, deve eximir-se da realidade exterior para dar lugar, então, à elaboração psíquica a serviço do inconsciente no sonho; outro necessário recolher-se em si mesmo que implicaria a *posição narcísica* seria o caso da enfermidade, quando o sujeito encerra-se em si para restabelecer-se, uma vez que sua libido desliga-se dos objetos exteriores e passa a ocupar-se do próprio ego. Assim, todos, sono, dor física e dor psíquica, apresentariam uma espécie de exigência compulsória com o sentido da preservação vital. É desta finalidade da dor do “enlutado” que falam FÉDIDA (1999) e DELOUYA (2000), por exemplo, ou QUINET (1999) sobre a dor de existir.

Este ponto favorece uma pequena observação a respeito do olhar contemporâneo voltado a uma depressão cada vez mais “clínica”, tema que resgata de maneira indireta as idéias românticas e que conduzirá à conclusão final deste trabalho: a crescente explosão na demanda depressiva do homem deste milênio remete a uma perda maior, da experiência coletiva, semelhante àquela outrora denunciada pelo Romantismo; trata-se de uma fragmentação contextual tão ampla que inibe as relações humanas sociais, intersubjetivas e, especialmente, intra-subjetiva. Essa perda está ligada à severa e já caquética alienação do princípio intelectual crítico, que proveria a capacidade do ser humano para enxergar e entender a própria dor psíquica, a qual não deveria *simplesmente* ser eliminada, como se observa no sentido comum, mas elaborada.

A nostalgia ainda lembra em Freud o desejo de retorno ao indivisível, do que será considerado posteriormente a pulsão de morte. A luta entre Eros e Thanatos é tão poética quanto o desejo que se nutre de uma falta; tão romântico desejo que, em busca de preenchimento, só pode se sustentar pela falta, na condição dialética de oposição ao esvaziamento. Por analogia, a associação íntima entre o amor e a morte já havia sido tema cativo do Romantismo, cujos poderes de sedução, inclusive, ultrapassaram a idealização e tomaram proporções sem medida quando alguns deixaram-se levar pela euforia suicida, pelo latente desejo de retorno ao prazer indiferenciado do início da vida, especialmente a partir das aventuras do jovem Werther, de Goethe (GAY, 1990).

Essas ambigüidades, extremamente sensuais no Romantismo, entre amor e morte – a pequena morte...³⁹ –, entre amor e ódio, são revitalizadas na psicanálise teórica pelas “formas nascentes de reconexão do self”, em apropriação às palavras de KIRSCHNER (1996), que complementa sua pesquisa com outros nomes importantes como Melanie Klein e Donald Winnicott. O dualismo entre o eu e o outro, entre os representantes do ego ou entre objetos bons e maus, do sentido do amor e da agressão do sujeito emergente, aludem às antigas idéias românticas da comunhão de opostos, que interiorizam no *indiví-duo* a tradicional dialética entre o Bem e o Mal representada por Deus e pelo Demônio da tradição cristã, personagens bastante presentes na cena romântica. A partir deste pressuposto, a psicanálise mantém a interiorização dessa mesma dialética no sujeito, que progride na relação dicotômica com o outro; constatar essa alteridade é um processo interno ao sujeito que – tanto como o indivíduo ou a obra de arte para o Romantismo – internaliza o mundo por meio da representação, da simbolização.

Seria interessante pontuar outra idéia alusiva: a relação dialética, como questão moral, é internalizada no sujeito pela personificação do Supereu (NOMINÉ, 1999), como instância de uma tríade – na segunda tópica – o qual, junto ao id e ao ego, regula-se dualmente com este último compondo sua terça parte. Esta idéia foi exposta por Freud em 1924, no artigo “Neurose e psicose”, quando pondera a melancolia como psiconeurose narcísica, resultado de uma luta entre o ego e o superego, que não se encaixaria no quadro nem de uma neurose – a luta do ego contra o id –, nem de uma psicose – o ego contra a realidade externa. Ainda, se a frustração resulta do fracasso em dimensionar um desejo que

³⁹ *Le petit-mort* é o termo francês referente ao orgasmo

compreende o infinito da idealização à impossibilidade do real, ela é do domínio deste mesmo superego, que inicialmente é dado como a instância que apreende consciência moral, ou seja, a memória filogenética/geracional da cultura transmitida inconscientemente por quem cria e educa o sujeito. Nessa teoria freudiana sobre a melancolia, é conhecida a luta do ego para sobreviver ao domínio do *superego*, lembrando o embate entre realidade moderna e idealismo romântico. Num início teórico, da época de “Luto e melancolia”, o superego é aquele que apresenta o ideal do eu e, depois, personifica-se no senhor do ego-escravo, punindo-o a partir da moralidade social internalizada.

A crise romântica caracterizou-se, basicamente, pela experiência subjetiva da desilusão, conseqüência do aspecto irreconciliável entre o real e o ideal, eixo também para a psicanálise, que trabalha a *crise* sob a idéia do patológico como fracasso das habilidades emocionais e simbólicas ao lidar com o que pode tornar-se uma insuportável dimensão – para o neurótico ou para o psicótico, por exemplo – quando revela e impõe os limites do real, que sobrevêm inaceitáveis e devastadores ao sujeito. Refere-se ao momento em que se imprime a Lei, o corte essencial e fundante da subjetividade psicanalítica, como aquele da perda do paraíso cristão, incluindo o caráter punitivo ante a desobediência das leis de Deus Pai, sendo este inclusive próprio à representação do superego que, salutar ou morbidamente – base da caracterização psicopatológica –, sintetiza as leis e convenções sociais no domínio do aparelho psíquico definido por Freud.

No Romantismo, observou-se a triste constatação das imperfeições da realidade moderna, que tanto poderiam ser combatidas pela *infinitude da imaginação*, em um primeiro tempo, quanto convidariam ao *pessimismo* em um segundo tempo, tradução do desespero das últimas gerações de românticos na sua profunda melancolia. Opuseram-se à realidade moderna até o momento em que se renderam à utopia imposta por eles mesmos, a um ideal tão inalcançável que conduziu à decepção; os românticos resignaram-se quanto à incapacidade coletiva de regenerar a própria história e resgatar a dignidade humana. A intermitência desse discurso literário romântico seria, assim, familiar à da descrição psicanalítica da melancolia: ambos revelariam dinâmicas semelhantes, comparando-se o fenômeno dado por Freud que alterna entre a “mania” e a “melancolia” e a visão do movimento romântico francês orientada por BÉNICHOU (1992), conforme item 2.1.4. deste capítulo.

Essa comparação é possível pela síntese, a partir de toda a anterior exposição até este momento, de uma versão da literatura que poderia ser quase lida como *ambivalente* e, neste caso, sintomática: Bénichou afirma a *fragilidade* do Romantismo em um primeiro momento eufórico e, depois, melancólico por sua frustração. Na opinião do autor, os românticos teriam se fartado com seus próprios excessos, indo longe demais em sua crença no ideal. Tal comentário, entretanto, parece deixar de lado um dos princípios exaltados pelo movimento: a consciência que a literatura e a arte promovem, junto a um conhecimento transcendental que é da ordem do belo, do sublime. E a fragilidade é sublime, tanto quanto seja estética.

Nesse sentido, verifica-se uma sutil diferença de abordagem entre o autor de *L'école du désenchantement* e os outros autores aqui empregados, como NUNES (1985) ou LÖWY e SAYRE (1995), que se reportam à melancolia romântica como *elaboração estética*, e não como *sintoma*. Na primeira via de compreensão, há um duplo recurso, unitário na segunda. Como sintoma, tem a função de alerta sobre um estado que grita a respeito de uma falta, de um vazio, de uma frustração; como *elaboração estética*, pode ter o mesmo sentido, mas com um passo adiante: a *consciência* do processo e o *ato voluntário* da expressão melancólica como denúncia, que espera mais do que nunca por um futuro melhor. A diferença está nessa melancolia desenvolvida por um agente – o artista – ou por um paciente – o século XIX atingido pela desilusão romântica. O que se pode excluir nesta última concepção – apenas uma questão de método e cuidado semântico – é a virtude do processo de sublimação na literatura.

É óbvio, porém, que o autor francês claramente não vê a melancolia das últimas gerações românticas como sintoma no sentido redutor que implica essa palavra. Mas não seria de todo ruim lembrar uma diferença que se pode tornar primordial para o sujeito melancólico da clínica: a melancolia sintomática pode assentar-se num pessimismo que deriva à imobilidade e ao silêncio. Ao contrário, na visão literária, o Romantismo é a *sublimação*, e não a *causa* dela. No Romantismo não se trata de um olhar sintomático nunca, pois, ainda que se conceba a Arte como um processo de reação ao atual estado de coisas, na luta contra uma realidade sempre imperfeita, que foi o emblema romântico, já não seria o da “arte pela arte” tempos depois, por exemplo. A estética romântica seria essencialmente melancólica, mas ao lutar permanente e concretamente contra uma falta; ela

é a sublimação em seu desejo pela consciência, pelo conhecimento, pela profundidade do ser humano, enfim, pela liberdade, e assim perfeitamente capaz de sintetizar o universo de idealização melancólica na arte e na literatura.



CAPÍTULO III
DA LITERATURA À PSICANÁLISE

*Inconsciente o mistério de todas as coisas e de todos os gestos,
Por que não afrontarei sorridente, inconsciente, a Morte?
Ignoro-a? Mas o que é que eu não ignoro?
A pena em que pego, a letra que escrevo, o papel em que escrevo,
São mistérios menores que a morte? Como, se tudo é o mesmo mistério?*
ÁLVARO DE CAMPOS

GÉRARD DE Nerval E SUA AURÉLIA

3.1. O ROMÂNTICO Nerval

Gérard de Nerval é Gérard de Labrunie, um escritor francês parisiense nascido em 22 de maio de 1808. Neste mesmo ano, seu pai, Etienne Labrunie, é nomeado médico auxiliar na Grande Armada e parte para Hannover, Norte da Alemanha. Em 1810, perde sua mãe, que morre na Silésia, acompanhando o marido. Gérard fica com seu tio-avô em Mortefontaine⁴⁰

Em uma vida de sérias dificuldades e de profunda solidão, agravadas pelo período político em que se inscreve e, posteriormente, pelas crises de loucura que viria a sofrer,

Nerval, nome artístico bastante sugestivo, inicia-se como escritor na poesia política. “Elegias Nacionais”, de cunho ao mesmo tempo liberal e napoleônico, mostram que seu autor já sonhava alto e, ingenuamente até, viria a sofrer grave decepção política com a monarquia de 1830. Nerval considerava-se pertencer a uma época sem ilusões. Em toda sua carreira literária, entretanto, não abandonou a dimensão pública em sua poesia, nem desmentiu ou negou a fé no devir da humanidade, como seus contemporâneos do desencantamento; ele subtraiu-se ao sombrio amargor e à sarcástica ironia de um Flaubert, por exemplo, ou de seu íntimo amigo Gautier com relação à sociedade. Afirmando uma essência solitária, Nerval, diferentemente de seus colegas, conservou a fé no futuro da humanidade. A procura exclusiva de uma verdade mais profunda, porém, demarcou um forte espírito de fraternidade na sua comunhão íntima da infelicidade humana.

⁴⁰ Literalmente fonte morta.

Pode-se até dizer que tenha permanecido fiel a uma latente desilusão política sobrevinda com o Regime de Julho de 1830 – da monarquia de Luís Felipe – caso se interprete aqui um movimento equivalente a tudo em que ele tendia tão fortemente a oscilar. Conforme os textos de 1830, ele era simpático à extrema-esquerda. De 1830 a 1832, aproximou-se do neo-jacobinismo, apresentando um niilismo sarcástico que evidencia a decepção com o regime, comum aos grandes intelectuais dessa época: tratava-se de um resultado infeliz que anulava a precedente revolução gloriosa, de tons de nostálgicos. Tinha em comum ainda os temas de crítica ao reino do dinheiro e da burocracia, da denúncia às ilusões da Revolução Francesa. É conhecida sua tradução do *Fausto*, de Goethe, a obra prima fundamental da crítica à sociedade e ao homem moderno, de um espírito que impregnou a atmosfera mundial, sobretudo os grandes homens românticos. Em um segundo tempo do Regime de Julho de 1830, porém, Nerval atava com a liderança conservadora do governo, o que parecia contradizer suas posições anteriores. Segundo BÉNICHOU (1992), isto se deveu muito possivelmente à necessidade de sobrevivência, já que o escritor vivia de suas publicações jornalísticas.

Romântico e sonhador, Nerval escreveu bastante. Com o desenvolvimento da imprensa e da grande tiragem de folhetins, alteravam-se àquela época os hábitos da comunidade literária. Chegou a fundar a revista *Mundo dramático* com a herança do avô, que infelizmente não se sustentou e teve fim em 1836, obrigando-o a sobreviver do jornalismo. Escrevia artigos para revistas de teatro, entre viagens para Alemanha, Viena, Bélgica, Holanda, Londres, para o Oriente. Nerval chegou a constituir alguns de seus livros ao recolher esses folhetins de viagens, cujo caráter polimorfo e caótico alimenta todo seu plano literário.

Sua obra amadurecida data de 1840; distinguindo-se no Romantismo, Nerval foi mais fundo com a narrativa intimista no plano da transcendência romântica, do sobrenaturalismo, tratando das questões de sua imaginação e dos devaneios sobre as próprias experiências com temas tais como a loucura, o sonho, o luto, a morte. O delírio de grandeza e a angústia do duplo são centrais nesse estilo original de criação. Sua própria experiência traduziu-se em uma sorte de criação caótica e ao mesmo tempo mais lúcida que nunca, substância da obra nervaliana que promove sua universalidade e que não se esgota, de modo algum, na realidade dessa experiência concreta.

A revisão da obra de Nerval feita por BÉNICHOU (1992) permite constatar a extrema diversidade quanto aos seus assuntos e formas. É possível encontrar em algumas de suas obras diferentes “autores”, como em *O rei de Bicêtre*, uma narrativa fantástica bem-sucedida, ou em *Aurélia*, uma “odisséia da saúde”, nas palavras do crítico literário, revelando universos heterogêneos e ricos em intenções. Há, porém, algo de comum entre todos: sua inspiração profunda por uma busca permanente de si e de uma realidade pouco dimensionada a olhos desacostumados ao sensível – ou ao trabalho psicanalítico...

Além dos extraordinários sonetos de 1840, são consideradas obras maiores e independentes *Aurélia* e *Sylvie*, suas últimas novelas, em uma espécie de odisséia espiritual autobiográfica, primeiramente publicadas em periódicos. Dentre as matérias e peças ao teatro, escreveu, com Alexandre Dumas, *Piquillo*, ópera cômica cujo papel principal era encenado pela heroína dos mesmos atos finais e trágicos do palco nervaliano: aos 26 anos, sua vida marcou-se por uma misteriosa paixão pela artista lírica Jenny Colon – outro nome bastante alusivo –, fato que levou à criação da lenda sobre o sofrimento e as perturbações mentais que o escritor viria a sofrer posteriormente, em 1841 – certamente responsáveis pela fecundidade de sua obra madura. Esta peça foi representada em 1837 em Paris e, em 1840, em Bruxelas. A atriz casou-se em 1838 com seu colega de teatro, um flautista, e veio a morrer em 1842. Logo em seguida, apareceram referências de Nerval a uma bem amada morta. Entretanto, não se pode dizer que tenha sido precisamente de Jenny que falava.

O amor platônico do sujeito lírico pela mulher mítica, inalcançável, presentifica-se em grande parte de suas obras. Desde testemunhas de amigos, das alusões em suas obras e das cartas pessoais, é possível verificar que, na realidade, não há sequer menção à atriz, cujo nome verdadeiro, Marguerite, era curiosamente igual ao da desconhecida mãe de Nerval⁴¹. Nas cartas dirigidas a ela, tampouco há qualquer sentido afetivo que ultrapasse o nível das boas relações profissionais. Sobre as *Cartas de amor* (*Lettres d'amour*) reunidas, cuja suposta destinatária seria Jenny, não há como provar sequer que tenham sido enviadas, nem a ela ou a qualquer outra. Essas cartas, na verdade, dão a entender que tenham figurado como exercício literário na vida do escritor, como um

⁴¹ KRISTEVA (1989) apresenta um interessante ensaio sobre este aspecto da vida de Nerval, cf. Referências Bibliográficas deste trabalho.

roman à faire, dada a grande quantidade de rascunhos. Esse fator é interessante ainda porque ressalta outra característica de Nerval: a maioria de suas obras terminadas foram feitas a partir da reunião dos folhetins publicados periodicamente. Um dos motivos de seus fracassos financeiros era que estava sempre por terminar o grande artigo... Parece tratar-se de um processo que, além de se consumir na repetição, vincula-se a uma acentuada fragmentação, uma dissipação própria que alimenta o caráter fugidio de seus textos.

O crítico ainda apresenta um estudo minucioso da criação nervaliana que faz da mulher um fantasma em função de um “equilíbrio quimérico” (BÉNICHOU, 1992, p. 290). O que se confirma pela análise de depoimentos, cartas e leituras é que a veracidade – ou não – dos fatos, apesar de extremamente plausíveis, já não importa, devido à transcendência de toda sua obra final⁴².

O amante desrealiza a mulher para amá-la, interditando qualquer sucesso no real. Essa tradição idealista é tão antiga quanto a própria literatura. A exclusividade nervaliana, entretanto, consiste na exploração da possibilidade dialética de viver o agente *atuando* como paciente, ao tornar seu amor inacessível para que o desejo tampouco se encerre na consumação do ato. Claramente, sua lírica repete um amor puro, celestial, transcendente. Essa atitude decorre de um caráter particular do Romantismo, o da sensibilidade relativa ao infortúnio amoroso, em que o mal do desejo é a sua finitude na satisfação. Não parece, portanto, que seu desejo, na exaltação e idealização do feminino, fosse destinado a outra função senão à criação estética literária.

Em inúmeras obras, Nerval coloca em extremos a causalidade de um amor frustrado como o culto do impossível, “última fórmula do Romantismo sem esperança” (BÉNICHOU, 1992, p. 298). Ele já lamentava pertencer a uma época de desilusão, certamente estendida à própria vida, atrelada à nostalgia de uma experiência prematura mítica, fundada no vazio de um passado condenado a repetir-se indefinidamente. A reprodução de um desejo infinito parece percorrer a lógica lírica do sujeito que inverte aquela do amor tradicional: o que é efeito passa a ser a causa, e a loucura seria corolária do

⁴² De qualquer modo, ainda que se procure definir o liame patológico da pessoa do autor – como sua obsessão pela mãe morta – na tentativa de desvendar sua experiência íntima por tais conjecturas, certamente não foi a isso que este trabalho destinou-se, e menos a obra nervaliana. São apenas ilustrações, pois o contexto é sempre interessante para ampliar certas idéias, mas não para corroborar qualquer generalização de caráter biográfico

fracasso amoroso. Interessante observar um texto de Nerval⁴³ dedicado à memória de Nodier, de 1844. Aqui é o escritor quem fala: “Não me é suficiente colocar no túmulo meus amores de carne e de cinza para melhor me assegurar de que somos nós, vivos, quem marchamos em um mundo de fantasmas”.

Nas *Cartas de amor*, há um herói que, semelhante ao sujeito de *Aurélia*, declara-se euforicamente à sua bem amada e crê tê-la assustado. A ruptura é exposta como culpa própria, devido a uma falta cometida que tenha levado ao afastamento daquela que amava por meio da punição. Segundo BÉNICHOU, segue-se a tradição dos grandes romances que, sob a retórica da humildade e da devoção, revela a demanda inesgotável do sujeito e uma violência própria sem medidas. “Nós descobrimos que a extrema submissão desse amante recobre um fundo de violência mais ou menos bem comprimido que assusta sua parceira: primeira ambigüidade do amor que ele professa” (BÉNICHOU, 1992, p. 281). É dessa forma ambígua que, na impossibilidade de satisfazer ao impulso amoroso, não se oferece nada além da retórica literária, caso subentenda-se o pragmatismo da experiência concreta.

Mais do que definir a existência real desse desejo por uma atriz presente em grande parte de sua obras, importa entender os elementos reguladores do universo nervaliano: uma humildade que desvela extrema violência, uma certa obsessão pelo desejo que se mantém por meio da insatisfação e do medo antecipado de perdê-lo. Nerval, na opinião do pesquisador, talvez procure sofrer menos sem negar a própria essência ou isso que o invade e o toma por completo, essa ausência que paradoxalmente preenche seu ser. A solução seria esta que, ao espiritualizar o desejo, resolve a luta íntima para compensar o sentido da frustração inevitável, relegando à realidade – inclusive a fictícia, da verossimilhança narrativa – a indiferença.

Nos últimos anos de sua vida, desde 1852, multiplicam-se as alusões à história de seus amores, em referências, segundo o crítico, cada vez mais patéticas. Nessas obras, porém, Nerval expressa mais claramente aquilo tudo que ele tinha a dizer. Assim, constata-se que Gérard de Nerval amou sozinho e, ao reunir as vicissitudes de um amor espiritual à imagem mítica de mulher, inacessível, dá melhor o ar de ficção à sua obra que de uma

⁴³ NERVAL, G. *apud* BÉNICHOU, P. *L'école du désenchantement*. Paris: Gallimard, 1992, p. 287.

composição simplesmente autobiográfica. Não se trata do amor de Gérard por Jenny, portanto, mas da figura de Jenny como pretexto ou invocação para o insolúvel amor idealizado de Gérard. *Sylvie*, de 1853, desvenda com mais clareza a experiência amorosa de mesma lógica. Nesta narrativa, o sujeito contempla uma atriz a cada noite de apresentação da peça, até que um dia resolve declarar-se, e o faz tão desmesuradamente que acredita, por este motivo, receber em troca sua recusa. Trata-se, assim, de um amante pouco afeito a amar uma mulher real – mesmo na fantasia da obra – e ser amado por ela. É a maneira como Nerval reafirma cada vez mais sua lenda pessoal.

Já *Aurélia*, para Bénichou como para qualquer apreciador, oferece uma *quintessência* do drama de amor nervaliano: “Uma dama que estava perdida para mim” são as palavras de Nerval das primeiras exortações desta novela, revelando na verdade não as figuras femininas míticas como determinantes da história amorosa do sujeito, mas a solidão. Nesse sentido, o crítico diz que, “sem dúvida, sabe ele melhor que nós o segredo de sua vida; mas esse segredo tem todo o ar de ser aquele de um homem solitário, que disputa com os fatos sua verdade íntima” (BÉNICHOU, 1992, p. 288).

Não se conhece exatamente a natureza dos problemas mentais que Nerval tenha sofrido, baseados em diagnósticos apenas plausíveis. Sabe-se, porém, das datas das principais crises: a primeira delas ocorreu em fevereiro de 1841 e Nerval, com 29 anos, necessitou de um longo período de internação sob a responsabilidade do Dr. Esprit Blanche, em Montmartre, onde ficou até novembro do mesmo ano. Os primeiros sintomas da segunda crise, entretanto, manifestaram-se apenas dez anos depois, em 1851. Daí em diante seu estado agravou-se, com hospitalizações e diagnósticos diversos nos primeiros meses de 1852 e 1853 e, em agosto deste último ano, foi internado na clínica psiquiátrica do Dr. Émile Blanche, filho do médico anterior, em Passy, onde permaneceria até maio de 1854. Acabou retornando em agosto, pela última vez. Este médico incentivava Nerval a escrever durante suas crises.

Nesse intervalo de dez anos, entre 1841 e 1851, não há registro, entretanto, de qualquer outro distúrbio ou de que ele tenha estado doente. Durante as conhecidas crises, sabe-se que chegou até mesmo a usar por duas vezes a camisa de força, e que delirava, no engrandecimento mítico de sua pessoa. O oposto de seu sentimento de poderes

sobrenaturais, como narra em períodos de excitação maníaca, seria dado, na afirmação de Bénichou, por um duplo espoliador ou a sensação de uma iminente catástrofe. O delírio em Nerval tem um caráter bastante intermitente, observado especificamente nas cartas do período, com inclusive referência clara e sensata de seus estados passageiros. Às vezes, sentia-se curado ou convalescente, outras, chegou a negar ter alguma vez estado louco. Suas crises, porém, não impediram que sua vida alternasse entre viagens e obras que escreveu. Foi no tempo da segunda delas que compôs *Sylvie e Aurélia*, suas melhores obras, como já comentado. Pode-se observar que, na criação nervaliana amadurecida,

[...] os problemas mentais qualificados, mas passageiros, atravessam, sem rompê-la, a continuidade da memória e da lógica: o sujeito esforça-se por elaborar seus problemas como toda experiência. “Ver a loucura face a face” não é outra coisa: constatar-se parcialmente alterado em seu ser, e provar que não se é de modo essencial, pelo exercício de uma consciência que domina o conjunto da situação. De tais desordens, sobretudo sonhos, visões, pensamentos mórbidos, terrores, são determinantes em Nerval, e o esforço que ele faz para dar-lhes um sentido, aos olhos de seus leitores como aos seus, é a alma de sua literatura. É assim que ele é conduzido a valorizar espiritualmente os sintomas disso que, aliás, ele chama ele mesmo sua doença, e a não mais querer dar-lhe esse nome (BÉNICHOU, 1992, p. 304-5).

Se a matéria-prima de sua realidade empresta o corpo à obra, não é menos verdade que essa busca espiritual confere-lhe a alma. Essa *odisséia espiritual* de Nerval deve, entretanto, ser entendida em seu caráter secular: refere-se aos íntimos desejos do espírito pela transcendência em uma experiência sensível e moral – que comporta o bem e o mal –, da estética e dos valores, para a virtude de uma consciência destinada à compreensão profunda do universo imaginário e simbólico do ser humano.

Dentre algumas de suas obras, as mais importantes são *Odelletes* (1832-35), *Les illuminés ou les précurseurs du socialisme*, contendo estudos sobre Restif de La Bretonne, Cagliostro e outros (1852). Lançou a seguir uma coleção de sonetos *Les chimères* e outra de história fantástica, *Les filles du feu* (1854). São consideradas obras de significado autobiográfico *Sylvie* (1853), *Octavie e Pandora* que, assim como a última delas, *Aurélia* (1854), refletem uma grande obsessão: a busca contínua da figura feminina que

representaria um grande e único amor, “extraviado nos caminhos e sombras de sua infância”, segundo KRISTEVA (1989).

Nerval enforca-se na noite de 25 para 26 de janeiro de 1855, em sua cidade natal, ilustrando, nas palavras da autora, que

[...] o passado melancólico não passa. O do poeta também não. Ele é o historiador permanente não tanto de sua história real, mas dos acontecimentos simbólicos que conduziram seu corpo à significação ou que ameaçam de naufrágio a sua consciência (KRISTEVA, 1989, p. 153).

Em *Aurélia*, um movimento de sublimação, a *função* “simbólica da linguagem e, de forma mais forte, do texto, substitui o pavor e triunfa por um tempo sobre a morte do outro ou de si mesmo” (KRISTEVA, 1989, p. 154). Sua obra, porém, não se finda pelo suicídio; ao contrário, o que se presencia pelo relato da sua experiência, que ele mesmo define como uma “descida aos infernos”, terá por desfecho, incontestavelmente, a “ressurreição do poeta”.

3.2. AURÉLIA

3.2.1. Uma certa concepção da melancolia

O percurso para a compreensão da estranha doença que afetou a vida do personagem principal deste trabalho, proporcionando-lhe uma vivência até então incomum e nem por isso menos interessante, pois justifica nunca ter se sentido tão bem em toda sua existência, remonta à *Vita nuova* a que se refere o narrador, tema para a análise da melancolia.

Esta “doce melancolia”, diante da inacessibilidade a uma intensa paixão por Aurélia, título da obra, toma por completo a vida do sujeito narrador, que oferece, entre seus sonhos e devaneios, certos mistérios reveladores dos sentimentos relacionados à perda, à significação da cisão e do duplo, de uma angústia que torna a vida tão familiar à morte, simbólica ou não.

A obra está assentada sobre o questionamento desse novo estado, pelo que o narrador procura compreender. A função de desvelamento é alcançada pela criação literária, pelo trabalho de elaboração da linguagem, do simbólico. Há um movimento constante de busca e reflexão, um esforço de elucidação e de compreensão da “doença” por meio da escrita, em um texto denso, vertical, em que não há clara seqüência cronológica.

Na descrição dos sonhos e visões de extrema profundidade, a transposição dos conflitos emocionais, sensoriais – encarnados pelo discurso médico como delírios e alucinações –, alcança o nível da consciência numa linguagem universal, literária. Por mais aberrante que seja considerada a experiência da loucura, Nerval é capaz de torná-la acessível na literatura ao explicitar uma lógica interna de vivência subjetiva, excluindo-lhe o caráter referente ao patológico para colocá-la em outro lugar, não necessariamente de valor negativo. Pelo contrário, o narrador transmite sua opinião positivamente assentada na riqueza de sua experiência. Nesse sentido, estaria conforme ao período romântico, época em que o profundo gosto pelo *Spleen* ultrapassa as barreiras da literatura e instaura-se em um estilo de vida voltado às experiências sensíveis.

3.2.2. Texto como aporte clínico: a relação entre literatura e psicanálise

Escrita no fim de 1853, durante um período de internação na clínica do Dr. Blanche, e modificada na Alemanha durante uma viagem em 1854, *Aurélia* aparece em duas partes; no material de 1^o de janeiro de 1855 da *Revue de Paris* e, logo após a morte do autor, publicada em 15 de fevereiro do mesmo ano.

Quase se desfaz a necessidade já tão comentada de esclarecer que este texto literário é rico para uma leitura que aporte a clínica da psicopatologia. Há ainda na obra uma precisão descritiva do lugar onde o narrador se encontra no momento da escrita, após suas primeiras experiências com os novos sentimentos e visões. Trata-se de uma casa de repouso, com claras referências aos alienados por um sujeito narrador situado, portanto.

Uma das garantias do estatuto de “relato clínico”, segundo JEAN (1974)⁴⁴, é o episódio de um anoréxico que usa uma sonda para engolir a comida, nomeado *Saturnin* na obra. Este nome é pleno de significação: Saturno representa, principalmente na literatura e na astrologia, um símbolo para a melancolia e, ao mesmo tempo, para a genialidade. As alusões literárias podem referir-se especialmente aos infortúnios de alguém nascido sob a influência deste símbolo.

Extratextualmente, pode-se apreciar a vida de Nerval sob o signo de tal fatalidade. O interessante é notar que, em uma época em que o tratamento para os alienados restringia-se a uma terapêutica do corpo – banhos, purgações, etc. –, seu psiquiatra, Dr. Blanche, recomendava-lhe a escrita como terapia. Há, no ensaio de Jean, trechos das cartas de Nerval endereçadas ao seu médico, ao seu pai, atestando todo o valor deste empreendimento aqui tomado, na análise que o próprio autor faz de Aurélia. Conforme uma carta ao pai, de 2 de dezembro de 1853, NERVAL dizia: “Eu me empreendo a escrever e a constatar todas as impressões que me deixou minha doença. Não será um estudo inútil para a observação da ciência. Jamais me reconheci com tanta facilidade de análise e de descrição”⁴⁵.

Isto que Nerval levou a uma prática e não cessou de ultrapassar revela muito de uma produção literária feita para, ao mesmo tempo, afirmar *a partir de e contra* aquilo que o condicionava: reconhece seu desejo, seu buraco, preenchendo-o e evitando o dilaceramento com a criação artística, pela sublimação.

O testemunho de Nerval anunciando oficialmente *Aurélia* em seu prefácio de *Filhas do Fogo*, de 1854, intitulado “A Alexandre Dumas”, rende contas de uma consciência pessoal sobre a capacidade de simbolização da experiência íntima da melancolia que atravessa sua criação literária:

Uma vez persuadido de que eu escrevia minha própria história, pus-me a traduzir todos os meus sonhos, todas as minhas emoções, eu me enterneci desse amor por uma *estrela* fugitiva que me abandonou só na noite de meu destino, chorei, estremei perante as vãs aparições de meu sono. Em

⁴⁴ “O texto de *Aurélia* é o primeiro resultado desta experiência terapêutica. Sua escritura é nascida desse movimento de análise (no sentido psiquiátrico do termo) em que o aspecto exploratório e metódico não existe sem uma certa qualidade científica” (JEAN, 1974, p. 256, tradução do autor).

⁴⁵ NERVAL, G. *apud* JEAN, R. **La poétique du désir**. Paris: Seuil, 1974, p. 255, tradução do autor.

seguida, um raio divino resplandeceu em meu inferno; rodeado de monstros contra os quais eu lutava obscuramente, eu consegui agarrar o fio de Ariadne e, desde então, todas as minhas visões tornaram-se celestes. Algum dia escreverei a história desta “descida aos infernos”, e verão que ela não foi inteiramente desprovida de raciocínio mesmo se a ela sempre lhe tenha faltado a razão (NERVAL, 1972, p.18).

Como se observa reiteradamente, este trabalho não necessita orientar-se sob considerações da vida do escritor, pois a obra literária já supõe outro formato – conforme as referências do alcance estético no Romantismo – que não o de relato clínico, porém o da alta literatura, com qualidades e atributos não somente da experiência concreta, mas do que é próprio da experiência humana universal, irreduzível à comprovação de fatos verídicos. É possível estabelecer um paralelo com a fala analítica, que tampouco representaria a experiência em si, pura, mas que, mesmo pela mais fiel reprodução, a reconstrói. Uma reconstrução que, dotada de tanta verdade quanto a experiência real, pode revelar uma estrutura, uma constante, algo que permanece, sorrateiramente, a lembrar o sujeito do desejo desta existência latente ou, em medida mais intensa, latejante... Ao mesmo tempo que compõe uma leitura, um reflexo da experiência concreta, vivida externamente, o texto pode ser ainda uma outra verdade, ou várias verdades ao mesmo tempo. Não apenas um relato de memória, mas obra a partir da qual se recompõe o real por meio do simbólico, da linguagem.

Essa justificativa é corroborada por DELEUZE (1997): a diferença de um relato clínico e uma obra é que o primeiro teria sua linguagem esvaziada, particular de um indivíduo. Não alcançaria o valor literário assim como qualquer diário ou relato pessoal. O segundo justamente se baseia nesse valor: para que um movimento de escrita atinja uma função universal, nem pessoal e muito menos genérica, deve traduzir algo que é singular e criar um novo espaço.

Não é exigência, portanto, o estatuto de uma autobiografia, considerada por muitos, mas importam os ganhos deste empreendimento para o leitor e, aqui, para a área da psicopatologia. Seu aporte está no que ela confere de verdade a partir da descrição dos próprios sonhos e delírios e no que acrescenta ao conhecimento do leitor por meio da

narrativa elaborada literariamente, com suas inúmeras dimensões do problema e seus novos significados.

No sentido psicanalítico, é a própria recriação que permite desvendar o que está oculto. Função do analista, base conceitual da psicanálise, desvelamento do “recalque”. O mesmo se pensa do relato de pacientes em análise para a leitura interpretativa. O texto reelaborado, nesta nova situação, pode denunciar, a partir das regras do método analítico baseado na *Interpretação do sonhos* (1900), o mais essencial, a questão mais fundamental a mobilizar a psique humana.

As paixões da alma dadas pelos poetas, reconstruídas pela obra literária, trazem a ampliação dos caminhos percorridos pelo *desejo*. A literatura é reveladora das *paixões* que conduzem o homem em seus atos e movimentos, caladas pelo discurso clínico que trata apenas da doença, quando não somente dos sintomas. Os problemas se colocam, comparativamente ao relato clínico, ao distinguir os artifícios, os efeitos inerentes à construção e reconstrução literária, extremamente elaborada (e nem por isso mais recalçada), para aproximar o discurso fictício de uma leitura possível, des-cobrir, desvelar as máscaras, os “retoques” artísticos, que dissimulam a questão móvel fundamental do texto.

Tanto para um pesquisador literário quanto para Freud, os poetas dariam uma voz eloqüente à aventura do desejo, sem explicitar sua lei interior, mas oferecendo aos homens um material privilegiado ao acentuar o movimento do desejo e conferir-lhe valor exemplar, universal, função lugar-comum da literatura: a estética reproduz o particular, subjacente à realidade e ao universo do criador, o singular – sua obra –, de conteúdo universal. Esta máxima hegeliana remete à afirmação de Freud sobre a psicanálise que deve beber da fonte da literatura, extremamente reveladora do que concerne ao mundo do desejo, conforme “Escritores criativos e devaneios”, artigo de 1907.

A idéia da realização de um desejo contemplado por meio da sublimação poderia ser retomada aqui para se pensar sobre a mais alta e preciosa forma de liberdade em relação a uma ordem cultural estabelecida, dado que o imaginário, por esse motivo, estaria mais ligado ao princípio de prazer que ao de realidade. Tratar-se-ia de um jogo do desejo realizando-se em uma inesgotável reinvenção de formas...

3.2.3. Unidade *versus* assimetria textual: movimento da escrita como processo de auto-conhecimento

Episódios, gestos, sensações, sonhos, delírios, todos se estabelecem em um único plano, têm igual valor significante e operam um mesmo sentido para a busca de compreensão que pretende o narrador. Não importa aqui uma distinção entre a realidade, o sonho, o pensamento e a imaginação. Pela leitura e comparação do sonhos noturnos ou diurnos do narrador-personagem, constata-se que todos participam de um mesmo movimento, em torno do eixo que estrutura a questão principal.

A escrita perfaz o trajeto do desejo, que se esvanece no sofrimento melancólico ao reproduzir a cisão, a fragmentação, bem como uma ausência profunda, simultaneamente do outro e de si, revelando de forma paradoxal questões que parecem inconscientes e ao mesmo tempo as mais lúcidas possíveis, cuja reflexão desorganizada, permeada pela loucura, pela obscuridade da noite, nos resquícios da memória ou na aparência das visões, confere sentido a uma organização literária plena de coerência e elaboração.

Aurélia não se encerra em nenhuma categoria literária de forma clara, apesar de refletir a unidade melancólica sob a qual pôde ser produzida, em formas narrativas ou descritivas as mais diversas. Segundo especialistas, há três tipos de influências na obra nervaliana: uma romântica, ligando a prática da escritura à vida; uma de sentido realista, comprometida com os limites da verdade e da ficção na literatura, fundada sobre o conhecimento concreto dos problemas colocados pela produção literária, e uma terceira de origem clássica, para a qual seria importante a precisão da forma.

O desconforto de uma aparente fragmentação textual e cronológica que provoca o julgamento de alguma imprecisão, apenas superficial no texto, pode ser justificado pelo fato de que, para Nerval, o objetivo não seria a perfeição de estilo, mesmo por ser este um conceito abrangente e questionável, mas o trabalho rigoroso com uma linguagem que se adequasse ao seu projeto literário, de uma natureza muito particular. Dar forma ao seu projeto significaria dizer as coisas da experiência vital com precisão e simplicidade. Obviamente, o valor de uma obra também é conferido ao que ela “dissimula”, ou melhor, revela metaforicamente por meio de seus artifícios literários, no jogo e no desafio que apresenta ao leitor. Magnífica lucidez e ironia com seu projeto literário, em que “a falta de

atenção ou a desordem do espírito falseavam somente as relações aparentes” (NERVAL, 1986, p. 60).

O texto, pode-se afirmar literariamente, produz muitos efeitos de espelhamento: se para alguns é considerado a projeção da confusão de um espaço interior, ele vai muito além como um movimento esclarecedor em busca de compreensão do que experimenta o sujeito da narrativa - a melancolia, que prefere “não chamar de doença”. Trata-se de um processo de auto-conhecimento, auto-análise. O próprio narrador justifica o processo da escrita, transpondo ao texto uma identidade fragmentada na tentativa de superar uma crise de nomeação:

Se não pensasse que a missão de um escritor é a de analisar, sinceramente, o que experimenta nas circunstâncias sérias da vida, e se não me propusesse a uma meta que acredito útil, pararia por aqui e não tentaria descrever o que experimentei, em seguida, numa série de visões insensatas talvez, ou vulgarmente doentias... (NERVAL, 1986, p. 19).

A proposta é ler a questão fundamental do desejo do sujeito considerando-a como estrutural, tornando apreensível a unidade de significação do texto, que o organiza e o atravessa. Este recurso compõe uma desordem manifesta no discurso literário, a “dissimular” toda a unidade do texto, observada tanto na forma como no conteúdo da obra. Os acontecimentos, os sonhos, as visões e reflexões do sujeito se repetem ao longo da narrativa, confirmando a subjacente estrutura ou aquele *algo* que onipresentemente se impõe, se mostra pela repetição. Esse *algo*, que será aqui buscado, move-se por uma dispersão aparente, em que inumeráveis redes se tecem e se transpõem. A circularidade do texto, em um movimento espiral nada uniforme, intermitente, é significativa de um espelhamento da experiência da melancolia.

O relato adensa-se entre sonhos e devaneios, revelando um texto de profundidade em que forma e conteúdo se amalgamam: o sujeito descreve imagens que

[...] apareciam distintamente ao mesmo tempo, como se minhas faculdades de atenção tivessem multiplicado sem se confundir, por um fenômeno de espaço análogo ao do tempo que concentra um século de ação num minuto de sonho (NERVAL, 1986, p. 23),

enquanto a narrativa estrutura-se pela condensação de diversos elementos simbólicos, assim como o sonho, concentrando inúmeras informações em uma página de relato.

No final da narrativa, as confusões a que o leitor é levado, de início, podem desfazer-se; ilusões quanto ao ser amado a que o narrador se refere, perplexidade ante as explicações do sofrimento do melancólico e, principalmente, quanto aos *sujeitos* da narrativa. Podem ser vistos como plurais – aliás, condição essencial para que a obra seja considerada uma narrativa fantástica na ambigüidade que instaura – pois, em certas passagens, tem-se uma personagem que, lutando contra seu próprio duplo, parece desmentir inconscientemente um distúrbio psíquico, negando-o e levando-o ao nível de atribuições místicas, inexplicáveis, assim, por uma lógica interna. Mas não é isso que se confirma pela leitura atenta e vertical. Realmente não é de uma doença ou de um distúrbio que trata a obra, mas de uma metáfora que delinea, encobre, transforma a causalidade de circunstâncias concretas e próprias do ser, para oferecer algo que se encontra no domínio do desconhecido: “o mundo dos Espíritos se abre para nós” (NERVAL, 1986, p. 15). Em um período ainda obscuro para a investigação científica da loucura, apesar de a poucos passos da “descoberta” do inconsciente, a metáfora religiosa – da conhecida religião romântica que se rebela contra qualquer tipo de ortodoxia – surge como um dado estilístico à busca de explicação dos distúrbios, tanto pessoais como contextuais, próprios sobretudo do agitado e conturbado universo romântico francês.

3.2.4. Unidade pela noção de desejo e sua relação com a escrita

Encontramos autoridade inicial no modelo de leitura que propõe JEAN (1974) em *La Poétique du Desir*, ao tomar como unidade apriorística o *desejo* para a compreensão da obra. Opostamente, pelos problemas específicos da crítica literária, o autor entende as reservas e os perigos de certo direcionamento; tomar um viés inicial de leitura pode implicar limites a novos significados que a obra pudesse alcançar – embora, pela inversão do mesmo argumento, nunca seja possível dar conta absolutamente de todas as leituras que suscitam um texto literário. Justifica-se essa noção, no entanto, como operatória ao desvelamento de uma intenção fundamental do ato da escrita. A intervenção do desejo na criação literária é um conceito que permitiria aclarar essa forma de produção, pelo simples

fato de que buscaria, na natureza do texto, os significados da emergência da linguagem na escrita, e não apenas suas finalidades ou motivações. Tampouco se trata de considerar o desejo da ordem de um real objetivo, natural, que pudesse ser vislumbrado cientificamente.

Para pensar tal desejo na produção escrita, afirma TODOROV⁴⁶ que

[...] as palavras implicam a ausência das coisas, assim como o desejo implica a ausência do seu objeto, e as ausências se impõem mesmo apesar da necessidade ‘natural’ das coisas e do objeto de desejo. Um e outro desafiam a lógica tradicional que quer conceber os objetos em si mesmos, independentemente de sua relação com aquilo para o que eles existem. Um e outro chegam ao impasse: aquele da comunicação, da felicidade. As palavras estão para as coisas assim como o desejo para seu objeto.

A idéia principal pode ser expressa pela constituição de uma falta, uma ausência, um vazio que a escrita teria por função preencher. Se o universo da obra é a necessidade, então esta falta que se impõe faz com que a linguagem se movimente, estabeleça-se para atender a um objeto que não existe senão pela própria ausência. Trata-se da mesma explicação psicanalítica para o surgimento do desejo, dado por uma ruptura primordial e daí deslocado na repetição a toda ausência posterior.

Com base na teoria freudiana, o texto ainda pode funcionar como a fantasia para o neurótico. Freud, neste sentido, possibilita as ferramentas necessárias para ler melhor o texto a partir dessa “noção operatória” e pela “transferência” dos conceitos que, por meio de associações – não tão livres assim –, tornam interessante e viável o caminho de uma significação adequada ao que se busca compreender melhor.

Aurélia significa esse vazio – em múltiplos sentidos – sendo preenchido pela escrita, pela criação e recriação artística, ao mesmo tempo que discursa sobre a própria ausência. O texto fala de uma busca – o amor por Aurélia – que remete a outra, a de si mesmo, que se reverte no processo da escrita e estabelece a relação entre forma e conteúdo.

Há ainda uma relação temporal na construção literária que merece destaque: a leitura da obra implica uma atenção à força que orienta o futuro em função de um passado que se recompõe simultaneamente. A imagem é a de um círculo estreito, um espiral que

⁴⁶ TODOROV, T. *apud* JEAN, R. **La poétique du desir**. Paris: Seuil, 1974, p. 8.

reflete o trabalho entre um passado – um espaço aberto da memória do autor – e um porvir – o da própria obra:

Toda experiência de um homem não tem mais sentido a não ser que se projete à frente dela mesma e se invente em uma escritura⁴⁷. E é a história pessoal assim reconstituída em uma ficção que se torna a outra. Concebe-se que o desejo que carrega sobre ela, mesmo se não se relaciona às formas e estruturas do desejo sexual, poderia ser também autodestruitor (JEAN, 1974, p. 13).

Para uma poética do desejo, parte-se do princípio de que um texto literário gira em torno da projeção de uma linguagem nova em um espaço vazio⁴⁸. A experiência da escrita cria uma nova realidade, reconstrói e recria a linguagem, elabora uma questão fundamental, preenchendo o vazio dado pela ausência do objeto na exploração do sofrimento, a fim de torná-lo compreensível, acessível à consciência. Para SÉBILLOTTE⁴⁹, “tudo se encadeia com uma lógica implacável”: o narrador, tomado de culpabilidade – recorrência do motivo da falta –, a evade pela construção de um mito que substitui a realidade. Nesse mito, a mulher amada não somente torna-se deusa mas ainda mãe, o que legitima seu caráter inacessível ao atribuir-lhe um poderoso tabu. Rica idéia para a ciência psicanalítica, que confirmaria o sentido do texto, da escrita, como fonte de sublimação. Neste sentido, ultrapassa a função atribuída por Freud ao sonho, cuja linguagem não se destina à compreensão; pelo contrário, é a dissimulação garantia de realização dos desejos inconscientes censurados através do processo de deslocamento e condensação. Nerval, diferentemente daquele e já o superando neste sentido, vê os próprios sonhos como portas

⁴⁷ Idéia que pode ser reformulada com Deleuze, para o qual “escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida”. Para ele, a literatura, como saúde, e não como um relato clínico que cairia no vazio, trata de “visões grandiosas. Puros acontecimentos que se agitam na linguagem e que extravasam tanto das condições de seu aparecimento quanto das circunstâncias de sua efetuação, assim como a música excede a circunstância em que é tocada bem como a execução que dela se faz” (DELEUZE, 1997, p. 11 e 16 respectivamente).

⁴⁸ Deleuze refere-se a uma língua estrangeira dentro da própria língua, um devir-outro da língua, segundo Proust. Em seqüência à nota anterior, “(...) uma língua estrangeira não é escavada na própria língua sem que toda a linguagem por seu turno sofra uma reviravolta, seja levada a um limite, a um fora ou um avesso que consiste em Visões e Audições que já não pertencem a língua alguma. Essas visões não são fantasmas, mas verdadeiras Idéias que o escritor vê e ouve nos interstícios da linguagem, nos desvios da linguagem. Não são interrupções do processo, mas paragens que dele fazem parte, como uma eternidade que só pode ser revelada no devir, uma paisagem que só aparece no movimento. Elas não estão fora da linguagem, elas são o seu fora. O escritor como vidente e ouvidor, finalidade da literatura: é a passagem de vida na linguagem que constitui as Idéias” (DELEUZE, 1997, p. 16).

⁴⁹ SÉBILLOTTE *apud* JEAN, R. **La poétique du désir**. Paris: Seuil, 1974, p. 273.

de um mundo desconhecido mas que podem sim destinar-se à compreensão, fato que ele demonstra inclusive sem qualquer auxílio heurístico de interpretação onírica, senão com as ferramentas de sua própria genialidade na criação literária. Há em *Aurélia* um ritmo de progressão, de pesquisa ativa, de uma exploração infinita de si mesmo.

3.2.5. Descrição da melancolia. Lucidez e recurso literário

Quanto à compreensão do sofrimento melancólico em *Aurélia*, observa-se uma alternância na exposição do problema: ora há clareza sobre o que sente o narrador, na busca de uma compreensão mais intimista, ora os recursos metafóricos pertinentes a uma visão mística são invocados para dizer o sofrimento; há a consciência da busca da crença mística e de sua falibilidade, tanto quanto se refere à explicação dada pela ciência, esta mais claramente rejeitada em seu discurso.

Em alguns momentos, o narrador remete sua experiência a uma prova mística pela qual teria que passar, ao mesmo tempo revelando uma consciência de que a religião poderia tornar-se uma saída caso fosse possível ter fé para recorrer a ela. A alternância provém de

[...] uma certa irresolução que se une, muitas vezes, em mim, ao espírito religioso o mais pronunciado. Quero explicar como, distanciado há muito da verdadeira rota, senti-me trazido de volta pela lembrança querida de uma pessoa morta, e como a necessidade de crer que ela existia sempre me fez voltar, ao meu espírito, o sentimento preciso das diversas verdades que não havia suficientemente recolhido na alma. O desespero e o suicídio são resultados de certas situações fatais para quem não tem fé na imortalidade, em suas penas e em suas alegrias: - acreditaria ter feito alguma coisa de bom e útil enunciando, ingenuamente, a sucessão de idéias pelas quais reencontrei o repouso e uma força nova a opor-se às infelicidades futuras da vida (NERVAL, 1986, p. 44).

Pode-se inferir que o sujeito, às vezes, possui uma incrível compreensão de si; outras, de acordo com seus recursos literários, procura pensar diferentemente por metáforas de sentido místico para se referenciar à vivência da desrazão, numa circularidade ambígua e dialética entre devaneio e realidade, movimento realizado em todo o percurso de *Aurélia*.

Observa-se o movimento de busca pessoal na dialética entre a coisa dita e a forma como ela é dita, entre máscaras e desvelamentos.

As oscilações do discurso referente ao “sofrimento” de que padece são constantes, outrora tendo surgido como potência, “força e atividade dobradas” e cuja imaginação trazia-lhe “delícias infinitas” (NERVAL, 1986, p. 15). A experiência divide-se entre o sofrimento da perda, da ausência, da solidão e entre o que desenvolverá como busca e provação mística, transcendental. É o que remete à salvação pessoal pela via da redenção romântica, que procura no sonhos, na noite, nos mistérios fora do alcance da razão um conhecimento vertical sobre si, sobre a loucura, sobre a morte. É uma ascensão das trevas à luz, e tanto no sentido pessoal como místico - ou mítico.

A visão mística na narrativa, conduzida no universo dos sonhos e dos delírios recompõe uma nova abordagem da realidade melancólica do sujeito, adquirindo esta uma outra referência de valores, mais otimista e positiva. Nesta sacralização romanticamente profana de sua experiência singular, apresenta sua referência literária dos “modelos poéticos da alma humana”, de obras como *Memorabilia*, de Swedenborg, representante do movimento transcendentalista, *O asno de ouro*, de Apuleio, e *A divina comédia*, de Dante, comuns entre si pela passagem de provas a que são submetidas as personagens (NERVAL, 1986, p. 15). Também recorrem ao mesmo tipo de organização textual, de uma construção seqüencial de imagens, na sucessão de cenas e visões, como uma série de etapas iniciáticas, segundo JEAN (1974). Trata-se de uma epopéia mítica, com uma série de provações para redimir uma falta cometida. O plano espiritual revela a dimensão transitória da vida e da morte, das trevas e da luz.

A ambigüidade e a contradição são elementos acentuados em todo o texto. No mesmo viés, é possível assimilar uma Aurélia desdobrada no texto entre uma mulher amada, divina, e outra temida; estando perdida, torna-se o motivo de desespero, mas também a salvadora, a quem encontrará o narrador depois da morte; representa-se ainda na imagem de mãe, de mulher, deusa ou santa. A grande luta, entretanto, desloca-se ao novo plano; o mal que o ameaça não se deve à impossibilidade de consumação do seu amor, mas à existência de um outro, o seu próprio duplo, vivido como principal inimigo ou rival, um

perigo para sua inocente *Aurélia*. Não é difícil imaginar aqui o seu duplo como o personagem superegóico da cena psicanalítica...

Nas causas primeiras da aflição do narrador, repousa a falta do objeto amado. Quando adulto, o sujeito, atingido pela morte do grande amor de sua vida, encontra-se diante de uma perda ambígua e narcísica. Ambigüidade da morte, da ruptura, do vazio e, em contraste, da linguagem. Presença e ausência, deslocamento metonímico da linguagem e dos nomes. O vazio substituído duplamente, pelo nome e pela forma, como personagem e obra literária, que dizem muito a respeito de uma ausência profunda; a figura feminina idealizada, materna, desconhecida, representada sobretudo no amor daquele que é buscado infinitamente, embora o tenha feito vítima de seu trágico destino, objeto idealizado a se multiplicar em inúmeras de representações: a *Mãe eterna*, a *Virgem Maria*, *Vênus*, *Ísis*... mesmo afirmando o narrador que “uma figura dominava sempre às outras: era a de Aurélia, pintada com os traços de uma divindade, tal como aparecera, a mim, em sonho” (NERVAL, 1986, p. 28). Na fluência do texto, a heroína dissolve-se entre os mais variados objetos de desejo, seja por amores passados, por figuras femininas místicas ou mitológicas.

Todas, desde o início, são uma somente: “Uma dama a quem amei por muito tempo e que chamarei pelo nome de Aurélia, estava perdida para mim. Pouco importam as circunstâncias desse acontecimento que deveria ter uma influência tão grande em minha vida” (NERVAL, 1986, p. 15).

Sua imprecisão voluntária ignora referências ao motivo desta perda, deixando expressa a dubiedade à referência feminina, materna ou erótica, são uma só. Na verdade, tais figuras são intrinsecamente parte de si mesmo. Apesar de intitular a obra – e por isso mesmo – é de si que o narrador sempre trata. Aurélia – áurea – é o próprio sujeito, a alegoria que remete ao plano transcendental de sua origem, de sua existência, de seu próprio eu.

A ambigüidade, o duplo, em todos os sentidos, fazem evidenciar o sofrimento narcísico pela alteridade perdida: “(...) vi diante de mim uma mulher de face pálida, olhos cavados, que parecia ter os traços de Aurélia. Disse a mim mesmo: 'É a sua morte ou a minha que me foi anunciada'. Mas não sei porque ficava com a última suposição e golpeava-me a idéia de que seria no dia seguinte, à mesma hora” (NERVAL, 1986, p. 17).

Como outro tema especialmente romântico que figura com grande constância na narrativa, a morte atravessa as indagações do sujeito no desenrolar reflexivo da obra.

Na dimensão sexual que traspassa qualquer significado ou produção humana a partir do determinismo psicanalítico da sexualidade, a morte pode estar extremamente ligada ao gozo, ao prazer do sexo – a língua francesa contempla tal ambigüidade com a expressão *petit-mort* para o orgasmo, como apontado. Morte, origem, amor, sexualidade, alteridade são conceitos intrinsecamente relacionados nesta última obra de Nerval.

No plano primeiro de *Aurélia*, a morte pode ser, além de um refúgio, o ponto de contato com a amada, na fantasia, denunciando ao mesmo tempo um impedimento de antemão, que se dissimula na busca ao objeto feminino inequivocamente perdido, com o qual se poderá unir, abrigando esperanças fora do plano concreto: “Lamentava ainda mais que a morte não me tivesse reunido a ela” (NERVAL, 1986, p. 32) e, em outra passagem: “Aliás, em sua morte, ela me pertencia muito mais do que em vida...” (NERVAL, 1986, p. 28). Não apenas Aurélia lhe pertencia como era ele mesmo, fusão de si com o outro. Num segundo plano, a análise cuidadosa indica que Aurélia, referência interna e simbólica do próprio sujeito, só pode ser encontrada em outro plano que não o da realidade, pois implica um conhecimento inacessível em vida e na linguagem racional de que se dispõe, excludente do universo sensível.

Freud encontraria plenitude simbólica nesta obra para as suas teorias a partir da construção metapsicológica. Nos passos da descrição psicanalítica do processo melancólico, o sujeito deve estar ligado ao objeto, esse que preenche o vazio fundamental na linguagem da sublimação, pelo viés narcísico de identificação. Desse modo, Aurélia não deveria ser apenas criação idealizada de seu desejo, como também o era à sua própria imagem e semelhança: nesse “derramamento do sonho na vida real, (...) tudo tomava, por vezes, um aspecto duplo” (NERVAL, 1986, p. 18) e Aurélia, bem como seu sócia ameaçador que aparecerá em alguns de seus sonhos, são na verdade um reflexo de si. Ele sempre reconhece seu duplo, outro aspecto recorrente em inúmeros trechos da narrativa, seja durante os sonhos ou nas próprias reflexões, como se verifica, respectivamente: “Um espelho bem grande se achava por detrás de nós e, dando uma olhada por acaso, pareceu-me reconhecer A...” (NERVAL, 1986, p. 41). Em outro momento:

Veio-me uma idéia terrível - ‘O homem é duplo’, disse a mim mesmo. (...) O concurso de duas almas depositou tal germe misto num corpo que, em si, oferece, à visão, duas porções similares reproduzidas em todos os órgãos de sua estrutura. Há, em todo homem, um espectador e um ator, o que fala e o que responde. Os Orientais viram, aí, dois inimigos: o bom e o mau gênio. ‘Serei o bom? serei o mau?’ perguntava-me. Em todo o caso, *o outro* me é hostil... Quem sabe não haverá uma circunstância ou uma idade onde esses dois espíritos se separem? Ligados ao mesmo corpo todos os dois, por uma afinidade material, talvez um esteja prometido à glória e à felicidade, e o outro, ao aniquilamento ou o sofrimento eterno?’. Um relâmpago fatal atravessou repentino essa escuridão... Aurélia não me pertencia mais!... (NERVAL, 1986, p. 33).

No sonho em que o narrador ouve anunciar um casamento e descobre de repente que seu duplo desposará Aurélia, pode-se entender por que, num ímpeto, o sujeito começa a fazer escândalo para interromper o desastroso matrimônio, já condenado pela vileza desse duplo que enganará sua mulher e a tornará uma vítima, vingada então pelas mãos desse seu alter-ego que também o subjulga. Seu espoliador encarna o que ele mascara para si mesmo, aquele que assume toda a maldade de um sujeito dividido para apenas um de seus pólos, que fantasmaticamente seja externo a ele mesmo. É a esse iníquo censorador, receptáculo de seu superego, que ele desloca para seus personagens “heterônimos”.

Há ao longo da obra um emergente processo de auto-compreensão: o sujeito vê-se a si mesmo nas duplicações de si deslocadas a outros, com precisão, insistência, honestidade, clareza. “Eu me vi”, movimento próprio e típico do sonho, não implica somente descobrimento, mas re-conhecimento. Trata-se de uma visão que, enquanto especular, torna-se especulativa; a reflexão da escritura significa a reflexão da própria experiência.

Com o reconhecimento e a consciência dessa busca espiritual, o sujeito garante a própria manutenção do desejo no processo sublimatório em favor do preenchimento desse vazio primordial que lhe atravessa a alma, o imaginário, contra uma perda que é relativa ao próprio ego. Cindido, resta ao sujeito fazer-se significar, assim como o romântico Nerval, ao tentar transcender ao mundo e a si mesmo pela linguagem, na estética literária.

Para BÉNICHOU (1992, p. 458), torna-se admissível “narrar explicitamente e sem embaraço sua loucura: ela cessa de ser uma na medida em que dá acesso, em matéria de imortalidade, às intuições tendo valor de ensinamento”. Por esse motivo é que o crítico diz ter sido Nerval único entre os seus colegas do desencantamento que nunca tenha chegado verdadeiramente a perder a fé nos destinos da humanidade, uma vez que se propõe, como os românticos ativos e sonhadores das primeiras gerações que buscavam humanizar seus semelhantes por meio da arte, às mesmas aspirações “espirituais”.

3.2.6. Para uma teoria dos sonhos

O estado poético da linguagem poderia ser comparado ao estado de sonho, uma vez que ambos retratam um novo tipo de produção significativa e não se estreitam sob domínio da linguagem da razão. O movimento de leitura então percorreria um duplo caminho a desvendar o texto, que se constrói como sonho do sonho. Tem-se uma primeira alienação na linguagem com o material fornecido pelo sonho, e uma segunda com sua recriação para a forma poética, literária.

É possível entrever uma incrível lucidez de Nerval já prenunciando o que Freud viria a conceituar mais tarde. Muitas idéias sobre “o mal” de que sofre o narrador, como visto, podem estabelecer profunda relação com a melancolia psicanalítica. Seguindo uma linha de pesquisa genealógica, entende-se que alguns conceitos de inconsciente, de um determinismo psíquico que pudesse explicar sofrimentos vindos de distúrbios psicopatológicos, já vinham sendo elaborados de diversas formas, por diferentes e inclusive anônimos discursos. A literatura é aquela que apresenta as maiores possibilidades de significação por meio do registro escrito na exposição de idéias novas, originais, por um processo de elaboração, às vezes de intensa descritividade, das questões fundamentais do ser humano.

Nesse passo, o que se lê em *Aurélia* – que hoje poderia ser explicado “cientificamente” pela psicanálise – seriam as idéias do sonho como “uma segunda vida”, no rico vocabulário de NERVAL (1986, p. 15), a enfatizar a importância do mesmo, bem como das visões e devaneios para o acesso a um outro mundo, ou ao mesmo, mas configurado epistemologicamente de outra maneira, menos limitado e racionalizado, antigo desejo romântico. É preciso então proceder sempre à busca dos sentidos não aparentes.

Um movimento circular, uma volta de 360 graus que encerra a completude do texto, tem início com a determinante afirmação: “O sonho é uma segunda vida. (...) um torpor nebuloso se apodera de nosso pensamento e não podemos determinar onde o *eu*, sob uma outra forma, continua a obra da existência” (NERVAL, 1986, p. 15). E tal é o final do relato:

Foi assim que me encorajei a uma audaciosa tentativa. Resolvi fixar o sonho e conhecer-lhe o segredo. – Por que, disse, não forçar essas portas místicas armado com toda a minha vontade, e dominar as sensações em vez de sofrê-las? Não seria possível domar essa quimera atraente e temível, impor uma regra a esses espíritos da noite que brincam com nossa razão? O sono ocupa um terço de nossas vidas. [...] Quem sabe se não existe um laço entre essas duas existências e se não seria possível, à alma, ligá-las desde o presente? [...] Acreditei compreender que existia, entre o mundo externo e o interno, um laço: que a falta de atenção ou a desordem do espírito falseavam somente as relações aparentes (NERVAL, 1986, p. 60).

O narrador empreende a partir dos sonhos a busca de si; desdobra-se, reconhece-se em movimentos, em uma espécie de deslocamento que, também espacial, remete a uma evolução do conhecimento sobre si mesmo, numa espécie de progressão cognitiva espiritual. Pela forma de apresentação das imagens, o deslocamento característico dos sonhos é quase nomeado textualmente, se não fosse pela metáfora: “É um subterrâneo vago que se ilumina, pouco a pouco, e de onde se desprendem, da sombra e da noite, as pálidas figuras gravemente imóveis que habitam a morada dos limbos” (NERVAL, 1986, p. 15). As lembranças são reconstituídas para apresentarem-se nesse subterrâneo do sono, da noite. Os sonhos dão acesso à exploração das vivências subjetivas, para que o obscuro seja suplantado pela clareza, pela lucidez, função própria da linguagem, seja pela sublimação ou pela fala analítica de uma originalmente romântica psicanálise.



CONCLUSÃO

Nasce um Deus. Outros morrem. A verdade

Nem veio nem se foi: o Erro mudou.

Temos agora uma outra Eternidade,

E era sempre melhor o que passou.

Cega, a Ciência a inútil gleba lavra.

Louca, a Fé vive o sonho do seu culto.

Um novo deus é só palavra.

Não procures nem creias: tudo é oculto.

FERNANDO PESSOA

*O fato de Deus ter se feito homem indica apenas que o homem não deve buscar
no infinito sua felicidade, mas fundar na Terra o seu céu.*

NIETZSCHE

A loucura é a enfermidade da civilização

ESQUIROL

Neste espaço conclusivo que mais abre caminhos do que é capaz de determiná-los, far-se-á apologia à união – não sem mesura – dos diversos campos da cultura, especialmente entre as ciências médicas e as humanas, que se complementariam ao percorrer alguns objetivos comuns como, ao exemplo desta pesquisa, na aquisição do conhecimento por meio de uma busca vertical sobre um processo que diz respeito à dor psíquica humana, a melancolia.

A partir de um breve estudo histórico sobre o estatuto da melancolia ao longo dos tempos, foi notável que a clássica nomenclatura tivesse revelado distintos fenômenos conforme a mudança de perspectiva histórica, cultural, científica, social, econômica, etc. As enfermidades, especialmente as mentais, não se tratam apenas de meros fatos naturais, mas se constroem por aqueles que as portam, estão relacionadas ao contexto em que se inserem e também se conjugam em virtude de categorias classificatórias estabelecidas pelos pesquisadores de seu período. A manutenção da palavra melancolia, entretanto, reflete o desejo de uma linguagem padronizada que dá coerência e garantia aos métodos de investigação, embora se observe que, através desse significante linguístico, perpassam inúmeros conceitos e idéias em torno de aspectos como tristeza profunda e imobilizadora, medo, angústia, sofrimento intenso, etc., bem como diferentes acepções sobre a origem do problema: ora de ordem organicista, preponderante na maioria dos enfoques, ora mentalista ou psicológica, ora ambas as orientações. Nem os tratamentos para a melancolia ao longo dos séculos dirigem-se à mesma enfermidade ou as mesmas causas:

El paciente sufre su mal, pero también lo construye, o lo toma del medio en que vive; el médico observa la enfermedad como un fenómeno biológico, pro, aislándola, nombrándola y clasificándola, la convierte en un ente de razón y con ello expresa un momento particular de esa aventura colectiva que es la ciencia. Tanto por parte del enfermo como del médico, la enfermedad es un hecho de cultura y cambia con las condiciones culturales (STAROBINSKI, 1962, p. 9).

Se ainda aos olhos das ciências modernas se puderam confundir casos de depressão endógena com depressão reativa, neuroses obsessivas com paranóias e até mesmo com esquizofrenias, a evolução a partir do conhecimento acumulado para o desenvolvimento do método de observação clínica tornou-o mais criterioso, mas nem por isso mais acertado: a proliferação das classificações psiquiátricas desde o século XIX foi bastante receptiva à confusão de estados clínicos e sintomas e às mais contraditórias hipóteses explicativas.

Tanto Kraepelin como Freud utilizaram-se de sistemas classificatórios, cada um à sua linguagem próprias e segundo a lógica e o referencial teórico com que trabalhavam, expondo uma necessidade mútua de desenvolver as teorias concernentes aos transtornos afetivos e mentais a partir de entidades clínicas formalmente descritas e classificadas. A

profusão das classificações na literatura freudiana, ao passo que ampliou a abrangência dos estados clínicos, também se mostrou vulnerável à confusão, como se observou sobre o estudo dos estados neuróticos depressivos e da melancolia, embora o maior objetivo da psicanálise tenha sido o de provar a existência do inconsciente, cuja maior conseqüência ao pensamento ocidental foi a desnaturalização do sofrimento psíquico e o deslocamento de suas causas ao âmbito da história genética particular e cultural do indivíduo.

Da abordagem freudiana da melancolia, dois momentos foram apresentados: um primeiro de acordo com o início das especulações psicanalíticas com ênfase ao modelo mecânico de explicação para as patologias psíquicas, em que o fator somático sexual era preponderante, e um segundo momento, no artigo “Luto e melancolia”, de especial importância, pois há uma mudança de modelo analítico para o ponto de vista econômico e dinâmico diante da inclusão dos aspectos psicológicos, o que fundamenta a especificidade desta entidade psicopatológica pela análise das ocorrências genéticas internas e externas ao sujeito.

Freud elabora, em comparação ao luto, uma teoria para a melancolia em que a perda do ser amado, não necessariamente fatural, significa a perda do objeto idealizado, cuja natureza remonta ao processo de identificação narcísica e está ligada a uma perda arcaica. Tanto no luto como na melancolia se apresentam sintomas de profunda tristeza, inibição física e psíquica, incapacidade de amar, mas seria exclusivo desta última um descontentamento moral do sujeito consigo mesmo, refletindo um empobrecimento do ego que, pela construção metapsicológica, implicaria uma perda narcísica desencadeada pela perda do objeto ideal. Se o sujeito não consegue desligar-se do objeto perdido redirecionando sua libido a outro objeto, supõe-se uma estreita ligação do sujeito com o objeto para que o melancólico sinta que tenha perdido algo de si com a morte do outro. Assim, o problema estaria no *tipo de ligação com o objeto*, fixada por um predomínio de escolha narcísica através de mecanismos de identificação. A libido não poderia ser deslocada a outro objeto, pois teria se retirado para o próprio ego do sujeito no processo de regressão. O ego estaria cindido e uma parte dele funcionaria como instância crítica, moral, voltada contra a outra parte de si, tomada como objeto pelo processo de identificação arcaico. As acusações contra si na verdade teriam sido adequadas ao objeto de amor, por tê-lo abandonado ou decepcionado, revelando a *ambivalência amor-ódio* da relação.

Na analogia ao modelo do luto, Freud afirma que, sendo ambos os processos reativos de uma perda, de natureza real ou ideal, do objeto amado, para o caso da melancolia o sujeito não sabe o que perdeu inconscientemente, à diferença do processo do luto que não acarretaria realização patológica inconsciente. Nesta afirmação, porém, pode-se interpretar um pequeno deslize da teoria que talvez tenha impedido Freud de avançar em suas pesquisas ao subestimar o processo do luto e encerrar ambos os fenômenos num movimento dialético de reação patológica ou elaboração consciente do sofrimento, apesar do sucesso da comparação de acordo com os objetivos pretendidos para a compreensão da melancolia.

Em LAMBOTTE (1997) encontra-se uma interessante reelaboração destas idéias: o mecanismo paradoxal da melancolia compreende, por um lado, a imobilidade volitiva, corporal, motriz e, por outro, a fixação e o desencadeamento da ideação. O melancólico é aquele que sofre por pensar demais, retomando-se a idéia aristotélica sobre a doença da intelectualidade por excelência que acometia os grandes gênios. Na clínica, a autora também observa uma consciência crítica preservada e até mesmo aguçada, embora depare-se com um discurso vazio, desafetivizado quando o sujeito reporta-se a si e ao mal de que sofre; ouve palavras que fatalmente se precipitam numa hiância, revelando o buraco existencial do sujeito consigo mesmo e com as relações exteriores. Tal desafetivização não se reconhece na literatura, porém, cuja produção discursiva expressa um rico universo simbólico que se estende ao campo estético, potencialmente filosófico, a exemplo de Nerval. Uma das melhores contribuições de Lambotte para este trabalho reforça a independência da mente e da palavra ao deslocarem-se as atribuições orgânicas dos distúrbios psíquicos, reverenciando a necessidade de se considerar as representações mentais a partir do discurso do sujeito, que apresenta em si mesmo todos os significantes para uma tradução eficaz do sofrimento melancólico.

Aurélia seria exemplar para pensar as questões desta melancolia narcísica. A tradição literária idealista, principalmente romântica, vê o mal do desejo na satisfação, idéia também propícia ao discurso psicanalítico. Assim, na ficção, é preciso desrealizar a mulher para poder amá-la, interditando qualquer sucesso por antecipação e relegando o desejo à eterna repetição, o que garante sua sobrevivência. Ao espiritualizar o desejo, domina-se a luta íntima para compensar o sentido da frustração inevitável.

Aquela que estava perdida para sempre revela-se no espelho como o próprio sujeito. ‘Pareceu-me *re-conhe-cer* A...’. Áureo e devoto amante cuja submissão revela uma violência íntima sem medidas. Na obsessão pelo desejo que não pode se manter senão por meio da ilusão, da criação imaginária, a imagem *reflexiva* do espelho retorna ao sujeito seu próprio eu, portador da dicotomia entre amor e ódio, feminino e masculino, agente e paciente, presença e ausência, vida e morte. Aurélia é referência interna e simbólica do próprio sujeito, e só pode ser encontrada em outro plano que não o da realidade, pois ainda implica um conhecimento inacessível na linguagem racional de que se dispõe, excludente do universo sensível. Fora da ficção, a ausência é preenchida pela escrita que recompõe o real por meio do simbólico e que, ao se materializar, garante a presença ou, mais que isso, a eternidade de seu criador.

Aurélia *significa* esse vazio ao preenchê-lo pela criação literária, num metatrabalho que discursa sobre a própria ausência. Reflexão especular e especulativa. Nerval também antecipa-se à psicanálise com sua experiência singular no desvendamento dos significados dos próprios sonhos e visões. Não por acaso se pode ler as origens românticas da psicanálise, entre as quais este é apenas um dos elementos.

Assim, o *fio condutor* desta pesquisa trata de uma visão da melancolia, ou ainda, das “melancolias”, cujo aspecto comum diz profunda e amplamente sobre uma realidade de perda – seja individual ou coletiva – estabelecida tanto em *Aurélia*, por Nerval, quanto por Freud no início do século passado e mesmo pelo que se considera como o fenômeno depressivo em suas demandas e abordagens clínicas contemporâneas. àããõíéóâôúüê” “

A história da melancolia mostrou como o estudo ou a abordagem deste fenômeno sempre esteve submetido às questões ideológicas de cada contexto, e nos tempos atuais não o seria diferente. Na distinção entre melancolia e depressão, em que o estudo de uma cobra referências da outra, tem-se a última considerada como um fenômeno ou estado depressivo para DELOUYA (2000), e não como uma categoria unitária da nosografia psicanalítica, por dois motivos: um deles é a sua inscrição, a partir dos anos de 1950, associada aos casos limítrofes; o outro é a própria configuração do quadro depressivo, marcado por seu caráter mórbido principalmente descrito pela impotência da ação, fato que

a faz ser postulada como doença. Isso vem a sugerir a sua configuração atualizada como “a doença” da era capitalista por excelência, estritamente associada ao bloqueio de funções operatórias que afastam o homem do trabalho e obrigam-no ao ócio, relação esta que será explicitada adiante. Todavia, apesar de considerar a depressão um fenômeno ou estado, o autor pretende ilustrar uma “*função* depressiva, fundamental para a conservação do terreno psíquico” (DELOUYA, 2000, p. 20).

Essa depressão – que lembra a melancolia da Idade Média vista como pecado de acídia ou a melancolia romântica – pode ser pensada como um fenômeno bem característico de um tipo de vida predominante na sociedade hoje, com alguns elementos análogos aos indicados pela crítica romântica contra a ameaça que representava o modo de vida do sistema capitalista industrial e sua ideologia de progresso científico positivista. Com efeito, na ótica romântica, essa crítica está ligada à experiência de uma perda: no real moderno, algo de precioso foi perdido, simultaneamente, no plano individual e da humanidade. Trata-se da convicção dolorosa e melancólica de que o presente carece de certos valores humanos essenciais que foram alienados (LÖWY e SAYRE, 1995).

Convém situar que o Romantismo, que comporta uma visão de mundo específica como apresentado aqui, foi apenas uma modalidade dentre as possíveis para lutar contra as vicissitudes do capitalismo e da modernidade no aspecto nefasto que representaram – e ainda representam. A literatura romântica foi por excelência social e ética em seu primeiro momento, uma vez que buscava o bem comum. Hoje não se pode mais falar em tendências na literatura, na arte, nem em movimentos unitários. Desta perspectiva, não há mais um ideal que possa ser reconstituído.

Superou-se a crença na felicidade ideal, na vida harmônica e assumiram-se as limitações humanas, espaciais, políticas, sociais, financeiras, etc. Não é possível fugir do império capitalista, neo-liberal, conjugação de velhas nomenclaturas, velhos movimentos e ideologias. Não fogem nem um único homem nem toda uma nação, hoje impelida a atrelar-se à economia mundial, um fenômeno que, tanto quanto gigantesco, pode tornar-se devastador. O efêmero, o descartável atropelam a sociedade. O homem vivencia sua “decadência” de forma menos romântica talvez nesse sentido. É conduzido mais do que conduz, porém a reação, acredita-se, deve encontrar-se dentro da própria realidade

imperfeita que se lhe apresenta, mesmo que os limites do real, do concreto, sejam por vezes substituídos pela virtualidade na busca por superar a frustração. A burocracia agigantou-se, em outro nível. Ela é tão mais presente e real justamente em função de sua condição virtual. Pessoas são cada vez mais transformados em números, consideradas e consideráveis números, que dependem deste novo mundo virtual com seu bojo de efêmero, volátil e obsoleto. Fora do sistema é impossível ser.

E como poderia ser essa outra realidade, se não sem buracos, numa imperfeição talvez necessária para manter a sociedade em movimento em direção a uma realidade melhor, mais experiente, ativa, ética? Positivamente, as ausências que estão nas bases do sistema social e intelectual, também conectadas a um sentido da evolução, a uma prática transformadora, correspondem, caso se possa estabelecer tal paralelo, aos mesmos buracos que estão na estrutura mais íntima do ser, que lhe permitem desejar – relativos às categorias da psicologia e em particular da psicanálise –, aqueles que convidam aos seus mistérios, aos mistérios que determinam a maneira subjetiva de sentir, de olhar o mundo, de corresponder e responder à realidade, de conduzir o destino das próprias escolhas, guiado por meio da apreensão e evolução da consciência de seus passos, atos e sentimentos.

Neste sentido, a psicanálise comporta uma questão social e política tanto quanto filosófica no capítulo que pertence ao seu estatuto epistemológico. Falta trabalhar o buraco existencial da sociedade no sentido de produzir discursos, intelectuais ou artísticos, que busquem sempre o desenvolvimento “espiritual” – intelectual e emocional –, no sentido amplo já tão bem definido em sua versão romântica. “O romântico é aquele cuja insatisfação com o real se transforma em literatura ou em teoria estética” (NUNES, 1985, p. 55). Este fenômeno equipara-se à sublimação em seu aspecto mais simples: a transformação de um sentimento em criação artística, ou em elaboração intelectual consciente.

Ainda da relação do *discurso romântico* com o *processo melancólico subjetivo*, pode-se dizer que a dor pertence ao advento da consciência, tanto externa quanto interna ao ser humano. Discernimento doloroso, seu símbolo máximo encontra-se no mito do Paraíso Perdido cristão. A estética do Romantismo utiliza-se destas imagens para a melancolia poética que trata da nova perda simbólica estruturante: a dor vem pela consciência da

realidade imperfeita da sociedade moderna e o conhecimento do homem sobre si está no mundo, na própria natureza humana, que interioriza em si definitivamente o bem e o mal.

Na psicanálise freudiana, o engendramento do ego deve se dar pela consciência da alteridade. Ao emergir o sujeito, numa estruturação de base emocional e intelectual, e ao constatar a existência do outro que foge ao seu domínio, evoca-se a sensação da perda, em uma realidade agora limitada e imperfeita. A dor dessa cisão, junto à memória idealizada da onipotência perdida, da existência auto-suficiente perfeita em uma anterioridade alheia ao próprio sujeito, ilustra uma nostalgia primária e indefinida. Essa melancolia trata da obrigatória *primeira perda fundante e humanizante do sujeito*, que marca a condição de uma dor inevitável e repetitiva e que promove, na individualidade subjetiva emergente, a independência e a liberdade ao torná-la capaz de lidar com a frustração, auto-elaborando todas as perdas e ausências posteriores, inerentes à condição humana no real. Essa dor é, então, imprescindível ao amadurecimento interno do ser humano para *sujeitar-se* à realidade concreta e imperfeita; uma dor funcional e salutar que chama à consciência.

Neste sentido vital também *Aurélia* demonstra como, da realidade melancólica, pode-se extrair uma experiência enriquecedora. A melancolia da geração do desencantamento à qual Nerval pertenceu, bem como a do plano subjetivo, delineia-se em sua obra de forma substancial e intensa, pois espelhada em todos os sentidos da própria vida do autor, interna e externa, concreta e abstrata; no âmbito político, artístico e, fundamentalmente, no sentimental. Exponente de uma triste estrela, o sol negro marcou sua vida e traduziu em criação uma essência melancólica do vazio mais profundo do ser, que se pronunciou sobre o fantasma do desejo insatisfeito e inalcançável e que subsistiu melhor em sua consciência reflexiva do que como fenômeno de sua realidade conjuntural.

Isto é o que se pode extrair da teoria. No cotidiano atual, porém, a subjetividade, a individualidade, o direito ao ócio e à tristeza como um indicador de que algo vai mal e de que é preciso buscar-se mais profundamente para obter respostas – e, infelizmente, parciais ao infinito, uma vez que se está ainda bastante longe deste complexo conhecimento – são banalizados e corrompidos aos olhos do grande público em nome do mercado consumidor que ele significa na estrutura socioeconômica contemporânea. Em direção ao século XXI, trinta e um de março de 1999, publica a *Revista Veja*:

Se não fosse depressivo, Hemingway certamente teria escrito com a mesma qualidade e produzido mais obras, já que não teria cometido suicídio. Sem dúvida, se tivessem tido a chance de escolher [em referência aos grandes artistas], teriam optado por viver e trabalhar sem depressão. É essa a chance que a medicina pode oferecer atualmente para milhões de pessoas (VEJA, 1999, p. 101).

Causa perplexidade a inábil declaração do texto acima com uma postura ingênua a respeito da criação artística e de seus artifícios, o que se considera uma questão de fundo político muito problemática, uma vez que se trata de uma revista de circulação nacional, cujo público de milhares de pessoas acredita estar sendo corretamente informado. Na era do consumismo exacerbado, são consideradas doentes as pessoas que, “mergulhadas numa melancolia atroz que altera seus hábitos de vida, afastando-os do convívio social e do trabalho”, não mais pertencem ao grupo dos que produzem e consomem. A psicofarmacologia, representada pela medicina, será a salvação do próximo milênio, “antes que se imagine um planeta mergulhado numa nuvem negra de habitantes depressivos e sem esperança” (VEJA, 1999, p. 96). A ideologia é clara e vai muito além da necessidade de ajuda ao sujeito que sofre: a situação emocional do indivíduo preocupa na medida em que ele deixa de ser produtivo e, por consequência, consumidor. Ainda a limitação de certos estudos às pesquisas estatísticas e sua indiscriminada utilização não como representante de uma verdade parcial mas absoluta relegam a segundo plano sua função de instrumento epistemológico e corroboram a ideologia do sujeito tornado objeto quantitativo na visão científica e na conjuntura social.

Mas nem tudo está perdido: a matéria jornalística oferece alguma “concessão” à dimensão subjetiva: na sessão “Outros tratamentos”, afirma que a psicoterapia “é considerada importante para *complementar* a ação dos remédios” (VEJA, 1999, p. 96, grifo do autor). Para além da discussão da qualidade da matéria - de capa! - e de como ela venha a alcançar ideologicamente seu público-alvo, sabe-se que a crença generalizada no poder e eficácia do tratamento alopático para todos os males humanos é amplamente difundida e muito comum na sociedade contemporânea.

Didática a alusão de Rubem Alves em seu texto “Dor de idéia? Tome filosofia uma vez por dia”: ele denuncia que, hoje, “dor de idéia” não se cura com idéia, mas com “coisa” (ALVES, 1998). À humanidade oferecem-se milhares de produtos, antídotos-coisas para curar dor-de-idéia, e não apenas dor-de-coisa, dores físicas, materiais. Não se declara com isso rechaço à medicação psicoterapêutica, muito pelo contrário, mas à forma como ela é abordada, vendida, assimilada, utilizada, em detrimento do conhecimento mais profundo do ser humano e de sua própria natureza. Melhor ainda, esta crítica funda-se na visão de mundo estabelecida por uma conjuntura que esmaga seus cidadãos e apaga seus sujeitos nos números e nas cifras. A concepção da melancolia pode tornar-se, neste sentido, também uma questão ética.

A medicina, por exemplo, cada vez mais avançada em tecnologia, salva e prolonga vidas humanas, embora continue inerte ao que transcende a linguagem lógica racionalista, ignorando ainda hoje a dimensão subjetiva que trata da humanidade de um ser integral, como um organismo físico e espiritual – no sentido romântico – e não apenas um corpo dotado de órgãos enfermos e de queixas que o médico tem por função eliminar. Trata-se aqui de uma crítica que não nega o valor da ciência médica empirista, mas, de outro modo, procura apontar, mesmo que ilusoriamente, certos problemas ideológicos que se estendem ao plano social e cultural, a fim de que sua busca interna volte-se a resoluções e passos maiores em direção a um conhecimento mais aprofundado e consciente do ser humano, sem desprezar o que já foi superado pelas ciências humanas, pela filosofia, enfim, pelo conhecimento tanto racional como abstrato – simbólico – que o homem tem de si, de sua espécie, de sua condição, particular e coletiva, no mundo.

O melhor material que se tem até hoje para a pesquisa tende a permanecer encerrado na literatura, na antropologia, na história, na filosofia, etc., ainda que a crítica romântica e a psicanálise desde Freud já tenham indicado este caminho heurístico. O conhecimento vertical do ser humano deve se encontrar em outra esfera que certamente não se limita à dimensão racional-experimentalista como a que se mantém em oferta, sob um discurso científico ideologicamente ultrapassado, embora paradoxalmente sedutor. A ausência de questionamento crítico e a passividade intelectual em diversos campos do conhecimento e de sua aplicabilidade reforçam permanentemente a crença e a segurança generalizada da sociedade na aceitação dos velhos dogmas ainda sobreviventes e garantem

a manutenção das tão complicadas e questionáveis distinções entre saúde e doença, loucura e normalidade.

O problema mais abrangente em relação à hegemonia do discurso racionalista empírico e pragmático e suas conseqüências são reclamados pela psicanálise: deve-se tornar o mundo mais humanitário e trazer para o cerne da questão humana e social a importância da subjetividade. A questão é dar sentido a tanta tecnologia, é saber utilizá-la, sendo crítico sobre sua própria evolução histórica. As grandes projeções e os ideais para esta última virada de século foram de resgatar a humanidade perdida, mas não como no Romantismo. É preciso criar novos recursos, dada a necessária condição de um particular modo de vida em sociedade que se refaz com intensa rapidez. Essa contínua reciclagem deve estar presente na nova forma de olhar para o ser humano e seu papel em comunidade.

Esta abordagem crítica deve estar implicada no campo da psicopatologia, na relação intertextual que se pode estabelecer com as ciências médicas, com o pensamento psicanalítico, com a filosofia e a literatura, sendo capaz de oferecer subsídios para um conhecimento mais crítico e penetrante da tão misteriosa psique humana, bem como para uma visão mais integral do desenvolvimento da cultura.

Ainda,

[...] interessar-se pelo “psicopatológico” constitui uma questão ética e não apenas científica, pois trata-se de determinar a implicação e a responsabilidade do homem com sua própria existência, com seu destino e, a fortiori, com seus gozos e sofrimentos (PEREIRA, 2001).

E como mudar a visão generalizada no seio da sociedade de que a dor deve ser tão simplesmente banida? A dor fala da verdade de algo muito íntimo, e resta saber como poder oferecer a possibilidade ao sujeito de buscar o que ele deseja caso não encontre no momento outro modo de expressão a não ser no próprio corpo, materializando na carne seu desejo, para aludir ao sentido sexual de tal transformação. O que não cumpre meta sexual é a sublimação, portanto, cabe ampliar os caminhos que lhe permitam acesso. Além da criação artística, só o pensar pode oferecer alguma saída, pois permite a elaboração, o autoconhecimento, seja pela fala analítica ou pela escrita. Pelo raciocínio de QUINET (1999), se está claro que não há existir sem dor, que o sofrimento é inerente à condição

humana, não se pode concordar com a instituída necessidade generalizada de banimento dos sintomas das doenças psicopatológicas sem que haja junto a isto uma busca da compreensão do que representa aquela dor para o sujeito.

Para as ciências médicas cujo convencionalismo é a palavra da ordem, parece convir a eliminação do o mal, a dor, a tristeza, com um antídoto, o que não permite ao ser humano pensar sobre si mesmo e o que vivencia ou experimenta como algo que lhe acrescentará um saber, um novo re-conhecimento de si, ainda que se trate de um discernimento profundamente doloroso.

Compete aos profissionais do espaço psicopatológico instrumentos epistemológicos para que possam oferecer ao “paciente” mais do que um simples alívio do sintoma, seja ele a dor ou a tristeza que apaga o indivíduo: que se ofereçam ao *sujeito da dor* caminhos para a escolha do destino que dará a seu desejo. Subvertendo as palavras de Quinet, acredita-se que tem sim o homem o direito de entristecer-se, mas – como para o autor –, não deve acovardar-se: importa o querer saber⁵⁰ e, quando possível, sublimar.

⁵⁰ “Longe de entristecer-se e acovardar-se, querer saber, decifrar, trovar” (QUINET, 1999, p. 12).



***REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS***

- ABRAHAM, K. **Teoria psicanalítica da libido**. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- ALLILAIRE, J.F. Um modelo biológico em psicopatologia: a lentificação depressiva como organização patológica da atividade. In: FÉDIDA, P. **Comunicação e representação: novas semiologias em psicopatologia**. São Paulo: Escuta, 1989, p. 15-26.
- ALVES, R. Dor de idéia? Tome filosofia uma vez por dia. **Correio Popular**, Caderno C, Campinas, 1998.
- BÉNICHOU, P. **L'école du desencantement**. Paris: Gallimard, 1992.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo, Cia das Letras, 1990.
- BORNHEIM, G. Filosofia do Romantismo. In: GUINSBURG, J. (org.) **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1985, p. 74-111.
- CAMPOS, A. In: PESSOA, F. **Obra poética**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1987.
- DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELOUYA, D. **Depressão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- ELIOT, T.S. **De poesia e poetas**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- FÉDIDA, P. **Comunicação e representação: novas semiologias em psicopatologia**. São Paulo: Escuta, 1989.
- FÉDIDA, P. **Depressão**. São Paulo: Editora Escuta, 1999.
- FREUD, S. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1998.
- FREUD, S. Luto e melancolia (Trad. Marilene Carone). In: **Novos estudos**. São Paulo: CEBRAP, 32: 130-42, 1992.
- GAY, P. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. A paixão terna**. V. 2. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- GLYMOUR, C. Los androides de Freud. In: NEU, J. **Guía de Freud**. Gran Bretaña: Cambridge U. P., 1996.
- GUINSBURG, J. (org.). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- GUSDORF, G. **Le romantisme I. Le savoir romantique**. Paris: Payot, 1993.

- JEAN, R. **La poétique du desir**. Paris: Seuil, 1974.
- KIRSCHNER, S. **The religious and romantic origins of psychoanalysis: individuation and integration in post-freudian theory**. Great Britain: Cambridge U. P., 1996.
- KOFMAN, S. **A infância da arte**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- KRISTEVA, J. **Sol negro. Depressão e melancolia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- LAMBOTTE, M. **Estética da melancolia**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- LAMBOTTE, M. **O discurso melancólico: da fenomenologia à metapsicologia**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.
- LÖWE, M., SAYRE, R. **Revolta e melancolia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- LUKÁCS, G. **Teoria do romance**. São Paulo, Editora 34, 2000.
- MACHADO, J. P. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**, [s. l.]: Confluência, 1959.
- MASSON, J. M. (ed.). **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MERRIAM-WEBSTER's **Encyclopedia of Literature**. Massachussetts: MW Publ., 1995.
- NERVAL, G. **Aurélia**. São Paulo: Ícone, 1986.
- NERVAL, G. **As filhas do fogo**. Lisboa: Estampa, 1972.
- NIETZSCHE, F. Fado e História. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Cia das Letras, 1999, p. 168.
- NOMINÉ, B. O eu triste e o eu forte. In: QUINET, A. **Extravios do desejo: depressão e melancolia**. Rio de Janeiro: Marca D'Água, 1999.
- NUNES, B. A visão romântica. In: GUINSBURG, J. (org.). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1985, p. 51-74.
- PEREIRA, M. E. C. A paixão nos tempos do DSM: sobre o recorte operacional do campo da psicopatologia. In: **Les états généraux de la psychanalyse: archives**, www.psychanalyse.refer.org/archives/texte88.html, 2001.

- PERES, U. T. (org.). **Melancolia**. São Paulo: Escuta, 1996.
- PESSOA, F. **Obra poética**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1987.
- PESSOTTI, I. **A loucura e as épocas**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- PESSOTTI, I. **Os nomes da loucura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- PIGEAUD, J. (Trad.) Apresentação. In: ARISTÓTELES. **O homem de gênio e a melancolia: o Problema XXX, I**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998.
- QUINET, A. **Extravios do desejo: depressão e melancolia**. Rio de Janeiro: Marca D'Água, 1999.
- REVISTA VEJA, São Paulo, 31 de março de 1999.
- SHAKESPEARE, W. **Sonhos de uma noite de verão**. São Paulo: L&PM, 2001.
- STAROBINSKI, J. Historia del tratamiento de la melancolia desde los orígenes hasta 1900. **Acta Psychosomatica**. Suiza: [s. e.], n. 3, 1962.
- STEINER, P. Filogênese e nostalgia. In FÉDIDA, P. **Comunicação e representação: novas semiologias em psicopatologia**. São Paulo: Escuta, 1989.



***OBRAS
CONSULTADAS***

- ABRAHAM, N., TÖROK, M. **A casca e o núcleo**. São Paulo: Escuta, 1995.
- ARISTÓTELES. **O homem de gênio e a melancolia: o Problema XXX, I**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998.
- BELLEMIN-NÖEL, J. **Psicanálise e literatura**. São Paulo: Cultrix, 1983.
- BLANCHOT, M. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BLASCO, J. M. El objeto en la melancolía. **V Congreso Internacional Grupo CERO 'Clínica Psicoanalítica'**. Madrid, 9 a 13 de julio de 1997 (Internet).
- BLEICHMAR, H. **Depressão: um estudo psicanalítico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- BOUREAU, A. Le récit réversible. **Poétique**. Paris: Seuil, 44: 463-71, 1980.
- BUCHER, R. **Depressão e melancolia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- CARDORET, M. **La folie raisonnée**. Paris: PUF, 1989.
- CHAMBERS, R. Récits d'aliénés, récits aliénés. **Poétique**. Paris: Seuil, 53: 73-90, 1983.
- CHEMAMA, R. (org.). **Dicionário de psicanálise Larousse**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- Classificação dos transtornos mentais e de comportamento da CID 10**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- CZERMAK, M. **Paixões do objeto**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- DIAS, S. **Paixões do ser: uma captura monstruosa**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.
- DSM IV. **Manual diagnóstico e estatístico dos transtornos mentais**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- EY, H. et al. **Manual de psiquiatria**. 5. ed. Rio de Janeiro: Masson, [s. d.].
- FONYI, A. Nerval: territoires de sa folie. De la sociocritique à la psychanalyse. **Littérature**. Paris: Larousse, 48: 36-56, 1982.

- GARCIA, D. R. **Depresión, manía, melancolía: un estudio psicoanalítico**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1975.
- GARMA, A., RASCOVSKY, L. (org.). **Psicoanálisis de la melancolía**. Buenos Aires: El Ateneo, 1948.
- HACKING, I. **Rewriting the soul. Multiple personality and the sciences of memory**. New Jersey: Princeton University Press, 1995.
- HASSOUN, J. **La cruauté mélancolique**. Paris: Aubier, 1995.
- HOLLIER, D. (org.). **De la littérature française**. Paris: Bordas, 1996.
- JACERME, P. **La folie**. Paris: Bordas, 1989.
- KAPLAN, H., SADOCK, B. **Compêndio de psiquiatria dinâmica**. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- KLEIN, M. **O sentimento de solidão**. Rio de Janeiro: Imago, 1982.
- KLIBANSKY, R., PANOFSKY, E., SAXL, F. **Saturn and melancholy**. Liechtenstein: Kraus Reprint, 1979.
- KRAEPELIN, E. **La locura maniaco-depresiva**. Buenos Aires: Polemos, 1996.
- KRISTEVA, J. **As novas doenças da alma**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- KURY, J. A., PÉREZ, C. **Desenvolvimentos em psicopatologia psicanalítica**. São Paulo: Papyrus, 1988.
- LAMBOTTE, M. Melancolia. In: KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Sigmund Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LANTERI, J., FONTENAY, E. Du travail du deuil à la résurrection de l'écriture: *Aurélia*. **Littérature**. Paris: Larousse, 75: 72-8, 1989.
- LAPLANCHE, J. **A angústia**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- LAPLANCHE, J., PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LEITE, M. P. S. **O deus odioso: psicanálise e representação do mal**. São Paulo: Escuta, 1991.

- LEPENIES, W. **Melancholy and society**. London: Harvard University Press, 1992.
- LIMA, A. A. S. et al. **Pulsões: uma orquestração psicanalítica no compasso entre o corpo e o objeto**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- MANN, T. A posição de Freud na moderna história das idéias. In: ANATOL, R. **Ensaio**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- MODELL, A. H. **Amor objetal e realidade: uma introdução à teoria psicanalítica das relações amorosas**. Rio de Janeiro: Imago, 1973.
- NEMIAH, J. C. **Fundamentos de psicopatologia**. Rio de Janeiro: Zahar, [s. d.].
- NERVAL, G. **Aurélia**. Paris: Libro, 1996.
- NERVAL, G. **Sílvia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- NEU, J. (org.). **Guía de Freud**. New York: Cambridge University Press, 1991.
- PEREIRA, M. E. C. Melancolia e subjetivação em Aurélia de Gérard de Nerval. In: BARTUCCI, G. (org.). **Psicanálise, Literatura e Estéticas da Subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 223-47.
- PRAZ, M. **A carne, a morte e o diabo na literatura romântica**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996.
- SARTRE, J. P. **Esquisse d'une théorie des émotions**. Paris: Hermann, 1975.
- SOLER, C. **Estudios sobre las psicosis**. Buenos Aires: Manantial, 1993.
- SOUZA, A. M. **Os impasses do amor**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- TELLENBACH, H. **La melancolía**. Madrid: Morata, 1976.
- TRILLAT, E. **História da histeria**. São Paulo: Escuta, 1991.
- TRITSMANS, B. Le discours du savoir dans *Aurélia*. **Littérature**. Paris: Larousse, 58: 19-28, 1985.
- TRITSMANS, B. Nerval et l'indetermination textuelle. **Poétique**. Paris: Seuil, 60: 423-36, 1984.
- TRITSMANS, B. Système et jeu dans *Sylvie*. **Poétique**. Paris: Seuil, 65: 77-89, 1986.
- WILLEMART, P. **Além da psicanálise: a literatura e as artes**. São Paulo: Nova Alexandria, FAPESP, 1995.